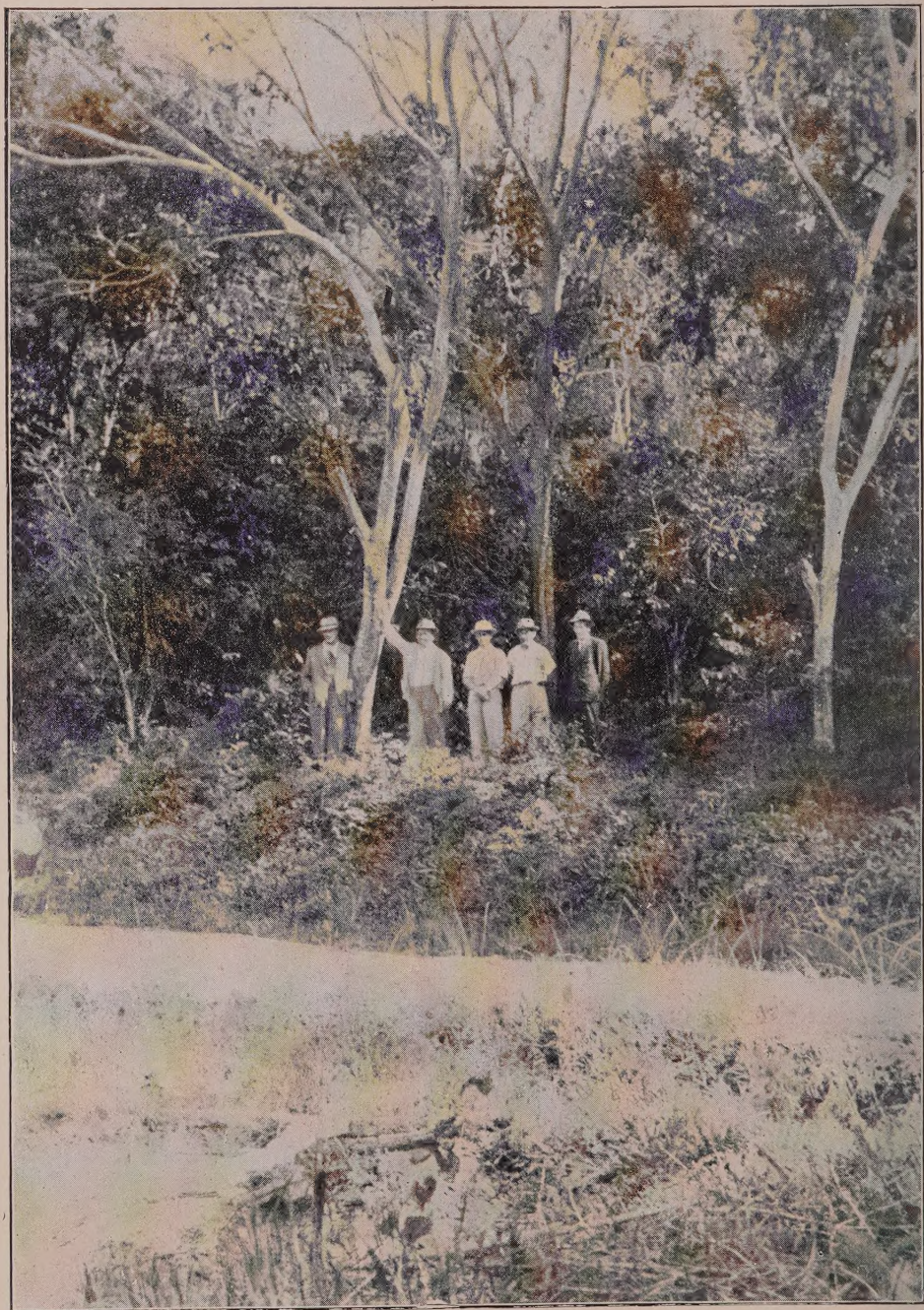
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXIX • JANEIRO DE 1954 • N.º 323

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXIX	JANEIRO DE 1954	Número 323

Sumário

NOSSA CAPA: — Vista geral de uma fazenda de café — Estado de São Paulo.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

VELHAS E NOVAS ZONAS CAFEEIRAS -- O PARANÁ

JOSÉ TESTA

Ao mesmo tempo em que novas áreas cafeeiras se vão abrindo no país, passam as zonas velhas a merecer especial cuidado de antigos fazendeiros e de técnicos especializados em defesa do solo, adubação e irrigação, no sentido do reaproveitamento dessas terras que, depois de ostentarem, por muitos decênios, pujantes cafèzais, viram-nos substituidos por outras culturas ou por pastagens, cerrados e capoeiras. A arrancada em busca de terras novas, de mata, onde o cafeeiro sempre prosperou admiràvelmente, prossegue em várias áreas pioneiras: norte e oeste do Paraná, norte do Espírito Santo, sul e centro de Mato Grosso, sul e centro de Goiás, oeste de São Paulo e região do rio Doce, em Minas Gerais. E, concomitantemente, nas velhas áreas cafeeiras de São Paulo, Minas e Estado do Rio, em terras "cansadas", às vezes erosadas, uma nova cafeicultura surge, organizada em bases estritamente técnicas, com defesa do solo, farta adubação orgânica e química, plantio por novos processos, com linhagens selecionadas e, às vezes, até com irrigação. Novos cafèzais formados com essa nova técnica, nas velhas terras, surgem magníficos e altamente produtivos, chegando alguns dêles, precocemente, a equiparar-se às vicejantes plantações do norte do Paraná.

Da adoção simultânea dessas duas práticas e do choque, por assim dizer, dessas duas tendências, surgiram concepções opostas: alegam os restauradores das antigas zonas cafeeiras que cumpre fixar o homem à terra, corrigindo o êxodo cada vez maior dos que buscam as áreas novas; que aquelas regiões, providas de ótimas terras e apenas se encontrando momentàneamente cansadas pelos máus tratos recebidos, possuem bôas aguadas, ótima rêde de estradas, cidades prósperas, rêde bancária, proximidade dos grandes centros e dos maiores portos, não se podendo deixar perecer uma zona nessas condições em favor de regiões distantes, com longuíssimos percursos ferroviários e rodoviários e que têm ainda contra si o fato de representarem um fator de destruição acelerada dos nossos últimos recursos florestais. Retrucam os pioneiros que o café se dá muito melhor nas zonas novas, em terras virgens, de matas recém-derrubadas, compensando largamente os maiores fretes; que a destruição das matas é imprescindível à marcha da civilização, a qual não se poderia estabelecer no meio da floresta virgem; que necessário se torna efetuar a conquista, para a economia nacional, de todo o território pátrio, não se podendo permanecer apenas na exploração do litoral ou das zonas circunvizinhas; e que, além de tudo, são exatamente essas áreas as de terras mais férteis, produzindo em regra três vezes mais que as melhores das zonas velhas.

Como se vê, são duas tendências dignas de exame, possuindo cada qual seus argumentos objetivos e convincentes.

Nossa opinião, no caso, é que ambas essas diretrizes se justificam. Quanto à restauração das zonas velhas, não serão necessários argumen-

tos em seu favor, tantas e tão claras são as vantagens da recuperação, para a economia nacional, de terras tão bem situadas e por assim dizer perdidas, devido à sua dilapidação, ao seu precoce esgotamento. E, com referência ao desbravamento dos sertões, acreditamo-lo um fenômeno incoercível, principalmente em razão das vantagens que proporciona aos pioneiros, sendo apenas necessário que êsse desbravamento obedeça a um mínimo de princípios disciplinares realmente indispensáveis, principalmente os que se entendam com a defesa dos próprios cafèzais futuros, do solo e das florestas que possam e devam ser mantidas.

Se essas considerações são cabíveis a tôdas as áreas pioneiras que mencionámos, elas se aplicam mui especialmente ao norte e, já agora, também ao oeste do Paraná. O fenômeno da expansão cafeeira paranaense é algo de miraculoso, de inimaginável. E' uma verdadeira epopéia, a que estão ligados nomes de todos os quadrantes do país e do estrangeiro. Mas, como sabemos, nem tôdos os cafèzais, ali, estão sendo plantados onde e como deviam, pois nem tôdos os terrenos são inteiramente aconselháveis. Teremos, assim, cafèzais fàcilmente perecíveis, ou não muito produtivos, formados em detrimento de outras culturas mais aconselháveis, ou mesmo em prejuizo de florestas que não deveriam ter sido sacrificadas. Desde que medidas aconselháveis sejam adotadas com relação a essas novas áreas do expansionismo cafeeiro, não vemos como condenar-lhes o desenvolvimento. Êle não cerceará o movimento de restauração das zonas velhas, a menos que êste não tenha base para subsistir. Mas, nesse caso, a questão estaria decidida por seus próprios méritos.

———o———

AS FERTILIZAÇÕES EM TERRAS TROPICAIS E SUB-TROPICAIS

J. BEMELMANS
Engenheiro Agrônomo

No magnífico trabalho do Dr. M. FERRAND, conselheiro agronômico do Instituto de Pesquisas para os óleos e as oleaginosas, de Paris, sôbre as adubações na Ãfrica (5) encontramos a confirmação das observações feitas em nosso país.

O Dr. FERRAND lembra as magníficas florestas das terras virgens e o equívoco resultante por se ter julgado que essa vegetação era possível devido a uma fertilidade excepcional da terra — não se compreendeu logo que essa vegetação luxuriante era o resultado de um ciclo vegetativo fechado (floresta-terra-floresta) onde uma quantidade mínima de elementos nutritivos era suficiente à sua manutenção. De fato êsses elementos N-P-K-Ca não eram retirados do ciclo, voltando cada ano a uma nova assimilação graças à formação do húmus (sarapueira) e à bôa retenção das águas de chuva, tanto na folhagem como nos resíduos orgânicos e no solo. Os raios solares não atingem o terreno, o que conserva sobremaneira a umidade e a vida microbiana indispensável à solubilização dos elementos necessários à vida das plantas.

Em zonas quentes e muito úmidas essa cobertura do solo impede também a laterização das argilas, verdadeira senilidade pedológica das terras.

Em zona temperada as argilas são da família das montmorilonitas, com grande poder de retenção das bases trocáveis, enquanto nas zonas tropicais e sub-tropicais as argilas são da família da caolinita, possuindo essas qualidades em grau ínfimo.

Nas zonas quentes o calor e a umidade favorece a fermentação constante das matérias orgânicas e em solos descobertos a acidificação do terreno é forte. A desagregação dos elementos minerais é dez vêzes mais rápida do que no Europa e sua dissolução e lixiviação para as camadas profundas da terra é grande devido às chuvas diluvianas características dos climas quentes.

Pode-se afirmar que a intensidade dêsses fenômenos destrutivos, tanto da matéria orgânica como da matéria mineral, é inversamente proporcional à cobertura do terreno. Mais a cobertura é forte, mais a temperatura do solo é baixa: 24°C sob florestas, 27° a 30° sob uma boa cobertura herbácea; 40 a 45° em terra nua. A cobertura diminue também a erosão devida à chuvas.

O ideal seria pois manter o terreno sempre protegido do excesso dos raios solares, do calor e do vento, isto por meio de uma cobertura de massa orgânica, chamada "mulch" em inglês. E' o tema principal do famoso livro de Edw. H. FAULKNER "Plowman's folly" (4) Sem chegar ao extremo dêsse autor, de condenar a aração (êle só trabalhou com culturas hortícolas manuais), deve-se todavia retardar o mais possível a

aração antes da semeadura, pois observações bem feitas assinaladas por B. A. KEEN (6) da estação de Rothamsted mostraram o êrro da prática secular da aração muito antecipada.

Se nas zonas temperadas essa prática é mais compreensível, nas zonas tropicais ela deve ser condenada, para não degradar o terreno pela sua exposição a agentes climáticos violentos (sol, vento, chuva).

Quando o sombreamento do cafeeiro dá resultado, é sempre devido ao húmus protetor formado na superfície da terra e à menor intensidade do calor no solo mas não à sombra dada ao cafeeiro, pois êste é árvore essencialmente de sol.

Qualquer planta de cobertura do solo, quando bem cultivada poderá trazer resultados iguais ou superiores, visto como não fazem sombra que prejudica a floração. Entre essas plantas citaremos: trevo subterrâneo, feijão de pôrco, soja, mucuna anã etc.

Todo lavrador deve escolher aquela que melhor se adapta à sua terra e clima.

Aconselhamos sempre a experimentação local de diversas plantas, em quinhentos ou mil pés cada uma.

Na época da floração máxima essas plantas de cobertura são cortadas com enxada, ou amassadas com o rôlo de facas ou com grade de discos.

O Serviço do Algodão do Instituto Agronômico de Campinas preconiza pràticamente o mesmo sistema para as culturas anuais, plantando entre o milho (que deve entrar nas diversas "rotações", constituindo uma das "fôlhas"), no fim da polinização, uma leguminosa de cobertura.

Logo após a colheita passa-se por cima uma grade de discos ou melhor ainda, o rôlo de facas. Isto será o suficiente para iniciar a decomposição dessa massa orgânica, e manter o terreno coberto e fresco durante o inverno todo. Cada mês poderá ser feita uma passagem de rôlo de facas para acelerar a formação de húmus, permitindo o preparo satisfatório do solo poucos dias antes da semeação sem emprêgo do fogo, êsse tremendo destruidor do "capital terra" da Nação.

Até aqui tratamos do aspecto orgânico da fertilização na sua parte mais econômica (2) isto é de produção de matéria orgânica no próprio local onde deve existir.

Porém essa fertilização, ótima para o melhoramento do estado físico do solo, contém elementos minerais em quantidades insuficientes para a vida e o crescimento das plantas e colheitas; e principalmente contém êsses elementos em **proporção inadequada.**

Deve-se pois corrigir essa adubação orgânica por meio de adubos químicos, os únicos capazes de fornecer elementos nutritivos de uma maneira concentrada, assimilável e por conseguinte prática.

O emprêgo do adubo químico **em conjunto** com o adubo orgânico (estêrco, composto, tortas etc) é o método certo e de resultado garantido, logo econômico, no sentido de rendoso.

Se êste processo é o comum nas zonas temperadas, onde o húmus é muito menos destruido pelo calor (que ativa a fermentação); pelos raios solares mais brandos; pelas chuvas muito menos violentas; com maior razão êle deve ser usado nas zonas tropicais e subtropicais onde

os solos são geralmente muito mais pobres, após alguns anos da derrubada do mato.

O ponto primordial na adubação química é certamente a **proporção exata** que deve existir entre as partes assimiláveis dos quatro elementos maiores em nosso país N-P-K-Ca. Isto porque existem interações entre êsses elementos que influem grandemente sôbre a absorção do alimento considerado. Por exemplo a falta ou o excesso de cálcio diminue a absorção da potassa (K).

Há também o efeito relativo, por exemplo nas relações Ca/Mg muito precisas para cada planta: a falta de Cálcio pode provocar um excesso de Magnésio que por sua vez poderá influenciar a absorção do Potássio.

Vemos bem assim que não é possível falar em adubações unilaterais; de um único elemento, especialmente em serviços de pesquisas.

Em casos particulares, especialmente quando a acidez é elevada (pH baixo) e falta matéria orgânica, devemos pensar ainda nos possíveis efeitos dos elementos menores e particularmente do magnésio (Mg), do enxofre (S), do Boro (B) e do manganês (Mn).

Tanto um excesso como a falta de um elemento pode prejudicar a produção.

Como os métodos de análises químicas do solo ainda não permitem garantir os resultados, mas podem auxiliar no estabelecimento da fórmula provável de adubação, recomendamos manter na fazenda um pequeno campo de experimentação, para estudo da fórmula produzindo o máximo econômico para determinada cultura. Porque em última análise, ainda é a planta que melhor indica a proporção certa necessária.

Concluindo devemos nos convencer que:

1.º) a adubação orgânica e a adubação química são complementos uma da outra;

2.º) a adubação química deve ser completa, e muito bem equilibrada.

Não esquecer que o excesso de um elemento mineral pode as vêzes provocar perturbações tão grandes quanto sua carência.

BIBLIOGRAFIA

1. A Agricultura em São Paulo: Custo de Produção do Composto. Ano III n.º 7 — São Paulo, julho de 1953: 31-39.
2. A Agricultura em São Paulo: - Custo e Vantagens da Adubação Verde. Ano III, n.º 9 — São Paulo, setembro de 1953: 14-18.
3. BEMELMANS, J. -- Experiências de adubação no terreno — Boletim da Superintendência dos Serviços do Café n.º 319 e 320; São Paulo, setembro de 1953: 9-14; outubro de 1953: 17-24.
4. FAULKNER, Edward H. — Plowman's folly.
5. FERRAND, M. — La fertilisation des terres tropicales — Presses Documentaires — Paris 1953.
6. KEEN B. A. — Qualques progrès scientifiques en matière d'Agriculture (publicado sob os auspícios da UNESCO) Dunot-Paris, 1950.

A CONSERVAÇÃO DO SOLO

O Sr. **Mota Sobrinho,** cafeicultor em Pinhal, é um dêsses raros nomes que vivem os dois aspectos da agricultura: o teórcio e o prático.

Lendo e acompanhando tudo o que se escreve sôbre o cultivo da terra, escrevendo, êle próprio, substanciosos trabalhos relativos ao assunto, fá-lo, todavia com o conhecimento direto e pessoal da questão, de vez que nunca abandonou a gleba e nela moureja diuturnamente. Daí o mérito de suas observações, uma das quais estampamos, à seguir.

Tenho acompanhado os concursos organizados pela Secretaria da Agricultura, entre os lavradores paulistas, para a conservação do solo em suas lavouras. Ha três ou quatro anos que os representantes da Secretaria conferem prêmios, em diversos municípios; prêmios que indenizam, em parte, o penoso trabalho e que estimulam, no prosseguimento da patriótica tarefa. Entretanto, o município de Pinhal, um dos mais montanhosos do Estado e onde ainda existem onze milhões de cafeeiros, não tomou parte em concurso algum, até hoje. Aqui funciona uma Casa da Lavoura, e existem cêrca de 500 propriedades agro-pecuárias bem organizadas, onde os diversos trabalhos pela conservação do solo têm sido um dos problemas.

O esquecimento deste município naqueles concursos é, pois, mais que uma lacuna; é uma verdadeira mácula na assistência do govêrno à produção agro-pecuária. E essa produção, em Pinhal, é uma das melhores do Brasil. Na Exposição Nacional de Animais, de 1951, à qual compareceram rebanhos de afamadas regiões criadoras, alguns espécimens dêste município conseguiram o primeiro prêmio! No mercado cafeeiro de Santos, o maior do mundo, os cafés de Pinhal são tão apreciados que chegam a obter, por saca, duzentos cruzeiros mais, que a base oficial!

Quanto ao café, principalmente, conhecida a avidez do consumidor americano pelos cafés finos e, conhecida a avidez do Brasil pela moeda americana, o fomento à maior lavoura cafeeira da zona Mogiana, que é a lavoura de Pinhal, terá grandes reflexos na economia nacional.

Quais serão os motivos que levaram os agrônomos oficiais a riscar da lista dos municípios assistidos, justamente aquêle que mais precisa de uma assistência? Creio que posso esclarecer essa pergunta.

Como se sabe, o solo se desgasta de duas maneiras principais, além do desgaste pela produção: perdendo fertilizantes dissolvidos nas águas que escorrem pela superfície e, nas águas que se infiltram profundamente, onde ficam inacessíveis ao sistema radicular das plantas. Ora, a conservação do solo, preconizada pela maioria dos agrônomos oficiais, restringe-se a combater as enxurradas, por meio de cordões de contôrnos; relativamente ao desgaste pela percolação, o interêsse é muito menor. A campanha em favor dos cordões de contôrno, sem outros requisitos que impeçam a erosão parcial entre os cordões é uma prova do que digo; porque nos referidos cordões, uma grande massa de água e terra vegetal fica depositada horas ou dias, o que não pode deixar de aumentar a percolação.

Como resultante do que aí ficou exposto, conclue-se que nos terrenos mais permeáveis e, portanto, mais sujeitos à exersiva infiltração, a defesa completa do solo deve ser feita represando, a menores espaços, a água das chuvas ou da irrigação; o sistema de um pequeno cordão ao lado inferior do cafeeiro é o ideal: a água é repartida em pequenos volumes, com a maior uniformidade, beneficiando todos os cafeeiros; ao contrário dos cordões em contôrno, que a represam em grandes quantidades, muito distantes entre si.

Êsse é um dos motivos que têm desaconselhado a prática dos cordões em contôrno nos nossos cafèzais; outro, é a topografia da região, excessivamente montanhosa, e onde nem sempre os referidos cordões têm eficiência.

Ora, não havendo aqui interêsse pelos proclamados cordões e não havendo entre os funcionários da Secretaria, aqui destacados, a curiosidade de uma adaptação às condições do meio, eles concluem que a lavoura de Pinhal ainda não tem a receptividade necessária para métodos mais adiantados; e, diante disso, fecham-se em copas. A lavoura de Pinhal que progrida e que atinja um nível superior de cultura, para procurar os modernos métodos de conservação do solo.

Eis aí, ao que penso, os motivos que têm conservado inativa a Casa da Lavoura de Pinhal, nesta fase febricitante de fomento à produção agro-pecuária, que é a fonte da nossa exportação e a fonte das divisas do Brasil.

Interessa, pois, mais ao govêrno que a Pinhal mesmo, uma assistência cuidadosa aos seus lavradores.

Resumos e Transcrições

ADUBOS ESTRANGEIROS PARA OS CAFEICULTORES

Importante acôrdo entre o Ministério da Agricultura e o Instituto Brasileiro do Café — Venda do adubo pelo custo do produto

Importante acôrdo foi firmado entre o Ministério da Agricultura, representado pelo seu titular sr. João Cleofas e o Instituto Brasileiro do Café, pelo seu presidente, sr. João Pacheco e Chaves, visando a execução de um plano de recuperação da lavoura cafeeira. O texto do acôrdo é o seguinte:

"Considerando o estado atual da lavoura cafeeira, em sua maior área com baixa produção e mesmo, em muitos casos, apresentando resultados anti-econômicos; considerando que motiva essa baixa produtividade principalmente o esgotamento do solo pela retirada de sucessivas colheitas e efeitos da erosão; considerando as dificuldades que têm tido os agricultores para promover a adubação de seus cafèzais, não só pelo elevado custo dos adubos, mas, também, pela sua difícil obtenção; considerando que a ação dos órgãos governamentais no sentido de facilitar o emprêgo de adubos além de oportuna, trará benefícios inúmeros não sòmente à lavoura, como às entidades ligadas à cafecultura; considerando a possibilidade de ser feita uma fórmula de adubos minerais de comprovada eficiência e de baixo custo para ser vendida aos cafeicultores, resolve:

1) O Ministério da Agricultura e o Instituto Brasileiro do Café tomarão as medidas necessárias para preparo de 50.000 (cinquenta mil) toneladas da fórmula de adubo a ser indicada ;

2) O custo total das 50.000 toneladas será aproximadamente, de Cr$ 100.000,00 (cem milhões de cruzeiros), importância esta que será da respensabilidade do Ministério da Agricultura e do Instituto Brasileiro do Café, em partes iguais;

3) A importância de Cr$ 100.000,00 (cem milhões de cruzeiros) será recuperada pela venda do adubo aos lavradores.

4) O Ministério da Agricultura promoverá as medidas necessárias à obtenção das cambiais, para importação dos adubos estrangeiros, que orçarão em aproximadamente Cr$ 50.000.000,00;

5) Uma vez importados, serão os adubos entregues, mediante contrato, a uma firma misturadora, que providenciará a fabricação da fórmula, o ensacamento e a remessa, para os locais designados de comum acôrdo pelo Ministério da Agricultura e pelo Instituto Brasileiro do Café;

6) A venda dos adubos será feita aos cafeicultores, indistintamente, pelo Ministério da Agricultura ou pelo Instituto Brasileiro do Café, havendo, porém um órgão controlador único, que será o executor deste Acôrdo, e cujo representante em cada Estado cafeeiro será o Chefe do Escritório do I. B. C.;

7) O preço de venda será estabelecido pelo Ministério da Agricultura e I. B. C. e será limitado apenas à cobertura do preço de custo do produto;

8) O pagamento das encomendas será feito antecipadamente pelos lavradores;

9) O Ministério da Agricultura fornecerá requisição de transporte desde a fábrica ou depósito até a estação férrea mais próxima do destino da encomenda;

10) O preço das vendas será atribuido em partes iguais ao Ministério da Agricultura e ao I. B. C.;

11) A quantidade a ser fornecida a cada lavrador será, no máximo, correspondente a meio quilograma,por ano, de adubos por cafeeiro de sua propriedade ou exploração agrícola;

12) Para maior facilidade da distribuição dos adubos, poderão ser instalados postos nas zonas cafeeiras onde exista possibilidade de armazenar o produto;

13) Para a execução do presente acôrdo será nomeada uma Comissão de três membros, sendo um representante do Ministério da Agricultura, outro do Instituto Brasileiro do Café e o terceiro, com as funções de presidente, indicado pelas duas partes, de comum acôrdo".

(Da A Gazeta 5-12-53)

O PRECEITO DO DIA

ALCOOL E DOENÇAS INFECCIOSAS

Contra o ataque das doenças infecciosas, o organismo dispõe de defesas naturais que o álcool enfraquece e até destrói. Na prevenção de tais doenças, cumpre evitar bebidas alcoólicas.

Mantenha o organismo em condições de resistir às infecções, não tomando bebidas alcoólicas. — SNES.

CAFÈZAIS PAULISTAS

Um telegrama de Londres resumiu o relatório dos diretores da "Cambuhy Coffee ond Cotton Estates" ou "Companhia Agrícola Fazendas Paulistas", como é conhecida entre nós, a respeito da situação do café e do algodão em São Paulo e no Brasil. "Uma alteração radical no clima ameaça a supremacia mundial que o Brasil mantém na produção do café — diz o resumo que ontem publicamos. No transcurso dos últimos 25 anos, a queda média de chuva diminuiu bastante no Sul do Brasil. No rico Estado de São Paulo, a sêca aumentou de modo alarmante, desde 1940". Como causa da diminuição das chuvas, alega-se derrubada das matas além de um ciclo climático, o que vem obrigando os lavradores a recorrer á irrigação. Como exemplo indiscutível de decadência da produção, a Companhia informa que na safra que terminou se colheram naquela grande propriedade apenas 20 por cento da média anual obtida no período aureo, que foi o de 1925-1939.

A Companhia Agrícola Fazendas Paulistas — dirigidas por homens de grande responsabilidade — é uma das maiores emprêsas do nosso Estado. Suas terras são favorecidas por um trabalho de conservação e recuperação que não encontra paralelo nas lavouras de terras semelhantes. A organização compreende 5.041.000 cafeeiros, sendo mais de quinhentos mil pés novos, plantados em curva de nível, e os demais protegidos contra as enxurradas e a erosão por cordões de contôrno. Além disso conta aquela propriedade agrícola com milhares e milhares de plantas cítrícas, mais de 1.500.000 pés de sisal, e milhares de cabeças de gado bovino. Certa feita, após visitar essa notável propriedade, dissemos que "a Companhia empenha o principal dos seus esforços no trato do cafèzal, sua maior fonte de renda, que ela busca defender contra os maus efeitos das crises que assolaram a agricultura das terras arenosas, o esgotamento do solo, e as estiagens prolongadas". E de fato, o preparo do adubo orgânico "composto" assume ali proporções incomuns e no plano de trabalhos de 1952 figurava a produção de 20.000 toneladas desse adubo para aplicação em milhões de cafeeiros. Além disso, outros milhões de cafeeiros recebem todos os anos uma adubação verde, com o feijão fradinho da variedade "Brabham", importada dos Estados Unidos. Essa variedade tem produzido excelentes resultados nas terras da "Cambuhy", em Matão, que são as mesmas a cobrirem extensas regiões da Araraquara, da Douradense, da Noroeste, da Alta Paulista e da Alta Sorocabana.

Não satisfeita com isso, e provàvelmente impressionada com os resultados que agora com realismo divulgou num relatório, a organização firmou em 1952 um contrato com um instituto de pesquisas, subsidiário da Fundação Rockefeller — o "IBE Research Institute (I.R.Iã)". No mesmo dia em que se divulgava o relatório que analisamos, quatro dêsses técnicos visitavam o sr. secretário da Agricultura, pondo-o a par do seu programa de atividades. Desde há algum tempo, portanto, as Fazendas "Cambuhy" (ou Fazendas dos Ingleses, como são mais conhecidas pelos moradores da região) funcionam como uma verdadeira estação experi-

mental de pesquisas agronômicas, sendo assim capaz de proporcionar bases seguras para estudos, observações e análises não sòmente de carater teórico, mas do maior alcance prático.

Mas os cafèzais paulistas precisam sobreviver. Até quando continuarão os nossos govêrnos indiferentes aos efeitos calamitosos que as derrubadas das matas, as estiagens, as geadas, as enxurradas, a erosão e tantos outros males vão causando à nossa principal lavoura? O relatório da grande organização britânica contém séria advertência, que deve ser ouvida.

Do "O Estado de São Paulo", 29-11-53)

PASTA DE CAFÉ EM TUBOS

NOVAS EXPERIÊNCIAS DA CIÊNCIA TÉCNICA ALEMÃ

A "Frankfurter Allgemeine Zeitung", um dos mais importantes órgãos da Alemanha Ocidental, publica as seguintes informações que consideramos de grande interêsse para os círculos ligados à nossa economia cafeeira:

O professor dr. Emil Kirchbaum e o dr. Herbert Schmidt, diretores do Instituto para a Construção de Aparelhos e Sistemas Técnicos, instituto êsse que completou agora 25 anos de existência como parte da Escola Superior Técnica de Karlsruhe, relatam na revista "Chemie-Ingenieur-Technik" as experiências que foram realizadas com êxito para conseguir um melhor rendimento de café torrado. Trata-se de experiências, nas quais foram moídos pó de café sêco e café torrado pré-moído, misturado com água, de maneira a permitir que a "massa" de café, assim obtída, pudesse pelo acréscimo de água quente ou fervente, ser transformada em "bebida turva", como o cacau, que é bebida tomada pelos consumidores em geral. As experiências mostraram que o rendimento da "pasta de café" é mais de um terço maior, ou seja, exatamente, quarenta por cento, do que o do café normal finamente moído. Isto equivale a um correspondente aumento do conteúdo aromático, do sabor e do efeito estimulante do café.

A questão se o café, para a consecução de um maior rendimento e efeito estimulante, deveria ser moído tão fino quanto o cacau, já vinha sendo levantada pelas donas de casa, há muito tempo. Entretanto, de igual importância para as experiências do professor Kirschbaum era o valor medicinal e terapêutico do café, que, entre outras contém matérias que são de importância para as funções intestinais e do estômago.

Os extratos de café em pó, que vinham sendo oferecidos no mercado, são fabricados por complicados processos industriais, em virtude dos quais, de acôrdo com pesquisas científicas, ficam diminuidos o aroma e o sabor do café, mesmo quando se acrescentam, para a manutenção do aroma, hidrátos de carbono. Enquanto os fragmentos dos grãos, no café moído na maneira habitual, têm um tamanho de três a quatro milímetros, procurou-se conseguir, nas experiências realizadas em Karlsruhe, não sòmente um despedaçamento dos grãos de café até o tama-

nho dos grãos do pó de cacau (1 a 2 centesimo de milímetro), mas uma moagem dos grãos tão fina que o pó viesse a formar pasta.

Em várias experiências alcançou-se êsse objetivo mediante a utilização de um tipo de moinho chamado "moinho centrífuga", de porcelana, dentro do qual, ao café torrado, antes da moagem, foi acrescentada água, para evitar que a "massa" do café se apegasse às paredes. Entre as bolas de porcelana que, continúamente, se chocaram no moinho, foi o café espedaçado e esmagado. Conseguiu-se uma pasta semilíquida, cujas partículas tinham um tamanho médio de, no máximo, quatro milésimos de milímetro. O sabor desta pasta de café era puro e sem sabor secundário, sendo sua côr parecida com a de café e leite.

Ao passo que o café comum bem moído, de partículas de um tamanho de três a quatro décimos de milímetro, oferece mais ou menos 25 por cento de matérias extraíveis, o café de partículas de 2 centésimos de milímetro fornece 30 por cento de matérias extraíveis. Café, entretanto, cujo grau de despedaçamento é ainda 50% maior e que contém partículas de um tamanho médio de apenas 1 centésimo de milímetro, oferece 35 por cento de matérias extraíveis.

A pasta de café, produzida no "moinho centrífuga", (um produto caro de uma fábrica na Alemanha ocidental), corresponde, em seu rendimento, no mínimo, ao do café moído em partículas de um centésimo de milímetro. A bebida que se prepara desta pasta possui um bom aroma e o sabor legítimo de café. Em futuro próximo, pois, quem estiver inclinado a tomar uma bebida turva, ao invés de uma clara, não tirará mais os grãos de café de uma sacola, mas sim se servirá da pasta de café em tubos, pronta para ser fervida".

(Do "Estado de São Paulo")

O PRECEITO DO DIA

BANHO DIARIO

Banhar-se é o principal meio de manter a pele limpa e saudável. Além disso, o banho tem, sôbre a pele e vários órgãos, efeito tônico e estimulante e, sôbre o sistema nervoso, ação calmante.

Inclua entre seus hábitos pessoais o de tomar banho diàriamente. — SNES.

IRRIGAÇÃO DOS CAFÈZAIS

JOSÉ L. PAPOUSEK
Engenheiro

A irrigação por aspersão é hoje reconhecida como das mais importantes para melhorar o rendimento dos cafèzais. Combinada com uma adubação adequada, provou ser decisiva também na recuperação da produtividade. Mas, como, a adubação, a irrigação tem de ser perfeita.

Muitas instalações já foram empregadas, dando ótimos resultados mas, também algumas falharam, porque fatores importantes não foram estimados no planejamento e que exercem grande influência sôbre o êxito do empreendimento. Tais fatos não surpreendem, porque o planejamento segue muitas vezes as instruções de fabricantes que desde que conhecem as condições peculiares para a cultura do café no Brasil.

Há grande diferença em projetar uma instalação para irrigar grandes pastos ou qualquer cultura em terras mais ou menos planas, pouco acidentadas e, cafèzais em grande extensão de superfície e em declive.

O café no Brasil e, especialmente, no Estado de São Paulo, é em geral plantado em declives, nas encostas de morros, proporcionando grande diferença de nível entre a fonte de água e o ponto mais alto de distribuição da chuva, tendo, assim, de vencer alturas exageradas. Neste caso, todo cuidado é pouco no planejamento e não é possível seguir qualquer regra esquemática ou rotineira; cada projeto tem de ser elaborado individualmente.

Para irrigar tôda a extensão de uma área dentro de certo tempo com uma chuva suficiente, exige seu volume d'água.

Levar esta água através de terreno acidentado em altura e distância até o extremo a ser alcançado, ocasiona enormes perdas pelos atritos na passagem d'água pelos tubos condutores.

O estado da superfície das paredes internas de tubos, seu diâmetro certo, a velocidade de passagem d'água dentro dos tubos, estão ìntimamente ligados com o volume necessário e a pressão, são fatores, que, às vezes, não são tomados na devida consideração.

Em geral, são também excessivas as perdas ocasionadas pelas multiplas curvas e mesmo do ziguezague em que são assentados os tubos. Há casos em que, para diminuir o custo da instalação, empregam-se motobombas de menor capacidade de pressão, desejando movimentar grandes volumes d'água com pressão, de 40-50 libras, o que conduz à ineficiência da instalação.

Motobombas possantes são necessárias para vencer todos os obstáculos, montadas em grupos ou, como é preferível, divididas em dois ou mais grupos montados em paralelo.

O recurso de intercalar pequenas motobombas nas linhas mestras sòmente pode criar aborrecimentos.

Apareceram em São Paulo casos de instalações deficientes os quais deram origem às reclamações, na II Mesa Redonda Regional de Con-

servação do Solo, em São José do Rio Preto: — "Certas firmas particulares, no afã de venderem conjuntos para irrigação a preços mais convenientes, descuidam da parte técnica que o assunto exige, oferecendo, às vezes aparelhagem em completo desacôrdo com as indicações técnicas".

Não é de admirar que tal suceda, porque nem todos os fornecedores dispõem de pessoal habilitado para a elaboração de projetos.

Além de todas as dificuldades mencionadas para projetar uma instalação de irrigação por aspersão, há ainda um fator importante, ao qual até agora não foi dispensada a devida atenção: — é o "Aspersor".

Existe grande variedades de tipos, conforme as necessidades da lavoura do país de origem.

Para irrigar pastos, culturas de certas hortaliças ou culturas frutíferas, onde o pêso das chuvas não influi, bastam simples aspersores de reação.

Na Europa, onde a irrigação é quase sempre empregada em culturas de hortaliças sensíveis, procura-se produzir chuvas finas, por aspersores que distribuem chuva estável e uniforme.

Para economizar tempo e trabalho, os aspersores têm de distribuir a água desde a base até o ponto externo do círculo, para evitar recobrir os círculos já irrigados porque o jacto d'água atingiu sòmente a periféria do círculo.

O aspersor precisa, também, oferecer a possibilidade de regular a densidade da chuva, da mais fina até a mais grossa, conforme a necessidade da cultura, respeitando as condições locais do solo, sua composição, inclinação e a necessidade da precipitação.

Infelizmente e, em prejuízo da lavoura de café, não foram até hoje apresentados em São Paulo em uma exposição e funcionamentos, todos os aspersores fabricados em diversos países, para que os interessados pudessem julgar e escolher os mais convenientes. Isso justificaria, até, uma exposição internacional de aparelhos para irrigação, diante da sua importância para a lavoura cafeeira.

E' difícil isto, enquanto a situação cambial do país nem permite importar as instalações, apesar das perspectivas de aumentar, com estas, a produção e aliviar as mesmas dificulddes.

QUANTIDADE DE CHUVA

A quantidade de chuva que deve ser aplicada ao café em cada caso seja durante a seca ou para corrigir o deslocamento as precipitações, é um problema que ainda será resolvido pelos agrônomos.

Variam as opiniões de 40 até 180 mm. pluviométricos, às vezes não tomando em consideração as perdas pela vaporização, composição do solo ou escorrimento devido à inclinação da superfície, perdas essas que atingem em média 2/3 da chuva precipitada.

Os entendidos recomendam irrigar durante à noite para evitar evaporação e regular a densidade, conforme o solo.

INSTALAÇÕES MÓVEIS OU PERMANENTES

Nos cafèzais de São Paulo, preferem-se instalações móveis, com

tubos leves de alumínio. Transportáveis fàcilmente de um ponto para outro.

Em certos casos, prefere-se no estrangeiro, a instalação permanente com tubos de aço ou ferro galvanizado, cobrindo em verdadeira rede tôda a área a irrigar, com bombas funcionando sob alta pressão, com aspersores montados em cima de torres de ferro de 12-15 metros de altura, atingindo os aspersores ráios de chuva até 120 metros, e diâmetro de círculo de 240 metros, um sistema, que apesar de alto custo, será talvez num futuro não muito distante, empregado no Norte do Paraná, para proteger os cafèzais contra as geadas fortes, que são esperadas com o progressivo desflorestamento da zona.

Na técnica de irrigação, aparecem constantemente novas aparelhagens, porém sempre conforme as necessidades dos países de origem.

Na América do Norte, a maior preocupação é a movimentação das tubulações sôbre o campo, para economisar pessoal e tempo.

Montam-se as tubulações sôbre rodas, às vezes já equipadas com motores próprios, enquanto se negligêncía na construções de aspersores, o que ali, não tem tanta importância.

Na Europa, e para as instalações destinadas ao Oriente Médio, onde a irrigação artificial encontra toda proteção dos govêrnos, para desenvolver a agricultura, preferem-se instalações permanentes ligadas aos grandes açudes públicos. Verifica-se, assim, a complexidade da técnica de irrigação por aspersão e o cuidado necessário no planejamento, para obter todas as vantagens do sistema em favor da nossa lavoura.

(Do "Correio Paulistano" — 13-12-1953)

O PRECEITO DO DIA

ÁGUA E FEBRE TÍFICA

No combate à febre tífica, a água de beber tem que ser fervida. Deve sê-lo, também, a que se destina à lavagem de frutas, legumes e vasilhame, os quais, sem essa providência, contaminados pela água, podem veicular a doença.

Evite a febre tífica fervendo a água de beber, e a que se destina à lavagem de frutas, legumes e vasilhas em que se preparam alimentos. — SNES.

"É permanente o movimento de renovação das lavouras de café nas zonas velhas"

Considerações feitas pelo sr. João Pacheco e Chaves sôbre a situação cafeeira do Brasil, na Convenção Norte-americana do Café realizada em Boca Ratton — Posição estatística do nosso produto

Na convenção norte-americana do café, em Boca Ratton, o sr. João Pacheco e Chaves, presidente do Instituto Brasileiro do Café, pronunciou o seguinte discurso:

"Meus senhores:

Inicialmente, devo agradecer o honroso convite da National Coffee Association para comparecer à sua Convenção, como presidente do Instituto Brasileiro do Café, o órgão encarregado de executar a política cafeeira do Brasil, e a oportunidade que me oferece de expôr a essa reunião de homens de negócio, a situação atual da lavoura cafeeira de meu país.

Como é do conhecimento geral, as principais zonas cafeeiras do Brasil foram há pouco, intensamente assoladas por forte geada, que veio afetar sèriamente a renda dos cafeicultores, tendo o govêrno federal se visto na obrigação de adotar medidas enérgicas para ampará-los financeiramente. Assim é que foi aprovado um decreto que proporciona aos cafeicultores prejudicados pela geada, um financiamento liberal, por quatro anos, além de prorrogar o prazo dos contratos de formação de café.

Além dos efeitos nocivos à renda dos cafeicultores, essa geada veio também prejudicar sensìvelmente a posição estatística do café. As arvores afetadas ficarão durante um ou dois anos sem produção, pois o cafeeiro, ao contrário de muitas outras plantas, só produz fruto nos galhos novos, crescidos no ano anterior. Devemos, pois, esperar safras muito pequenas, por um ou dois anos. Infelizmente e contra a expectativa geral, a safra que acaba de ser colhida no Brasil e que parecia estar isenta dos efeitos da geada, apresenta, também, uma quebra sensível. Em lugar de contarmos com cerca de dezesseis milhões de sacas, conforme foi estimado e divulgado pelo Instituto Brasileiro do Café, teremos agora pouco mais de 14 milhões. As estatísticas dos cafés registrados confirmam, de certa forma, essa quebra na previsão, pois até o dia 15 de outubro último tinham sido registrados, isto é, os lavradores tinham apresentado no interior para serem embarcados exatamente 8.123.289 sacas, ou seja, 57,40% do total estimado, que é de 14.151.300 sacas. Nos anos anteriores, a porcentagem dos cafés registrados em relação ao total embarcado, era de 52,39 em 1950-51; 54,50 em 1951-52; e 66,13 em 1952-53, números êsses que se comparam com os 57,40 dêste ano."

ESCASSEZ DO PRODUTO

"Essa quebra da presente safra, foi grandemente lamentada no

Brasil, pois os nossos stocks são baixos e sabemos que ainda temos pela frente uma ou duas colheitas muito pequenas, devido às geadas. Segundo os últimos dados estatísticos oficiais, do Instituto Brasileiro do Café, entramos neste ano em julho — início do ano cafeeiro — com um stock 2,9 milhões o mais baixo de nossa recente história cafeeira e, pràticamente, sem café no interior — pois, dêsses 2,9 milhões apenas 68.738 sacas estavam no interior, aguardando ordem de entrada nos portos. E, segundo êsses mesmos dados, a posição em 31 de dezembro último é a seguinte: existiam nos portos 3.371.169 sacas e, aguardando ordem de entrada nos portos, cêrca de 3.187.717 sacas, o que perfaz um total de 6.558.886 sacas. Além dêsse café, existe no interior parte dessa safra, que ainda não foi embarcada pelos produtores. De acôrdo com a estimativa feita e a qual acima nos referimos, essa quantidade será de 4,6 milhões. Dêsse modo, a disponibilidade de 31 de outubro até o fim dessa safra, é de 11,2 milhões de sacas, que é a menor dos últimos tempos, pois nos dois últimos anos, quando também tivemos escassez de café, as disponibilidades na mesma época, eram de 13 a 14,1 milhões, respectivamente. Êsses 11,2 milhões de sacas é o de que dispomos para atender às exportações de cabotagem e consumo nos portos. Se dos 11,2 milhões retirarmos quantidade igual a que foi destinada em igual período ao consumo nos portos, e nos Estados produtores, ficaríamos com 10,6 milhões de sacas para atender às exportações para o exterior, durante os meses de novembro a junho de 1954, dando para mantermos uma exportação média de 1.325.000 sacas por mês e terminando a atual safra sem uma única saca de café em stock, hipótese essa que não pode ser admitida, dada a necessidade de se ter nos portos um stock mínimo para manutenção de negócios. E' de se notar que, se de fato, fôsse exportada essa quantidade, iriamos ter um total de 16.155.000 de sacas exportadas na safra de 1953-54, que, embora superior, em pouco mais de um milhão, ao exportado na safra passada, é inferior aos totais exportados nas cinco safras anteriores ou seja de 1947-48 a 1951-52.

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ BRASILEIRO EM 31 DE OUTUBRO DE:

	1951	1952	1953
Café registrado na safra aguardando liberação	5.912.052	6.219 316	3.187.717
Stocks nos portos	2.699.784	2.633.905	3.371.169
Disponibilidade em 31 de outubro	8.611.836	8.853.321	6.558.886
Registro em 1/11 ao fim da safra	5.551.833	4.123.117	4.642.849
Disponibilidade de novembro ao fim da safra	14.163.669	12.976.439	11.201.735

Se a situação do suprimento de café êste ano já se apresenta grave, mais grave ainda se apresentará no ano comercial seguinte, de 1954-55, quando, iniciando a safra com um "carry over" negligível, não poderemos contar a não ser com uma colheita bastante reduzida devido a geada de que já falamos anteriormente.

Devemos, porém, insistir que o nosso país não está assistindo passivamente essa situação de desaparecimento de stocks e de safras reduzidas. O Brasil tem no café o principal esteio de sua vida econômica e deseja aumentar o nível de sua produção a fim de atender a crescente demanda dêsse produto. Também o nosso intercâmbio comercial com a USA cuja tendência é de constante aumento, graças às condições econômicas de nossos países serem complementares, está a exigir aumento da produção. Com êsse aumento, podemos garantir o suprimento permanente dos consumidores americanos, assim como o dos demais importadores. O movimento que se processa em direção às terras novas do Norte do Paraná apresenta todas as características de um colossal "rush". E' nessa região que se encontram as melhores terras do país que só há poucos anos começaram a ser desbravadas para o plantio de café. As estatísticas mostram que nos últimos 4 anos se plantou uma média de cêrca de 95 milhões de pés anuais, de modo que o número de pés nesse Estado atinge agora cerca de 600 milhões. E' enorme o movimento de assalariados, "entrepreneurs" e de capital para efetivar êsse plantio e para construir as benfeitorias, estradas e erguer as cidades necessárias ao sustento econômico dessa população. Londrina, principal cidade do Norte do Paraná, mantém um crescimento enorme e apresenta tôdas as características de uma pequena capital dessa nova fronteira econômica. Há apenas 25 anos construiram-se ali os primeiros barracões e hoje apresenta todos os requisitos de uma cidade moderna de cêrca de 50 mil habitantes.

AMPLIAÇÃO DA PRODUÇÃO

"A fim de ampliar nossa produção de café, existem outras fronteiras de menor importância além da do Norte do Paraná, nos Estados do Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso.

Também nas zonas velhas, o movimento de renovação das antigas lavouras é permanente. O uso de adubos minerais e inseticidas, o emprêgo de adubos orgânicos e a prática de irrigação, têm se intensificado acentuadamente nos últimos anos. E para o futuro, é de se esperar que o emprêgo dessas práticas se torne ainda mais difundido e intenso, graças às recentes modificações em nossa política cambial que permitiu uma melhoria de preços em cruzeiros aos lavradores, sem que ocorresse uma correspondente elevação nos preços em dollars.

A melhoria das antigas lavouras exige um maior investimento por parte dos cafeicultores. Segundo estudos realizados na Secretaria da Agricultura de São Paulo e publicados no boletim "A Agricultura em São Paulo", ano 11, n. 7, o número de dias-homem de serviço por ano e por mil pés, que é em média, para as lavouras do Estado, de 79,00, aumenta para 100,24 quando as lavouras empregam práticas consideradas satisfatórias no que diz respeito a adubação, combate à erosão,

pulverização, replanta etc. O emprêgo de carroças e de animais de tração também aumenta, de 4,19 e 26,67, para 20,15 e 85,11, respectivamente. Isso significa que, para intensificar o trato de uma lavoura, além das despesas com a aquisição de adubos, inseticidas, máquinas e utensílios, também existe a que se refere a êsse aumento de dias de serviço de homens, animais de tração e carroças. E' devido a êsse encarecimento de despesas e de custos que estamos estudando intensamente, no Instituto Brasileiro de Café, uma forma de dar um auxílio financeiro aos agricultores que executam tais práticas. E temos o apôio dos poderes públicos de nosso país nessa campanha, porque se considera problema primordial manter as lavouras produtivas em nossas regiões velhas.

REFORMA CAMBIAL

Com a projetada reforma cambial, de autoria do eminente estadista ministro Oswaldo Aranha, os cafeicultores serão amparados no movimento de recuperação de suas lavouras, pois na mesma se incluem medidas altamente favoráveis ao crédito agrícola e à importação de bens essenciais à produção. Ainda que isso signifique um custo de produção mais elevado para o agricultor, julgamos de interêsse nacional mantê-las, e também não receamos que essa intensificação das práticas culturais nas zonas velhas, juntamente com a abertura de novas fronteiras para o plantio do café, no Norte do Paraná e em outros Estados do Brasil, resultem numa acumulação de stocks de nossos cafés. Temos medidas programadas para a melhoria dos tipos dos cafés do Brasil e sabemos que o consumo de nosso café pode ser fàcilmente ampliado, tanto nas áreas que já o consomem como em extensas regiões do globo, onde a bebida ainda não se implantou por falta de uma propaganda eficiente de boas práticas comerciais. São essas, meus senhores, as considerações sôbre a situação do café no Brasil que julguei por bem trazer a esta grandiosa convenção dos homens do café nos Estados Unidos".

(Do "Diário de S. Paulo")

O PRECEITO DO DIA

BOA VONTADE NO TRABALHO

Todo trabalho deve ser feito com disposição, alegria e bom humor. Fora dessas condições, até a mais leve ocupação pode tornar-se insuportável, causar mal-estar e preguiça.

Procure ter boa vontade para trabalhar, èncarando suas ocupações com alegria e bom humor. — SNES.

ESPÍRITO SANTO, UM RAMAL DE CAFÉ NO BRASIL

(Continuação)

CRÍTICAS QUE NÃO PODEM SER PECULIARES

Outras críticas, no entanto, se fazem à cafeicultura espírito-santense para destacar o "atraso", onde antes apenas haveria "diferença". É o caso da falta de adubação. Como dissemos, só agora se cuida da restituição da palha ao cafèzal e processos de estercação ou adubação verde são pràticamente desconhecidos. Parace-nos um pouco superfícial a crítica. De um lado, deve-se anotar que domina no centro do Espírito Santo a pequena propriedade, o que torna difícil a produção de adubo animal (falta de área proporcional de pastagens) e o uso local do descascador. Como vímos na reportagem anterior, só recentemente, na zona de Colatina, os sitiantes mais abonados passaram a beneficiar o próprio café no sítio (e como consequência, a necessidade de aproveitar a palha já está fazendo ver nela uma forma de melhorar a produtividade do solo, e a capacidade de reação dêste nos pareceu ótima, conforme amostra que nos foi dado ver num cafèzal perto de Marilandia).

De outro lado, seria interessante fazer um retrospecto da cafeicultura em São Paulo e no Paraná; desde quando a adubação por aqui passou a ser uma regra e a ser efetuada racionalmente? A lacuna observada no Espírito Santo seria antes uma constante da cafeicultura brasileira, viciada com a terra nova, de que sempre existe uma reserva, e que a torna dominantemente "extrativa".

Também a demora na acomodação, à luta contra a broca seria outro sintoma de atraso. Quem conhece a dificuldade havida em São Pulo, apenas superada recentemente, quando os preços subiram muito e se introduziu o novo processo de combate químico, não pode estranhar o que acontece no Espírito Santo, onde, todavia, já se verifica maior receptividade desde o momento em que a Secretaria da Agricultura se organizou para uma campanha radical. Não se deve esquecer que o êxito obtido pelo B.H.C. nos cafèzais paulistas, favorecidos por uma organização administrativa pública da agricultura em estágio superior, não se poderia comunicar ràpidamente ao Espírito Santo, onde se desenvolve uma cafeicultura quase estanque, isolada — outro ramal do café no Brasil a que nos temos referido.

O dilema: fomento puro e simples ou experimentação prévia?

Dois agrônomos paulistas apresentaram soluções diferentes para a melhoria da cafeicultura no Espírito Santo, em conversa com a reportagem. Um dêles é o sr. Paulo Cuba de Sousa, que está comissionado junto à Secretaria da Agricultura daquele Estado, onde aliás presta excelentes serviços na organização de planos de fomento. Para êle, preocupado em obter mudanças urgentes, o problema residiria apenas no serviço de extensão, isto é, de fomento. Para essa tarefa de divulgação se aplicariam os resultados experimentais obtidos em São Paulo. Já

outro agrônomo, o sr. Valter Lazarini, atualmente servindo ao I.B.C., considera essencial o estabelecimento de uma organização de pesquísa e experimentação no Espírito Santo. E parece que êste último está com a razão: seria temeridade pretender copiar a cafeicultura de São Paulo no Espírito Santo, afora naturalmente a adoção de certas regras agrícolas universais. Dados "rotineiros" alí existentes vêm sendo confirmados por experiências isoladas, como a do plantío junto, também recomendada pelo agrônomo Farah, da Escola Agrotécnica de Santa Teresa, que tem feito alguma experimentação por iniciativa própria. O problema básico a ser atacado é assim o de investigar científicamente os processos de cultivo adotados no Espírito Santo, confrontá-los experimentalmente com outros, pesquisar novos e elaborar um roteiro para o futuro. O I.B.C., com mais recursos financeiros, e sem a peia da burocracia quase inoperante do Ministério da Agricultura, muito poderá fazer nesse sentido, auxiliando e prestando assistência à Secretaria da Agricultura, como aliás é plano de sua atual diretoria.

Em reportagem seguinte examinaremos dados de produção do cafèzal espírito-santense e o seu ponto mais fraco, que reside no preparo do produto.

OS GRANDES NÚMEROS DE PRODUÇÃO AUTORIZAM A CONCLUIR QUE O CAFÈZAL ESPÍRITO-SANTENSE É MAIS PRODUTIVO QUE O PAULISTA

RENDIMENTO POR HECTARE MAIS ELEVADO — COMO SE JUSTIFICARIA ESSA VANTAGEM, APARENTEMENTE PARADOXAL — QUALIDADE, O ELEMENTO NEGATIVO DA CAFEICULTURA CAPIXABA

Um lavrador paulista, que percorreu detidamente as principais zonas produtoras de café do Espírito Santo, concorda com a tese que levantamos aqui: a de não haver pròpriamente um atraso na cafeicultura desse Estado, mas uma adatação a condições de meio bem diferentes das predominantes em São Paulo e no Paraná. Trata-se do sr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, diretor da FARESP, e que no ano passado escreveu artigos para a Fôlha da Manhã sôbre viagem que fez ao Espírito Santo. A restrição que se faz ao café espírito-santense é sobretudo quanto à qualidade e não quanto à produtividade, e nesse sentido também é a observação daquele líder rural, conforme contacto recente que manteve com a nossa reportagem.

Aliás, os dados de produção do cafèzal espírito-santense, que examinaremos nesta reportagem, não autorizam a colocá-lo em plano inferior ao de São Paulo, quanto à produtividade por unidade de área cultivada. Deve-se admitir, assim, até que investigações mais metodizadas sejam feitas, que o lavrador capixaba — diga-se o "colono" — na sua modestia e no seu "atraso", e apesar da falta de assistência técnica e da ausência de trabalhos experimentais em escala satisfatória, soube organizar uma cafeicultura adequada ao regime da pequena propriedade e às condições topográficas e de altitude, clima, tipo e qualidade de solo que teve de enfrentar. As falhas principais que se podem apontar nele

como agricultor são comuns à agricultura do brasileiro, pouco ou nada havendo nelas de específico. Isso pelo menos é o que se pode concluir da região central, em boa parte percorrida pelo reporter e sôbre a qual falamos em duas reportagens anteriores.

MAIOR RENDIMENTO POR HECTARE QUE EM SÃO PAULO

Dados oficiais divulgados pelo govêrno espírito-santense acusam média de produção de 6 a 7 sacas de 60 quilos de café beneficiado por hectare. O agrônomo Rui Miller Paiva é mais pessimista e alude em trabalho panorâmico sôbre a agricultura brasileira (relatório para a FAO) a 5 sacas por hectare no cafèzal espírito-santense, baseado talvez em amostras isoladas.

Admitindo-se que o Espírito Santo tivesse 274 milhões de cafeeiros em produção em 1950 (recenseamento nacional), êsse número de árvores ocuparia uma área de 195.714 hectares, na base de 1.400 pés por hectare. Conforme dados que colhemos entre técnicos e lavradores, o plantío mais junto que em São Paulo proporciona cêrca de 7.000 pés por quadra ou alqueire mineiro de 48.400 metros quadrados.

Ora, em 1949 colheram-se cêrca de 2.500.000 sacas no Espírito Santo. Dividindo-se essa produção por 195.714 hectares, teremos a média de 13,3 sacas por hectare. Considerando-se, porém, que 1949 foi ano de safra excepcional e que muitos dos cafeeiros em produção em 1950 não o estavam em 1949, vejamos o que teria sucedido em 1950, ano de "safra magra": com uma colheita aproximada de 1.400.000 sacas, houve o rendimento médio de 7,2 sacas por hectare. Em 1953, apesar do forte ataque da broca, a colheita deverá ter girado em torno de 2 milhões de sacas. Admitamos que a área em produção tenha aumentado para 200 mil hectares (a Secretaria da Agricultura estimou em 1952 uma área total, inclusive de novos, de cêrca de 240 mil hectares, sendo que a mesma fonte cuida existirem cêrca de 70 milhões de cafeeiros novos no Estado). Logo, o rendimento por hectare (2 milhões de sacas divididas por 200 mil alqueires) seria de 10 sacas, ou 40 arrobas.

Em São Paulo, como se sabe, 1.000 pés ocupam mais que um hectare. A regra ainda é contar-se 2 mil pés por alqueire paulista de .. 24.200 metros quadrados. Mas se dessemos a 1.000 pés a área de um hectare, teríamos verificado nos últimos cinco anos agrícolas (de 1948/49 a 1952/53) os seguintes rendimentos por hectare, em sacas: 8,1; 8,8; 6,8; 7,3 e 6,7 (êste último preliminar e com perspectiva de ser menor).

Como se vê, não se pode falar em "péssimo" rendimento dos cafèzais espírito-santenses, considerados em confronto. Tomando-se o hectare e não o "mil pés" por unidade, encontram-se alí rendimentos médios mais elevados que os paulistas. Em São Paulo, no último quinquênio, teríamos a média de 7,5 sacas ou 30 arrobas por mil pés (mais de um hectare); e no Espírito Santo, poderíamos estimá-la em cêrca de 10 sacas, ou 40 arrobas, com pessimismo, e por hectare exato. Uma observação ainda deve ser feita e favorável ao Espírito Santo: no cálculo do rendimento dos cafèzais paulistas computamos a produção ex-

portável e de consumo interno; e, no dos cafèzais capixabas, apenas a exportável, isto é, remetida para os portos.

Poderá alegar-se que o número de cafeicultores do Espírito Santo é uma incognita, dada a dificuldade natural de contagem; mas o confronto de dados de diversas fontes permite que acreditemos na aproximação com a realidade daqueles que usamos. Em todo o caso, é o material que se tem a mão, e só uma amostragem rigorosamente dirigida em todo o Estado nos poderia libertar da contingência de usarmos aqueles elementos sôbre área e qualidade de cafeeiros.

DISCUSSÃO DA FÓRMULA ESPÍRITO-SANTENSE

Com os números disponíveis no momento, temos de admitir assim que a cafeicultura espírito-santense, por paradoxal que pareça é tanto ou mais produtiva que a paulista, por unidade de área. E isso é obtido graças à plantação mais unida. Se fossem adotar nos morros daquele Estado um espaçamento igual ao tradicional em São Paulo (4 por 4 metros), por certo a produtividade seria menor e inferior à daquí. Dessa forma, deve-se louvar o cafeicultor do Espírito Santo por ter encontrado, à custa de observações próprias, uma fórmula que lhe permitisse arrancar da terra uma produção relativamente satisfatória. Não copiou; adotou processos que lhe permitiram manter o cafèzal no morro e obter dele uma produção econômica, sem incomodar-se com a aparência raquítica de seus cafeeiros.

Poderá dizer-se que, com espaçamento cerrado e produções relativamente altas por unidade de área, a cafeicultura espírito-santense se esgota ràpidamente. Estamos em face do problema da longevidade, já examinado em reportagem anterior. Mas, com espaçamento maior e colheitas mais elevadas por árvore, mas menores por área, a vida das plantas não deveria prolongar-se e poderia até ser abreviada, em virtude de maior estrago da terra erodível.

Pode acrescentar-se ainda que a produtividade média se tenha mantido em bom nível, em virtude do constante uso de terras novas, na medida em que as lavouras velhas vão decaindo. E de fato nota-se uma "marcha do café", de carater contínuo, embora moderado, pelo interior espírito-santense, e à ela nos referiremos em próxima reportagem, quando tratarmos da colonização. Mas o fenômeno não é exclusivo do Espírito Santo e mesmo em São Paulo os cafèzais novos têm compensado, até certo ponto, o pêso morto dos velhos. Se a boa produtividade aquí ou alí, é mais prolongada, trata-se de um donativo da terra e do clima, e não resultado de método cultural superior. Não se deve esquecer que cafeicultura racional é fenômeno recente em São Paulo e ainda não pesa na balança para cálculos sôbre grandes quantidades.

25 ANOS DE PRODUÇÃO ESTÁVEL

Aspecto interessante a assinalar na cafeicultura espírito-santense, nos últimos 25 anos, é a sua relativa estabilidade. Os níveis de produção não sofreram alí os fortes deslocamentos observados em São Paulo

e Minas (para baixo e no Paraná (para cima). Vejamos a média de produção anual desde 1925/26.

Períodos (anos comerciais)	Produção anual — Sacas
1925/26 a 1929/30	1.569.520
1930/31 a 1934/35	1.545.500
1935/36 a 1939/40	1.627.520
1940/41 a 1944/45	1.548.200
1945/46 a 1949/50	1.763.060
1950/51 a 1952/53	1.872.300

Como se vê, depois que o café no Espírito Santo passou à casa do milhão (até então, num período de 25 anos, orçou entre 300 mil e 900 mil sacas), a produção desenvolveu-se harmoniosamente, com uma certa estabilidade tendendo antes para aumento que para diminuição. Deve ser dito, quanto a êsse fenômeno de manutenção, que se ocuparam terras novas e que continua o apêlo a matas virgens para o plantío do café, estando as últimas reservas, como dissemos, no norte do Estado. Mas, ou porque essa marcha vem sendo mais moderada do que em São Paulo, ou porque a escolha de terra se faz relativamente melhor, ou ainda porque a estrutura da pequena propriedade — a dominante — resiste melhor às crises econômicas, o fato é que não se verificaram no Espírito Santo as pesadas quedas de produção que se registraram em São Paulo, na década de 30 e sobretudo de 40, em virtude do abandono de cafèzais e da queda de produtividade dos restantes.

Não se pode prever até onde perdurará o equilíbrio de produção revelado pela cafeicultura do Espírito Santo. O avanço da broca é uma ameaça. A diminuição de reservas florestais, outra. Resta esperar que a perspectiva de decadência se pronuncie numa época em que será possível melhorar a técnica de produção, mediante assistência mais adequada ao lavrador e sobretudo adoção de práticas experimentais, cientificamente dirigidas. Ainda falta o pesquisador para recolher o largo material da experiência cafeeira do lavrador nos morros do Espírito Santo e verificar até onde ela está certa ou pode ser aperfeiçoada.

QUALIDADE, O PONTO FRACO

O ponto fraco da cafeicultura do Espírito Santo reside particularmente na qualidade do café. A falta de bôas variedades selecionadas, a deficiência dos processos de colheita secagem e beneficiamento, a ausência de métodos satisfatórios de classificação são apontados como causa dêsse atraso. A organização da pequena propriedade leva desvantagem em face do problema, quando confrontada com a da fazenda paulista, que suporta investimentos em bons terrenos, e lavradores, em grandes tulhas e em máquinas de beneficiamento. A iniciativa particular — pelo comércio especializado, ou por cooperativas de produtores — ou o poder público é que deveriam procurar suprir a lacuna, que talvez nunca se possa resol-

ver satisfatòriamente dentro apenas dos pequenos horizontes do sítio. Financiamentos individuais para instalações são aconselháveis sòmente para sítios maiores. Terreiros e instalações complementares de carater coletivo poderiam melhorar os métodos de secagem. Melhoria que poderia depender de uma atuação direta junto do sistema seria a da apanha do café, onde a presença da vara ainda é uma constante. Aliás, técnicos do I.B.C. vêm cogitando dessa possibilidade de "socializar" certas etapas da preparação do café, para melhorar a sua qualidade.

Outro fator que afeta a qualidade do café é o desinterêsse do comércio em reputar mais o produto apresentável e que dê melhor tipo e bebida. O preço é de bica corrida. Só a broca, e assim mesmo há pouco, veio estabelecer alguma diferenciação nos preços e determinou até a quase abolição do comércio de café em côco. Mas trata-se de uma distinção de natureza contingencial e ainda rudimentar, cujo mérito poderá consistir apenas em abrir caminho para uma maior interferência do comércio cafeeiro no sentido de, através de ágios e desagios de preço, forçar o lavrador a levar à praça produto melhor e portanto mais reputado. Em próxima reportagem, onde abordaremos a comercialização do café no Espírito Santo, voltaremos ao assunto.

APESAR DE MAIS PRODUTIVO, O CAFÈZAL ESPÍRITO-SANTENSE NÃO PRODUZ MAIOR RECEITA BRUTA POR HECTARE QUE O PAULISTA

RESIDE NA QUALIDADE O FATOR DEPRECIATIVO — EFEITOS DA COMERCIALIZAÇÃO SÔBRE O MAU PREPARO DO PRODUTO — COMO SE VENDE O CAFÉ NAS ÁREAS PRODUTORAS — CARACTERÍSTICAS DA PRAÇA CAFEEIRA DE VITÓRIA, CUJO MOVIMENTO SOFREU ALTERAÇÕES DITADAS PELA GUERRA E PELA CONCORRÊNCIA DO RIO — A TENDÊNCIA PARA A CABOTAGEM TERIA INFLUÍDO PARA UMA "PERDA DE TRADIÇÃO"

Demonstramos na reportagem anterior desta série que o cafèzal espírito-santense, considerado em conjunto, apresenta média de produtividade por hectare mais elevada que a do paulista. Não nos cabe indagar os motivos dessa superioridade, que deve surpreender, mas se o espaçamento de plantío fôsse mais largo no Espírito Santo provàvelmente aquela vantagem deixaria de existir ou se reduziria muito. Deve-se considerar ainda que a porcentagem da área cafeeira sôbre a superfície total do Estado é menos elevada no Espírito Santo que em São Paulo (5% contra 6%), o que pode sugerir ter havido lá maior cuidado relativo na escolha de terras, maior moderação no ímpeto desbravador e mais preservação de matas e outros recursos naturais. Aliás, a presença da floresta remanescente, no centro do Espírito Santo, talvez por imposição, pelo menos em parte, da topografia muito acidentada, é bem mais constante que em qualquer área nova de São Paulo. Teria havido, assim, menos "rapinagem" contra o meio físico, e nisso talvez residisse um dos segredos do "mistério" da produção da rubiácea naquele Estado. Seria temerário considerar aqui, sem maiores inves-

tigações e melhor conhecimento da cafeicultura espírito-santense, que a tendência agrícola do lavrador capixaba ou o tamanho médio da propriedade cafeeira influisse naquele excesso de produtividade, em confronto com o cafèzal paulista, embora não se possa deixar sem destaque a circunstância de que uma regra de exploração rural poderia ser lembrada por este fato: o empresário, no Espírito Santo, está mais junto da propriedade que o seu colega bandeirante.

Entretanto, o fato de o sitiante capixaba possuir um cafèzal agricolamente mais produtivo não significa que êle obtenha maior receita bruta por hectare que o fazendeiro paulista. Como já salientamos, o fator qualidade, que seria fruto não apenas de condições de clima mas de fatores humanos, não permite preço unitário de venda do café, no Espírito Santo, tão elevado como o de São Paulo. Uma saca de produto beneficiado deve ter sido vendido na corrente safra, no interior espírito-santense, por Cr$ 750,00 em média, aproximadamente, contra cêrca de Cr$ 1.250,00 em São Paulo. Essa diferença de Cr$ 500,00 por saca desfaz toda a vantagem do sítio do Espírito Santo e proporciona à fazenda de São Paulo uma receita bruta mais elevada: Cr$8.750,00 por hectare contra Cr$ 7.000,00, na base, respectivamente, de produção de 7 sacas (São Paulo) e 10 sacas (Espírito Santo) por referida unidade de área. É possível atribuir ainda a menor rentabilidade do cafèzal capixaba a deficiências de organização comercial.

MECANISMO DA COMERCIALIZAÇÃO

Até há poucos anos a comercialização do café no Espírito Santo, nas áreas rurais, pelo menos no centro do Estado, se fazia com o produto em côco. Os sitiantes vendiam aos comerciantes das cidades do interior, que beneficiavam o produto em máquinas próprias ou alheias e depois, através de corretores ou de agentes locais, o colocavam com os exportadores de Vitória. Essa prática foi superada, em parte devido à broca, que produz muita quebra de rendimento no benefício; em outra parte, devido à melhoria dos preços, o que proporcionou a muitos sitiantes maiores recursos para a aquisição de descascadores e lhes despertou maior vigilância na venda de um produto valorizado; e em parte também devido a algum interêsse pela adubação, o que determinaria maior preocupação em reter no sítio a palha do café. Mesmo os lavradores que não possuem máquina própria (e constituem a grande maioria vendem a mercadoria já beneficiada, pagando o serviço de descascamento à máquina do sítio vizinho ou da vila ou cidade próxima.

O café beneficiado é vendido em geral para a séde do município ou a principal cidade da região (no centro, Colatina é o grande empório). Os compradores são em regra negociantes locais (alguns deles também lavradores absenteistas), que geralmente possuem máquina própria. Esses comerciantes colocam o café em Vitória junto dos exportadores através de corretores que compram diretamente no interior. Assim, em Colatina existe um escritório de comprás da Anderson Clayton. Há lavradores também que remetem o café diretamente para Vitória, para negociá-lo alí.

O transporte para Vitória é geralmente feito de caminhão. Considera-se pequena a cóta despachada por estrada de ferro, muito embora a E. F. Vitória-Minas, explorada pela Cia. Vale do Rio Doce, corte a região cafeeira da Colatina e parte da do Litoral. Em Vitória, quando o café não tem destinatário imediato, as partidas são envíadas a armazéns reguladores do Estado, que nada cobram, mas impõem uma taxa de 5% "ad valorem" sôbre todo o produto entrado no porto para custear aquele serviço de armazenagem. Mediante o processo de amostras, os corretores negociam o café, que chegou para vender, junto dos exportadores, de acôrdo com instruções dos comerciantes do interior ou dos lavradores.

A PRAÇA DE VITÓRIA

O pôrto de Vitória não possui uma bolsa especializada de café, para sistematização dos negócios e sua maior amplitude financeira. As transações internas se efetuam de firma para firma, através de corretores ou não, e geralmente o vendedor tem a mercadoria que negocia. Não existe também alí, pois, o mercado de entregas diretas, espécie de regime a têrmo, de firma para firma, que vingou em Santos, sem os ônus do recolhimento das margens sob o contrôle de um organismo especial, com poderes legais para disciplinar a execução dos contratos futuros. Essa predominância do mercado físico, sem um serviço público de coléta científica e divulgação de cotações, pode ser considerado fator de preços menos elevados para o café do Espírito Santo no seu próprio pôrto, em confronto com o que alcança no Rio ou em Santos — praças melhor organizadas — para o mesmo tipo e qualidade. Justifica-se, assim, a expressão que usamos na primeira reportagem desta série, quando classificamos Vitória mais como um "embarcadouro" do que como uma "praça cafeeira". O pôrto tem sido mesmo considerado com um suplemento ao do Rio, tanto que no período das cótas de exportação, existia a celebre "cota conjugada" Rio-Vitória. Os principais exportadores cariocas operam no pôrto espírito-santense através de sucursais e escritórios.

MUDANÇA NA ESTRUTURA DE EXPORTAÇÃO DE VITÓRIA

Vitória foi, durante cêrca de 50 anos, o terceiro pôrto exportador de café do país. Depois da última guerra perdeu o lugar para Paranaguá, em virtude do avassalador aumento da produção paranáense. Entretanto, houve também queda no volume físico das remessas para o exterior, em números absolutos, como se vê do quadro abaixo, por anos civis:

Períodos	Sacas exportadas (média anual)
1931/34	1.338.391
1935/38	1.201.924
1939/42	657.614
1943/46	550.151
1947/50	718.274
1951/52	621.686

No entanto, como vimos na reportagem anterior, a produção espírito-santense tem demonstrado estabilidade, com tendência moderada para aumento das colheitas, nos últimos 25 anos. A queda das exportações para o exterior parece ser fenômeno decorrente da última guerra, que desorganizou tradicionais mercados europeus do café capixaba, como tem frisado o sr. Oton do Amaral Abreu, diretor do Escritório do I.B.C. no Espírito Santo e com 16 anos de experiência do comércio cafeeiro desse Estado. Durante e após a guerra (não houve uma recuperação razoável), o comércio cafeeiro de Vitória sofreu uma distorção, passando a destinar cotas crescentes de seus embarques para o mercado interno, como se verifica dos seguintes dados relativos à cabotagem:

Períodos	**Sacas fornecidas à cabotagem (média anual)**
1931/34	128.587
1935/38	186.555
1939/42	174.835
1943/46	379.394
1947/50	427.852
1951/52	254.898

Êsse aumento do comércio de cabotagem deve ter sido provocado inicialmente pela desorganização de tradicionais mercados externos, que não foram reconquistados plenamente (reconstrução econômica dos países europeus, preferência maior deles por cafés coloniais, falta de propaganda brasileira, preços elevados, etc.). Mas outros fatores devem ter contribuído para êsse alargamento da influência de Vitória no comércio de cabotagem, de que dispõe hoje da liderança no Brasil: — a) queda progressiva na produção cafeeira da Bahia e Pernambuco; b) eliminação dos estoques de café baixo do D.N.C., depois da guerra; c) — aumento do poder aquisitivo do mercado interno; d) — queda de qualidade do café espírito-santense, escoado por Vitória, o que dificulta sua colocação nos mercados externos.

Outro fator que contribuiu para redução das exportações de café de Vitória para o exterior, foi a concorrência do pôrto do Rio, com suas tradicionais fontes de abastecimento (Minas e Estado do Rio) em declínio e que passou a absorver cotas mais elevadas das colheitas do Espírito Santo, em virtude, até certo ponto, de vantagens que, pelo menos em determinada época, apresentava, como as de natureza fiscal e rapidez de escoamento. Todavia, essa influência do Rio é de origem predominantemente financeira e organizativa, resultando inclusive em proporcionar ao mesmo tipo e bebida cotação mais elevada que em Vitória: a "tradição" do pôrto do Rio daria à sua marca, para o café da mesma procedência, graças a cuidados de classificação, um agio que corresponde ao que Santos goza sôbre Paranaguá. O fato é que, somando-se as médias de exportação e cabotagem, acima arroladas, verifica-se tendência de declínio do movimento global do pôrto de Vitória, quando o Espírito Santo vem produzindo mais; a atração do Rio é a

explicação complementar. Verificou-se nesta safra tendência de mudança dos dados do problema com mais avultado embarque para Vitória, por motivo da maior liberação de dólares para o café do mesmo tipo nêsse pôrto que para o do Rio. Mas, com a instrução n.º 70 da SUMOC, que criou o critério da bonificação fixa em cruzeiros por dólar, cessou aquela vantagem ocasional, que determinara até tentativas de fraude, com afluxo para Vitória de cafés que normalmente, por sua origem, tipo e qualidade para alí não convergem.

RESTAURAR UMA "TRADIÇÃO PERDIDA"?

Atribui-se ao comércio de Vitória e ao do interior grande responsabilidade pela depreciação dos cafés espírito-santenses nos mercados. Afirma-se que as compras no interior são feitas na forma de "bica corrida", sem separação ou classificação. O comerciante paga ao café em côco ou beneficiado um preço uniforme. Só mais recentemente observou-se um divisor de águas: a porcentagem de broca influi no preço pago ao lavrador. Sem estímulo para produzir um produto melhor, o cafeicultor do Espírito Santo apenas se preocupava com a produtividade, único fator que lhe assegurava melhoria de renda. E é possível atribuir o seu recente interêsse em combater a broca, não tanto às campanhas oficiais, como sobretudo à circunstância de que, além de quebras de volume decorrentes da praga, encontra reputação tanto menor pelas suas colheitas quanto mais estejam "brocadas".

Durante um banquete que o comércio de Vitória ofereceu ao presidente do I.B.C., êste fêz àquele um apêlo público para que melhorasse a apresentação do café que vendia, inclusive para que a reputação do pôrto subisse no conceito do mercado mundial. Um exportador ao nosso lado, aparteou em voz baixa: "O nosso café já foi melhor". Não estariamos assim em face de uma "ausência de tradição", mas de uma "perda de tradição". Êsse título perdido resultaria da desorganização dos mercados europeus e da inclinação de Vitória para o mercado interno, menos exigente e desabituado a padrões definidos de bebida. No entanto, essa circunstância reflete sôbre a reputação do café no Espírito Santo e sôbre o renome comercial de Vitória, com repercussões desfavoráveis muito concretas sôbre a renda dos lavradores e do Estado em geral. Justifica-se, dessa forma, o esforço que se observa em alguns setores particulares e oficiais, em pról de um movimento de melhoria do "café Vitória", cuja matéria-prima poderia proporcionar, com preparo adequado, até larga porcentagem de tipo 4 e bebida mais suave que a atual, tanto quanto o permitisse uma cafeicultura quase toda a baixa altitude e acima do paralelo 20. Nêsse sentido, o chefe do Fomento Agrícola Federal fez ensaios interessantes de preparo de café, inclusive com despolpamento, e conseguiu mesmo colocar para esta safra uma pequena encomenda, de carater experimental, de importadores norte-americanos. A campanha poderia inclusive fazer inclinar mais para a área do dólar o café espírito-santense escoado pelo pôrto da capital do Estado.

(Da "Fôlha da Manhã")

INFLUÊNCIA DA FALTA DE CHUVA NA PRODUÇÃO PAULISTA DE CAFÉ

CONSIDERAÇÕES DO SR. ANTÔNIO DE QUEIROZ TELES A RESPEITO DO ASSUNTO

O sr. Antônio de Queiros Teles, vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira, falando a respeito da falta de chuva nos cafèzais paulistas, afirmou à reportagem:

"Comentando a grande diminuição, nos últimos anos, da produção cafeeira do Estado de São Paulo, comparando os vinte e cinco anos antes de 1940, com dez outros posteriores a essa data, o relatório da "Cia Cafeeira Cambuy" dá como razão principal dêsse estado de coisas a diminuição das chuvas no sul do Brasil, conseqüente à derrubada das matas.

Impressionados com a baixa produção cafeeira de São Paulo, estamos todos nós, lavradores e muito mais deveria estar o govêrno do Estado, a quem incumbe tratar por todos os modos de facilitar e pôr em prática medidas contra uma situação que ameaça sèriamente a estabilidade social e financeira do Estado e do país.

Segundo dados de minha propriedade agrícola de Sertãozinho, a produção cafeeira dos últimos quinze anos, iniciando-se em 1925 e terminando em 1939, teve a média anual de **52,5 arrobas por mil pés.** No período subseqüente de 1940 a 1950 inclusive, reduz-se a média anual a precisamente a metade, ou seja 26 arrobas por mil pés.

No que se refere a chuvas, o período de 1925 a 1939 dá a média anual de **1.290 milímetros,** enquanto que os onze anos posteriores, de 1940 a 1950 inclusive, apresentam precipitação pluviométrica média de **1.139 milímetros** por ano. É preciso notar, porém, que este último ano houve diminuição de chuvas, tendo atingido o total de **935 milímetros,** muito abaixo da média geral.

Do exposto se verifica, que a queda de chuvas não apresenta no último período, diminuição sensível, quando no entanto houve notável baixa na produção, como se demonstra a seguir.

A média da produção cafeeira, que no segundo período apresenta diminuição de cincoenta por cento sôbre o primeiro, deve provir de outras razões e não pròpriamente do volume de água caída. Precisamos ter em mente que um dos fatores contraproducentes da produção foi a irregularidade das chuvas nos meses do inverno, tendo havido anos dêste último decênio com quatro e mais mêses inteiramente sêcos nesse período, fato que sòmente foi modificado nêste último ano.

Atribui o relatório da Companhia Cambuhy, a diminuição das chuvas no sul do país à derrubada das matas e a um simples ciclo climático. Sejam quais forem as causas o fato é que na maioria das plantações cafeeiras de São Paulo a colheita do ano passado correspondeu a um quinto da média anual do período compreendido entre 1925-1939, não tendo o cômputo total atingido a tanto por se contarem plantações novas em pleno vigor que tiveram produção elevada.

A irrigação, a que recorreu uma pequena parte da lavoura, representa parcela insignificante no número total das propriedades, pois além de não

passar de ínfima a porcentagem das fazendas que possuem água para êsse fim, a instalação do serviço é por demais onerosa para a maioria dos cafeicultores.

A adubação adequada em terras exauridas que hoje constituem a quase totalidade em São Paulo, é sem dúvida de primordial necessidade. Ela se vê imperfeitamente realizada pela enorme escassez de braços que reina nas fazendas de café, pelo alto preço dos adubos importados, ou em geral obtidos no comércio.

O combate à erosão e às pragas do cafeeiro, estas já em número elevado e em desenvolvimento cada vez mais ameaçador, constituem necessidade urgente e sobretudo continuada, sem tibiezas.

O reflorestamento é uma necessidade para a conservação da fauna, flora e conforme os ensinamentos da ciência, para manter os cursos de água em existência.

Mas o reflorestamento deve ser orientado de maneira a se formarem bosques de essências que estimulem a produção das nascentes de água, e não as extingam, como, segundo observação de alguns é o próprio eucalipto.

A pequena precipitação pluviométrica de que temos notícia da Austrália, de onde é nativa essa árvore, parece indicar, que ela se adapta a regiões sêcas com tendência a tornar áridas zonas que antes não o eram". — Conclui.

(Correio Paulistano, 10-12-1953)

O PRECEITO DO DIA

COMO SE ACUMULAM VENENOS

Pela transpiração elimina-se parte dos resíduos formados no interior do organismo. O movimento e o exercício, aumentando a transpiração, facilitam a eliminação dessas impurezas pelo suor. Eis porque a vida sedentária, em outras palavras a falta de atividade e de exercícios, é sempre prejudicial à saúde.

Evite a intoxicação do organismo, ativando a transpiração por meio de exercícios moderados. — SNES.

O SOMBREAMENTO DO CAFEEIRO NUMA FAZENDA DE MOCOCA

A propósito do sombreamento do cafeeiro recebemos do lavrador sr. Paulo de Barros Whitaker a seguinte carta, com observações pessoais que,

"Prezado sr. Edgar Fernandes Teixeira — Tendo acompanhado com muito interesse os comentários que v.s. ten publicado no "Estado", a respeito do sombreamento dos cafèzais, tomo a liberdade de vir, com a presente, trazer o meu depoimento sobre tão momentoso assunto, relatando a minha experiência realizada em Mococa, na minha fazenda Sta. Clara da Serra. Desejo, antes de entrar na questão pròpriamente dita, fazer um pequeno retrospecto do passado, para justificar o afinco com que tenho trabalhado nessa causa.

Sou filho, neto e bisneto de lavradores de café ém São Paulo e desde pequeno me acostumei a ouvir do meu velho e falecido pai que a lavoura de café é uma lavoura extrativa; que tudo se tira ao solo, húmus e sais minerais, e quase nada se lhe devolve, de modo que a lavoura cafeeira não poderá perdurar em nossas terras, sendo sempre nômade, à procura de sertão. De matéria orgânica, precisamos! Mas onde consegui-la? Estábuas, capineiras, "compostos", palha de café, palha e cana de milho, palha de feijão, capim-gordura, tudo, terra limpa e até pedras, tudo é muito bom para a terra; pelo menos segura a enxurrada.

Quem é lavrador, entretanto, sabe o quanto custa em mão-de-obra e carreto um jacá de adubo, produzido e colocado em cada pé de café por ano. Não conheço fazenda que consiga adubar, com adubo produzido na própria fazenda, nem 30% dos seus cafèzais. A não ser pequenas plantações de café, em volta de máquinas de benefício e comercio de café, ou granjas de leite ou qualquer coisa assim, mas cujo principal negócio não é o cafèzal, não sei de fazenda alguma que consiga, materialmente, esse resultado, porquanto deveria ter uma organização à parte sòmente para o fim de produzir e transportar o adubo, sendo essa organização igual ou maior do que toda a organização para custeio da lavoura. E o preço do café, nestes 50 anos, permitiria isso? Não. Quem fizer uma organização dessas não a fará economicamente. Basta um vento frio ou uma seca prolongada para anular a colheita do ano, enterrando o fazendeiro num grande "dêficit".

Há lavradores que, a peso de ouro, compram torta de algodão, palha de café dos vizinhos mais pobres, estêrco de curral em sítios distantes, conseguindo assim adubar grande parte dos cafèzais. Mas isso é uma exceção, pois, se todos fossem agir assim, não haveria torta de algodão, nem sitios distantes para fornecer adubo para todos.

O jacá de adubo, por ano, em cada pé de café, é, a meu ver, um problema insolúvel, por ser caro demais em relação ao valor do produto. E não havendo o jacá de adubo, curvas de nível e irrigação perdem grande parte do seu valor os cafèzais velhos, necessitados de restauração.

Foi com esse pensamento que, por volta de 1943, plantei dez mil pés de café, em mata virgem, com grande número de jequitibás e muitas

outras árvores, de copas mais baixas. Essa minha experiência não deu bom resultado, pois o café novo não se desenvolveu como eu imaginava.

Em 1940, mais ou menos, plantei "tefrosia candida" em 10.000 cafeeiros já velhos, com o fim de sombrear o solo, e, devido ao pequeno porte dessa leguminosa, aproveitar também o pleno sol. No 3.º ano, o cafèzal, melhorou tanto que me deu a impressão de ter acertado. Mas a tefrosia cresceu muito e foi preciso fazer um corte. Com a brotação da tefrosia, o cafèzal se ressentiu muito.

Nessa epoca, já havia alguns fazendeiros cuidando do sombreamento pelo ingàzeiro e resolvi, então, procurar conhecer alguma fazenda com cafèzais sombreados. Visitei a fazenda dr. Ralston, em Terra Roxa, e depois, por indicação direta da secção técnica da Secretaria da Agricultura, fui visitar a fazenda dos drs. Mariano e Joaquim de Barros Alcântara, em Caçapava.

Dessa minha visita à fazenda dos irmãos Alcântara, nasceu em mim a convicção de que o problema estava resolvido, em princípio naturalmente, ainda com muitas dúvidas quanto a clima, terra e condições diversas das zonas cafeeiras do Estado.

Em 1944, comecei a plantar os ingàzeiros, em minha fazenda, com mudas fornecidas pelo dr. Rogério de Camargo e sementes que colhi nos matos da própria fazenda. em 1945 terminei de plantar ingàzeiros nos meus 100.000 pés de café, parte dos quais com cerca de 70 anos atualmente, e parte de 30 anos. Plantei os ingàzeiros em ruas alternadas, nos dois sentidos das ruas de café, e, sendo o meu cafèzal de 16 palmos mais ou menos de um pé a outro, ficaram os ingàzeiros a mais ou menos 32 palmos, ou sejam, 7 m. de distância, entre si, servindo assim cada ingàzeiro de sombreador para 4 pés de café.

Nos 3 primeiros anos de vida dos ingàzeiros, não notei nenhuma diferença no mau estado em que se encontrava toda a minha lavoura, a abandonar a lavoura velha, ficando sòmente com a mais nova, Resisti aos conselhos e comecei a podar os ingàzeiros, cortando os galhos mais baixos para levantar a copa.

Nos 4.º, 5.º e 6.º anos, achei que a lavoura tinha piorado, e a justificativa era facil: para 4 pés de café havia uma arvore a mais para alimentar. Não pude dar nenhum alimento, a mais, para o meu cafèzal, a não ser pequenas quantidades de palha de café e adubo de curral, que mal davam para as replantas. Quanto á produção, parecia que o cafèzal não tinha tomado conhecimento dos ingàzeiros. A mesma média da zona: 12 a 20 arrobas por mil pés.

No 7.º ano, que foi o ano passado, a lavoura melhorou muito, e eu tive uma pequena florada, em agosto, e uma grande florada em outubro. A de agôsto vingou bem, porém a de outubro, que foi precedida de uns 3 dias de vento gelido, não pegou. A colheita dessa safra, em alguns talhões, os que estão melhor sombreados, apresentaram carga bem melhor do que os que ficaram mal sombreados, por falhas de ingàzeiros. No entretanto, em média, foi uma pequena colheita, igual á média da zona.

Devo lembrar que o plantio de ingàzeiros, em terra velha e erosada, é tarefa assaz, e embora todo ano replante muitos pés, sempre ha falhas.

A minha fazenda está situada na encosta de uma serra e a erosão chegam a um grau muito avançado. Hoje, a erosão é coisa do passado, e a terra está já com uma boa camada de humus. O capim-marmelada foi substituido pela capoeirava, que cobre grande parte do solo, trepando por cima dos montes de galhos secos da poda dos ingàzeiros e folhedo que, anualmente, vem caindo sôbre a terra, apresentando, nas partes mais sombreadas, um típico solo de mata.

Outro fenômeno interessante é o seguinte: Antes do sombreamento, os meus cafèzais estavam infestados de broca. Esta chegou a tal ponto que, na calheita, se formavam nuvens de broca no terreiro de café. No ano de 1948, que foi o do auge da broca, remeti o meu café para Santos, tendo sido preciso fazer uma caldeação com cafés melhores em tipo, para poder embarcá-lo para o exterior. Nestes últimos 2 anos, a broca praticamente desapareceu.

Neste ano de 1953-1954, tive uma florada exuberante. Todo lavrador sabe que flor não é café. A distância é grande. No entretanto, o ano se apresenta muito promissor. Os cafèzais floresceram em todo lugar que podiam florescer. Tanto os velhos como os mais novos apresentaram uma florada geral. Percorrendo os cafèzais vizinhos, não sombreados, tive oportunidade de verificar que a florada foi geral. Sombreados, floresceram todos. Isso vem corroborar a minha opinião de que o cafèzal tanto produz à sombra quanto ao sol. A questão é que, á sombra, o cafeeiro cresce e se restaura, tornando-se uma árvore sadia e grande, havendo, portanto, volume de árvore para produzir, aumentando assim a quantidade da produção.

A produção á sombra, entretanto, precisa-se frisar, não é sombra absoluta, Sombra de mais ou menos 50%. Tenho acompanhado o malogro de diversos sombreamentos no Estado e penso que as principais causas são as seguintes:

1.º — Árvores sombreadas não apropriadas. Por enquanto, parece que só o ingàzeiro se tem portado a contento.

2.º — Abafamento do cafeeiro. Toda árvore precisa de um certo espaço cúbico de terra para seu desenvolvimento. Assim, também precisa de certo espaço de ar para a respiração: precisa de luz e também de sol. As copas dos ingàzeiros precisam ser altas para proporcionarem essa situação. Todos os anos, os ingàzeiros devem ser podados, a fim de crescerem o suficiente para deixar espaço livre entre a sua copa e os cafeeiros para penetração de ar, luz e sol. Copas de ingàzeiros baixos abafam os cafeeiros.

3.º — O cafeeiro sombreado sofre uma mudança biológica, com relação ás raízes. Os de pleno sol, devido ás capinas, constantes, têm suas raízes mais profundas. Nos sombreados, as raizes são mais superficiais; por isso, não podem ser capinados com o chão sêco. A arruação ou coroação e, depois, a esparramação, representam a morte para os cafeeiros sombreados.

Durante a sêca, não se podem cortar as raízes dos cafeeiros sombreados, pois, estando o chão duro, as árvores não terão força para fazer penetrar, no solo endurecido, novas raízes. Os não sombreados,

que mantêm raizes mais profundas, não sentem tanto uma capina na sêca. Os sombreados, entretanto, não resistem a essa operação.

Aproveito esta oportunidade para convidar V.S. para, durante os meses de fevereiro ou março, fazer uma visita á minha fazenda, a fim de verificar "de visu" o que acabo de relatar, pois, nessa ocasião, o café estará em boas condições para ser observado no que concerne á produção".

(Do "O Estado de S. Paulo", 14-10-53)

O CULTIVO DO CAFÉ NO MÉXICO

Os esforços realizados pela Comissão Nacional do Café, para fazer chegar ao conhecimento dos cafeicultores os melhores sistemas de cultivo e os metodos mais eficazes de trabalho, tiveram resultados satisfatórios em diversas regiões do país.

Na região de Coatepec, Estado de Vera Cruz, a Associação Agrícola local convocou os cafeicultores a fim de estabelecer uma série de cursos para jovens, operários e capatazes de fazendas de café, sôbre diferentes aspectos da cultura do café. A circular enviada pela própria Associação explica sucintamente essa colaboração eficaz: "Considerando que um dos meios de aumentar a produção agrícola repousa sôbre a base do cultivo racional da terra e a eliminação de certos hábitos rotineiros, bem como a aplicação de métodos que a experiência e a ciência aconselham, a Associação Agrícola local, com o auxílio que de modo tão eficiente vem sendo proporcionado pela Comissão Nacional do Café aos agricultores desta região, concordou em estabelecer uma série de cursos para jovens, operários e capatazes das fazendas de café, bem como para todo aquele que quiser aproveitar esses ensinamentos, seja ou não membro da Associação, sôbre as seguintes matérias; 1) estudo e conservação dos solos; 2) cultivo racional do café;3) parasitologia-vegetal e enfermidades das plantas cultivadas. Agrônomos especializados nessas matérias, da Comissão Nacional do Café, fornecerão esses conhecimentos práticos e de observação nos laboratórios das estações experimentais da Comissão, assim como no local em que está instalada a Associação Agrícola..."

(Boletim n. 73 — Comissão Nacional do Café — Agôsto de 1953).

(Do "Estado de S. Paulo," 4-11-53)

VIVEIROS DE CAFÉ

INSTRUÇÕES PRÁTICAS

Hélio José SCARANARI
(Engenheiro agrônomo da Secção de Café do Instituto Agronômico de Campinas)

O viveiro de café é indispensável em toda a fazenda. Quanto maior o capricho em obter uma boa muda, tanto maior a possibilidade de se conseguir uma boa replanta.

ESCOLHA DO LOCAL — a) deve ser próximo à sede, para melhor fiscalização; b) deve ter água acessível para a necessária irrigação; c) as terras não podem ser muito pobres, para que haja economia de adubos.

TIPOS DE VIVEIRO — O viveiro pode ser de dois tipos. O primeiro, feito debaixo de árvores cuja sombra não seja muito intensa, apresenta a vantagem de ser mais barato, porém traz o inconveniente de serem prejudicadas as mudinhas de café pelas raìzes das árvores. O segundo, exige a construção de um ripado. É o melhor sistema, apesar de ser mais caro. Um bom ripado pode ser construido com colunas de alvenaria, vigotas trabalhadas e ripas. É muito estético, sólido, porém, dispendioso.

Há, ainda, um tipo mais modesto, mais acessível, que alcança plenamente a mesma finalidade: é aquele construido com mourões de eucalíptos e bambus. O bambu, para melhor aproveitamento, é partido ao meio, no sentido do comprimento e o espaço entre um e outro é igual à largura do próprio bambu. A sua posição na cobertura é N-S. Obtem-se assim uma meia sombra durante quase todo o dia.

Em caso de muita urgência ou se as condições do fazendeiro não permitirem no momento a construção do ripado, deve-se lançar mão do seguinte recurso: prontos os canteiros em um local prèviamente estudado, são construidas sôbre estas com forquilhas e galhos de árvores, armações baixas (mais ou menos 50 centímetros). Sôbre estas armações, então, estendem-se esteiras de bambus. Essas esteiras protegem os canteiros, evitando uma insolação muito intensa.

É aconselhável em qualquer dos casos cobrir os canteiros, uma vez semeados, com uma camada leve de capim sêco. O canteiro ficará assim protegido contra os estragos das chuvas.

DIMENSÕES DOS CANTEIROS — O comprimento variará de conformidade com o terreno. A melhor largura é de 2 metros. Os canteiros serão feitos cortando sempre as águas. Entre um e outro, deve haver um caminho de 50 cm para a passagem dos operários. De distância em distância, faz-se um caminho maior de 3 metros, para facilitar o tráfego interno e a saída das mudas. A água deve ser distribuída de tal maneira que todos os canteiros a recebam com facilidade.

PREPARO DO TERRENO — Inicialmente, é feita, nos canteiros, com enxadão ou pá, uma cava muito bem trabalhada e logo a seguir se

faz o nivelamento. Este serviço pode também ser feito com enxada rotativa, desde que se disponha desta máquina.

No caso de o viveiro ser instalado debaixo de árvores, em terra boa, onde haja terriço, é suficiente o revolvimento da terra.

Se a terra fôr pobre, deve-se adicionar uma adubação, por metro quadrado do canteiro, de: estêrco, 5 a 10 kg; farinha de ossos, 200 gr; cloreto de potássio, 100 gr; e sulfato de amônio ou salitre do Chile, 100 gr.

Para a adição do adubo, procede-se assim: após o nivelamento espalha-se o estêrco sôbre o canteiro em camada uniforme, e sôbre êle se põe depois o adubo químico. Faz-se nova cava com enxadão, enterrando-se o adubo. Também esta operação pode ser realizada com o auxílio da enxada rotativa.

Assim, para o caso de um canteiro que tenha as dimensões de 20m x 2m, ou sejam, 40 m2, empregar-se-ão as seguintes quantidades: estêrco, 200 a 400 gr; farinha de ossos, 8 kg cloreto de potássio, 4 kg; e sulfato de amônio ou salitre do Chile, 4 kg.

SEMEAÇÃO — As sementes distribuidas pela Secretaria da Agricultura são despolpadas (sementes em pergaminho). Germinam mais ràpidamente do que quando em côco, são de mais fácil manejo no viveiro e dão apenas uma muda em cada lugar, o que facilita o transplantio.

A distância de semeação nos canteiros, para sementes despolpadas, pode ser: entre-linhas, 15 cm (de fileira a fileira) e nas linhas, 5 cm (de semente a semente).

As linhas são riscadas no sentido da largura do canteiro. Um metro quadrado de canteiro comportará 133 sementes. Normalmente, obtem-se cêrca de 80% de germinação, e, portanto, 100 mudinhas mais ou menos. Isso servirá de base para o fazendeiro saber qual a área de viveiro de que vai precisar.

ÉPOCA DE SEMEAÇÃO — A semeação no viveiro deverá ser feita no início das águas. De setembro a novembro, a ocasião é ótima para se fazer esta operação.

TRANSPLANTAÇÃO — A transplantação pode ser feita para jacàzinhos (de bambu ou de sapé) ou, preferìvelmente, para recipientes formados de madeira laminada (41 x 23 cm). A melhor ocasião é de abril a maio, quando as mudinhas têm uns 10 cm de altura e cêrca de 5 a 6 meses de idade.

Os laminados devem ser preparados com antecedência. São submersos em água por uma ou duas horas. Em seguida, são pregados com dois grampos, o que se faz com grampeador usado para papel. Assim presos, basta uma volta de arame n.º 22 para mantê-los na forma devida. Se houver interêsse em conservá-los por tempo mais ou menos longo, a imersão deverá ser feita em uma solução de sulfato de cobre a 5%, durante 3 horas. Neste caso, há necessidade do emprêgo de arame mais grosso. A muda é retirada cuidadosamente do canteiro, com torrão de terra. Se a raíz principal da mudinha fôr grande, há conveniência em apará-la. A operação de transplantação tem de ser feita com muito cuidado, por operário habilidoso, para que a raíz não fique enrolada ou torta. As mudas assim transplantadas, ficam no viveiro até um mês antes do plantio, quando deverão ser expostas ao sol.

SEMEAÇÃO DIRETA NOS RECIPIENTES — Pode-se fazer a semeação direta nos recipientes, sejam eles jacàzinhos ou laminados. Estes se prestam melhor para esta finalidade, porque há tamanho pequeno que torna o processo menos dispendioso (18 cm x 14 cm).

Os laminados são preparados com terra misturada com estêrco ou serapilheira de mato. É conveniente regá-los durante quatro a cinco dias antes da semeação, para que a terra assente bem.

A época de se fazer a semeação é a que vai de maio a julho. Colocam-se duas sementes em cada laminado e, por sôbre elas, uma camada fina de terriço. Os laminados devem ser agrupados em blocos bem compactos, em forma de canteiros com 2m de largura e com ruas de 50 cm entre estes.

As mudas estarão com um ou dois pares de fôlhas de outubro a dezembro, época em que poderão ser levadas para o local definitivo.

TRATOS CULTURAIS — No viveiro, os únicos tratos culturais exigidos são simples capinas para manter os canteiros livres do mato. São indispensáveis regas constantes.

PLANTAÇÃO EM LOCAL DEFINITIVO — A plantação em local definitivo é iniciada de outubro em diante, podendo prolongar-se até janeiro. É condição primordial serem as mudas plantadas em ocasião chuvosa.

PRAGAS E MOLÉSTIAS — No viveiro aparecem com frequência coccideos. O tratamento será feito com Rhodiatox — emulsão — nas quantidades indicadas na própria lata do inseticida. Poderá também ser aplicado Albolineum, na dose de 1%.

Das moléstias, as mais frequentes são: a "Cercosposra coffeicola" ("Berck et Cooke"), comumente conhecida por olho pardo, que se apresenta em forma de manchas arredondadas e pardacentas. A incidência desse fungo deve-se, geralmente, à má nutrição das plantas ou ao excesso de água de irrigação e, "Rhizoctania solani kuln), que causa o tombamento das mudinhas. O tratamento deverá ser o de diminuir as regas, se estas foram excessivas e aplicar a calda bordalesa a 1%.

MATERIAL NECESSÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM RIPADO DE BAMBU

Para ter-se uma idéia do material necessário à construção do ripado, basta que se tomem por base os dados referentes (a uma dessas construções, suficiente para a semeação e manejo de 10.000 laminados de 41 x 23 cm. O material empregado será o seguinte: 40 moirões de eucalípto de 3m50 com 15 cm mais ou menos de diâmetro; 125 metros de linhas de eucalípto com 10 cm mais ou menos de diâmetro; e 100 duzias de bambus.

Os moirões serão fincados no chão, a uma distância de 3m50 uns dos outros.

(Da "Fôlha da Manhã" 28-11-53")

"MUCUNA ANÃ", NOVA VARIEDADE PARA A ADUBAÇÃO DOS CAFÈZAIS

O saudoso professor da Escola de Agricultura de Piracicaba, engenheiro agrônomo Carlos Teixeira Mendes, dedicou grande parte de sua vida ao estudo das leguminosas, particularmente da mucuna, aconselhando sua cultura não só como adubo verde, mas também como valiosa forragem para o gado. Realmente, a mucuna é uma das plantas que maiores possibilidades oferece pela sua grande produção de massa verde e sementes, pelas suas altas qualidades forrageiras, pela sua capacidade de melhoramento e restauração dos solos, etc. Não é sem razão que a mucuna ocupa nos Estados Unidos uma área cultivada superior a 350 mil hectares.

A mucuna deve ser encarada em nosso meio, principalmente como uma planta forrageira, para ser utilizada sob a forma de feno, silagem, sementes e forragens verde. No entanto, não devem ser desprezadas suas altas qualidades como planta regeneradora do solo.

VARIEDADES DE MUCUNA

Há um grande número de variedades de mucuna e só a secção de Agrostologia, do Ministério da Agricultura, ensaiou mais de uma dezena recebidas dos Estados Unidos. Atualmente, apenas uma variedade tem sido aconselhada devido à sua grande resistência às doenças e principalmente à sua alta capacidade de produção de massa verde: é chamada "mucuna preta", também conhecida por "feijão veludo".

A "mucuna preta" é uma leguminosa anual, trepadeira, cujo caule ultrapassa às vezes 15 metros de comprimento. Por essa razão, não é aconselhada na adubação verde dos cafèzais e pomares. Para evitar esse inconveniente, foram criadas recentemente variedades de porte semi-erecto, menos ramificadas, não alcançando altura superior a 80 cm.

O Departamento da Produção Vegetal já tem campos de produção de sementes de "mucuna anã", esperando-se que dentro de três anos os lavradores paulistas poderão contar com abundância dessa nova variedade. As plantas de "mucuna anã" apresentam as mesmas características gerais da "mucuna preta" com exceção do porte, que é semi-erecto, ramos curtos e altura entre 40 e 80 cm.

Enquanto a "mucuna preta" leva cêrca de 150 dias para produzir flores, a variedade "anã" não leva mais de 90 dias. Produz também grande quantidade de sementes de cor parda, com manchas claras, que podem ser utilizadas na alimentação do gado.

O plantio da "mucuna anã" é particularmente vantajoso na adubação dos cafèzais e outras culturas perenes. Produz quantidade de massa verde comparável em volume com o "feijão de porco", com a vantagem sôbre este de exigir muito menos sementes para o plantio. Enquanto o "feijão de porco" exige cêrca de 330 quilos de sementes por alqueire, a "mucuna anã" não exige mais do que -30 quilos, adotando-se o mesmo espaçamento de 50 cm por 20 cm.

A MUCUNA COMO PLANTA DE ROTAÇÃO

A mucuna é uma das leguminosas mais aconselháveis para restaurar a fertilidade dos solos esgotados, principalmente quando cultivada em rotação. Tanto a variedade "trepadeira" como a "anã" produzem satisfatóriamente em quase todos os tipos de solos; desenvolvem-se bem mesmo em terras cultivadas por muitos anos segundos, ou em terras pobres.

Como dissemos, a "mucuna anã" é especialmente indicada para plantio entre as fileiras de plantas perenes, nos cafèzais e pomares em geral. Já a "mucuna preta" é mais indicada para cultura de um ano agrícola, principalmente num sistema de rotação com o objetivo de melhorar a fertilidade do solo.

Diversos ensaios realizados nas estações experimentais do Instituto Agronômico mostram que a "mucuna preta", cultivada em rotação com o milho, por exemplo, é capaz de produzir matéria organica suficiente para manter a produtividade do solo. Em uma série de ensaios, enquanto o milho, cultivado após o enterrío da mucuna produziu o rendimento médio de 3.700 quilos por hectare, o milho cultivado sem o enterrio da mucuna só produziu 2.500 quilos por hectare. A mucuna proporcionou, pois, um aumento apreciável de 20 sacos por hectare. Na rotação seguinte, o milho cultivado após o enterrío da mucuna produziu 3.600 quilos por hectare, isto é, duas vezes mais que no primeiro caso.

O PLANTIO DA MUCUNA

A mucuna deve ser cultivada em terreno bem preparado para favorecer a germinação das sementes e o desenvolvimento das plantas. Em terras muito pobres aconselha-se aplicar 400 a 500 quilos da farinha de ossos por alqueire. Se a mucuna for cultivada em rotação com o algodoeiro ou o milho, aconselha-se o emprêgo de fertilizantes químicos nestas culturas, de maneira que a mucuna cultivada no ano seguinte possa aproveitar a parte residual dos adubos então aplicados.

O plantio pode ser feito desde as primeiras chuvas de setembro-outubro até dezembro-janeiro, mas o plantio de outubro proporciona melhores resultados quanto à produção de massa verde ou de sementes.

Uma prática bastante aconselhável para enriquecer os solos cultivados com o milho é o plantio da mucuna preta entre as suas fileiras, depois que as espigas de milho já estiverem formadas, mais ou menos 60 dias após a semeadura desse cereal.

Para produção de silagem consociada ao milho, semeia-se a mucuna entre as suas fileiras alguns dias depois do milho. Dessa maneira, colhem-se as duas plantas simultaneamente para o preparo de rica silagem.

O ESPAÇAMENTO ACONSELHADO

O espaçamento para a cultura da mucuna varia de acôrdo com a finalidade do plantio. Para a produção de massa verde destinada ao enterrío como adubo ou forragem para o gado, o melhor espaçamento

é o de 50 cm. entre as fileiras, deixando uma planta cada 20 cm. Gastam-se dessa maneira de 60 a 70 quilos de semente por hectare.

Para produção de sementes, o espaçamento mais econselhável é o de um metro entre as fileiras deixando-se uma planta cada 20 cm. Neste caso, gastam-se apenas 30 a 35 quilos de sementes por hectare. A mesma quantidade é gasta quando se planta mucuna entre as fileiras do milho, para a produção de silagem ou de adubo verde.

PRAGAS E MOLÉSTIAS

Uma das maiores vantagens de mucuna é a sua grande resistência às pragas e moléstias comuns às outras leguminosas. As lagartas que costumam atacar outras plantas, podem infestar a mucuna, mas não chegam a afetar seriamente o rendimento devido o seu vigoroso desenvolvimento.

A mucuna produz em terras novas, isto é, com poucos anos de cultura, 100 a 150 toneladas de massa verde por alqueire, o que corresponde a 20 a 30 toneladas de massa sêca. Considerando que uma tonelada de massa sêca contem 28 quilos de azôto, 20 quilos de potassa, 13 quilos de cálcio e 6 quilos de fósforo, pode-se avaliar com facilidade a enorme riqueza que representa essa cultura, seja para a produção de rica forragem para o gado, seja para ser incorporada ao solo como valioso elemento de restauração de sua fertilidade.

(Da "Folha da Maunhã", 12-12-53)

NOVO SURTO CAFEEIRO

O cafeeiro, em nosso país, se encontra numa encruzilhada em que duas estradas se abrem: a antiga, que continuaremos a trilhar ainda durante muito tempo; a moderna, poderiamos dizer a que mais se aproxima dos princípios básicos da agronomia, que é um rumo inteiramente novo e bastante promissor.

Continuando o que fazemos há mais de século, vamos plantando cafèzais agora em escala elevadíssima, às dezenas de milhares de arbustos, em terras novas ainda cobertas de florestas, em regra cada vez mais afastadas dos portos do mar. E ao arrepio das idéias de alguns, há ainda muitíssimo solo de primeiríssima ordem aguardando pioneiros.

Atualmente, a faixa em que se está trabalhando em maior escala, quase vertiginosamente, é o norte e o centro-norte do Paraná. São uns 60 mil quilômetros quadrados de terra extraordinàriamente férteis, que dão safras de 40 sacas de grãos beneficiados por hectare. Grande parte do norte do Paraná está plantado. Resta o centro — bacia do rio Pequirí — e o oeste. As geadas dêste ano não diminuiram o entusiasmo dos fazendeiros. Os cafèzais queimados voltarão a produzir. Geadas como as dêste ano são raríssimas, umas cinco por século, talvez. Aí, brasileiros de quase todos os Estados e europeus de quase todos os países continuam, num açodamento espantoso, a abrir estradas, derrubar florestas, plantar cafèzais e fundar cidades que crescem aos pulos, ultrapassando os otimismos mais loucos.

O govêrno do Paraná está fundando a cidade Munhoz da Rocha, em plena floresta, em terras do Pequirí, cidade caprichosamente planejada, antes de se saber onde localizá-la, e que será belíssima. Presentemente não se vai ao trecho escolhido de maneira alguma, pois não há, cortando a selva, nem estrada de ferro nem estrada de rodagem, nem aeroporto, nem rio navegável. Mas Munhoz da Rocha será uma grande cidade dentro de dez anos. Nas proximidades da futura grande cidade, só uma companhia, a Agrinco, inicia a plantação de dez milhões de cafeeiros e um milhão de oliveiras. Deverá estar com tudo isto plantado e fazendo as primeiras colheitas em 1957.

Além do rio Paraná, no sul de Mato Grosso, há uns 60 mil quilômetros quadrados de terras roxas, continuação das paranaenses, também de fertilidade impar. A estrada de ferro Campo Grande-Ponta Porã atravessa a nova gleba e está permitindo a formação de grandes cafèzais. Campo Grande, entre cafèzais, é uma das cidades cogumelo de Mato Grosso. Faz-se mister levar, quanto antes, os trilhos da Sorocabana, que ficaram em Presidente Epitácio, às margens do rio Paraná, até Potna Porã. Ao lado desta área, ainda em Mato Grosso, há uns 100 mil quilômetros quadrados de terras piores, mas ainda em condições de produzir muito café. São completamente virgens.

Em São Paulo, ainda existe uma faixa de terras novas no extremo oeste, onde estão plantando cafèzais. Em Goiás a gleba de bons solos é muito grande — algumas dezenas de milhares de quilômetros quadrados. Já está começando a produzir o nosso ouro verde. As

estradas são insuficientes parque não atingem as zonas novas e não garantem nem mesmo o transporte das safras atuais. Em Minas Gerais, há terras novas na bacia do Rio Doce. Todo o norte do Espírito Santo encontra-se intacto e está sendo, em grande parte, plantado com cafèzais. Há boas terras para o café no sudoeste da Bahia e numa ampla faixa paranaense atravessada pelo rio Tocantins. Há ainda terra, para café no Maranhão.

O rumo novo e muito promissor é o plantio de ótimos cafèzais em terras velhas de São Paulo e Estado do Rio. A Agrinco planta algumas dezenas de milhares de cafeeiros no município de Guararema, a cinquenta quilômetros da cidade de São Paulo. Plantação rigorosamente técnica, em terraços e covas adubadas com matéria orgânica e fertilizantes químicos. Nas proximidades de Campinas, ainda no planalto de Piratininga, há grandes cafèzais em terras velhas, produzindo tanto quanto os cafèzais paranaenses. Há algo a respeito na velha província fluminense, e mais não há porque falta o indispensável fomento da Secretaria da Agricultura, o que também sucede em Minas Gerais e Espírito Santo. O novel Instituto Nacional do Café apenas dá os primeiros passos.

As irrigações por aspersão, que se generalizam nos cafèzais velhos paulistas, aumentam a safra de uns 80 a 100%. Resultados extraordinários, que justificam o entusiasmo dos fazendeiros. O mesmo sucederá nos velhos cafèzais fluminenses, mineiros e capixabas, quando as Secretarias da Agricultura se dispuserem a agir.

Há, ainda, para apressar o ressurgimento dos cafézais, duplicando ràpidamente, se preciso, a atual produção e melhorando a bebida, dois outros fatores. Surgiu uma nova variedade de cafeeiro — o Caturra, próprio de terra velha, muito precoce. Safreja desde o segundo ano. O Instituto Agronômico de Campinas modificou o processo de beneficiamento do café. Pelo novo método, todo o café arábico dá bebida mole de primeiríssima ordem. São Paulo, em breve, só produzirá café idêntico ao melhor colombiano. O mesmo sucederá em Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia, se as Secretarias da Agricultura e o Instituto Nacional do Café auxiliarem devidamente o Ministério da Agricultura.

Em suma, as possibilidades do Brasil, quanto ao café, continuam impares no mundo. Dentro de poucos anos, estaremos produzindo vinte milhões de sacas e caminhando aceleradamente para os trinta milhões. Que o Itamarati desde já busque mercados para as enormes safras futuras.

Pimentel Gomes

(Do "Correio Paulistano, 26-11-53")

PÉS DE CAFÉ RESISTENTES À HEMILÉIA VASTRATICE

Tipos resistentes à perigosa moléstia serão introduzidos no Brasil — Trabalha o Ponto Quatro na solução de sério problema de fitopatologia nas Américas

O Brasil deverá receber dentro em breve mudas de café resistentes à "Hemiléia Vastratice", as quais resultam de experimentos realizados na Índia, ora em observação no "Plant Introduction Garden", em Gleen Dale, no Estado de Maryland. Foram levadas do Oriente para os Estados Unidos pelos drs. Fredericú L. Wellmann e William H. Cowgill, aquele fitopatologista e êste horticultor ambos pertencentes à equipe de técnicos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, e serviço do Ponto Quatro, que os enviou numa excursão cientifica em redor do mundo, à procura de espécies de café resistentes à praga terrível.

MATA A PLANTA RAPIDAMENTE

"A "Hemileia Vastratice", que não é encontrada, felizmente, nas plantações da América Latina, mata o cafeeiro rapidamente, alastrando-se com grande facilidade, causando prejuísos totais. Todavia, segundo parece, foi encontrada resposta à ameaça que pairava sôbre os cafèzais do Brasil e do resto do Hemistério Ocidental, se não fôssem as providências acauteladoras adotadas pelos dirigentes do Ponto Quatro. Os tipos híbridos originários das espécies Arábica e Robusta cultivados no sul da Índia, resistentes à Hemiléia, são produto de 30 anos de estudos e trabalhos de seleção e enxertos da Estação de Pesquisas Cafeeiras da Índia, em Balehomur, no Estado de Misore. No início do programa de seleção, os indus fizeram vários cruzamentos entre as plantas da espécie "Arábica" e "Ganefora" ("Robustas"). Esta última foi empregada em virtude da sua resistência à "Hemiléia" e a "Arábica" por seu sabor especial e qualidade. Depois de se ter conseguido transferir as características de resistência à praga, outras plantas foram desenvolvidas através de cruzamentos em que encontraram exclusívamente variedades da "Arábica".

DUPLICAÇÃO DA ESPÉCIE RESISTENTE

Os produtos híbridos resultantes foram recentemente distribuidos a vários agricultores da Índia, para duplicação da espécie, tendo se iniciado pequena produção em escala comercial. Altos funcionários do Govêrno da Índia indicaram estarem dispostos a dar sua cooperação para que esta variedade de cafeeiro seja introduzida no Hemisfério Ocidental.

Em dezembro passado chegaram a Washington as primeiras mudas da planta híbrida da espécie "Arábica", despachadas da Índia. De acôrdo com os procedimentos regulares, serão elas submetidas a quarentena no "Horto de Recepção de Plantas" ("Plant Introduction Barden") do Departamento de Agricultura, em Gleen Dela, Estado de Maryland. Depois de liberadas, serão enviadas, em sua maior parte, para as estações agrícolas experimentais cooperativas no Brasil, Colômbia, Costa Rica e Porto Rico, para serem plantadas em caráter experimental.

PRODUÇÃO EM ESCALA COMERCIAL

Caso as plantas criadas na Índia brotem satisfatoriamente neste hemisfério, poder-se-á obtê-las em quantidades suficientes para uma produção em escala comercial bastante ampla, dentro de cêrca de cinco anos, segundo acreditam os drs. Welman e Cowgill. Salientam êles, porém que a introdução, com êxito, de uma planta resistente à praga não constitue a resposta completa à ameaça da "Hemiléia", mas colocará a indústria cafeeira deste hemisfério um passo adiante na interminável corrida contra as moléstias que atacam as lavouras.

COLHERAM CEM ESPÉCIES DIFERENTES

Os cientistas colheram cêrca de 100 espécies diferentes de cafeeiros, que não crescem no hemisfério ocidental. Parte desta coleção é em forma de sementes e parte em mudas vivas. Como no caso do produto híbrido da Índia, os novos cafés serão cultivados em Gleen Dale sob o regime de quarentena, e eventualmente serão distribuidos às estações experimentais cooperativas da América Latina. Em troca, variedades melhoradas da América Latina serão encaminhadas para os colaboradores do Hemisfério Oriental.

AMPLIAÇÃO ALTAMENTE DESEJADA

Os novos cafés, salienta-se, tornarão possível uma ampliação altamente desejada da base genética dos cafés cultivados na América Latina. Atualmente, esta base é muito estreita. Pelo que foi possível determinar-se, pràticamente todos os cafeeiros plantados neste Hemisfério derivam de uma única planta ou, certamente, não mais do que algumas apenas, da variedade "Arábica" levada da África para a França e lá cultivada em estufa em princípios do século passado. Mudas da planta introduzida na França foram transplantadas para a América, e a sua eventual multiplicação é hoje em dia avaliada em cêrca de cinco bilhões de pés da espécie "Arábica", nas Américas do Sul e Central e na região do Mar das Antilhas. Os novos espécimens auxiliaram materialmente os cientistas do Hemisfério Ocidental em seus esforços para criar variedades resistentes às moléstias e às sêcas, e que produzam maiores colheitas.

(Do "Diário de Notícias — Rio" — 22-11-53)

O COMPASSO NO PLANTIO DO CAFÉ

Lauriston Pousa BICUDO
(Engenheiro agrônomo)

Muitos são os cafeicultores de São Paulo, Minas e Paraná, que se manifestam plenamente de acôrdo com o nosso ponto de vista, reiteradamente exposto nesta prestigiosa FOLHA Agropecuária, de que nada mais está justificando o plantio do cafeeiro em touças de 3, 4 ou mais plantas, sendo mister dar-lhe condições biológicas para que ele se desenvolva, produza e seja tratado mais técnica e economicamente. A maior proteção das plantas, o barateamento do custeio e a maior produção por unidade de área são, entre outros, argumentos em favor da cultura maciça, coletiva, em fileiras cerradas formadas por plantas individualizadas nos sulcos de nível.

Todavia, mesmo entre os que consideram pacífica essa nossa tese, perdura um problema de importância vital; **qual o compasso ideal para a formação de uma lavoura coletivizada de café?**

Nossos ensaios a respeito são os mais antigos do país e o nosso primitivo talhão ainda não conta dois anos de semeado. Este foi plantado a 0m80x3m20. Temos em observação dois talhões mais novos, nos quais adotamos 1mx3m40 e 1m20x3m40. Recentes observações estão parecendo indicar que esses compassos estão longe de ser o ideal. Na zona de Pirajú outros compassos têm sido experimentados, predominando 1m40x3m40, para terras novas. Cafeicultores que nos escrevem sugerem 0m80x2m50, 1mx3m60 e outros muito semelhantes. A tendência generalizada, como se vê, é dar pequena distância entre as plantas, nos sulcos, no sentido de permitir-lhes precoce proteção mútua — e distâncias relativamente grandes entre os sulcos, objetivando possibilitar, de futuro, a mais completa introdução de máquinas. Esta tem sido, aliás, a nossa orientação. Sem embargo, com base em observação da cultura mais antiga, podemos agora ponderar que — se êsses compassos não devam absolutamente ser condenados, não deixam, contudo, de apresentar alguns inconvenientes. Parece-nos que a distância entre plantas não deve ser menos do que 1m20 e é possível que, entre sulcos, não seja necessário distância superior a 2m ou no máximo 3m20. A escolha do compasso deve fundamentar-se nos seguintes pontos.

1.º Os cafeeiros, nos sulcos, devem encontrar-se sòmente a partir do 3.ºou do 4.º ano. de modo a evitar-se um entrelaçamento muito vigoroso, que viria a prejudicar a colheita e a própria fisiologia da planta.

2.º) A distância entre fileiras (sulcos de café deve ser tal que possibilite no cafèzal adulto, a introdução de máquinas para polvilhar, para adubar, para as capinas, o arruamento, etc. e — se der o caso, o que não é improvável — de máquinas colhedeiras, ou se não se chegar a isto, de veículos leves para receber o produto colhido manualmente.

3.ò) Respeitadas as condições precedentes, é indispensável dar a cada cafeeiro as melhores condições biológicas para que êle se desenvolva sem inibições de solo, arejamento e isolação, e ao mesmo tempo se proteja razoàvelmente dos fatores climáticos adversos, especialmente dos ventos frios dominantes. (A escolha da face do terreno tem, porém importância bastante relativa, uma vez que as fileiras de vegetação mais ou menos cerradas constituem por si só obstáculos aos ventos).

Um cafeeiro individual, plantado isoladamente em terreno de mediana fertilidade, toma o aspecto hemicônico em seu terço superior e aproximadamente cilindrico da parte cilíndrica — que é o verdadeiro corpo da planta será em média de 1m40. Colocado porém, em cultura maciça, um ao lado do outro ao longo de uma fileira, a tendência de cada planta será de projetar a copa na direção perpendicular aos sulcos do nível, isto é, expandir-se para o meio das "ruas", tomando a forma aproximada de um elipsólde de revolução. Adotando-se, portanto, a distância entre plantas, de 1m40, é provável que os cafeeiros venham a encontrar-se levemente, como é desejável, após o 3.º ou 4º ano de idade.

Se não fosse requerida a mecanização de algumas operações básicas, a distância entre as fileiras não precisaria ser maior que 2m ou 2m20, com as vantagens de se conseguirem, assim, ainda maior produção por unidade de área e maior proteção às ações climáticas (culturais fechada).

Parece-nos, todavia, que pouquissímos cafeicultores poderão efetuar o contrôle das pragas com utilização dos processos aéreos (avião e helicóptero) e, desse modo, o processo generalizado deverá ser o das polvilhadeiras a tração mecânica. Acresce ainda a possibilidade da colheita vir a ser feita mecanicamente, bem como é mister preparar o cafèzal para mecanização da adubação, do arruamento e das capinas. Antevendo-se que os cafeeiros se projetarão no sentido das "ruas" alcançando nessa direção, o diâmetro provável de 1m60 e 1m80, e que é necessário prevenir-se um espaço livre no meio das ruas de mais ou menos 1m a 1m40, conclui-se que a distância a ser escolhida, entre fileiras, deverá ser 2m80 e 3m. Em resumo, cremos que os compassos mais recomendáveis, a serem experimentados: serão:

a) Terras de pequena fertilidade: 1m20 x 2m60.
b) Terras de mediana fertilidade: 1m40 x 3m. (caso geral).
c) Terras de grande fertilidade: 1m60 x 3m40.

Essas medidas aí indicadas valem como sugestões para a instalação de novos ensaios. E é indispensável, como efeito, que esses ensaios se multipliquem em nosso Estado e em certos setores de Minas e Paraná, a fim de que dentro de um lustro ou pouco mais possamos estabelecer uma lavoura cafeeira em bases consentanea com as atuais condições agrícolas e econômicas do país. Uma lavoura mais produtiva, a um preço de produção mais baixo, na qual medidas como o contrôle das pragas, da erosão, e a adubação venham a ser meras operações de rotina — uma lavoura que, afinal, possa recolocar o Brasil, no conceito internacional, na posição de grande e absoluto produtor de café. A decadência precoce dos cafèzais de São Paulo, plantados em touceiras ou moitas em um solo desnudo, castigados pelos ventos frios, divorciados — por antieconômicas — das medidas básicas de cultivo, poderá levar nossa cafeicultura a um abismo agrícola de imprevisíveis consequências econômicas para toda a nação.

Publicações sôbre o plantio do café em fileiras cerradas: — Folha Agropecuaria, numeros de 20-12-52, 17-1-53 e 14-2-53. — "BOLETIM" da Superintendência, dos Serviços do Café, número de novembro — 1952. — Para sugestões ou consultas: L. P. Bicudo — Est. de Ataliba Leonel — E.F.S. — Via Pirajú.

(Da "Folha da Manhã")

PRODUÇÃO DE COMPOSTO DE ESTÊRCO DE GALINHA

Dados Importantes Para o Melhoramento e Melhor Aproveitamento do Precioso Adubo Que Produzem as Galinhas

A criação de aves no Estado americano de Pensilvania produz, anualmente, 1.400.000 toneladas de estêrco, avaliado em pouco mais de 6 milhões de dólares. O conteudo em elementos utilizáveis pelas plantas e equivalente ao que é contido em: 129.875 toneladas de nitrato de sódio. 67.390 toneladas de superfosfato (a 20%) e 10.998 toneladas de cloreto de potássio.

ADUBO PRECIOSO

É sabido que o estêrco de aves é de grande importância para a produção de milho, batata e plantas hortícolas de folhas e como cobertura para pastagens.

Um composto feito com estêrco de aves é uma valiosa fonte de elementos assimiláveis para as plantas, Asersões de superfosfato ou de superfosfato mais cloreto de potássio aumentam de muito o valor do composto.

RENDIMENTO POR AVE

Uma galinha poedeira produz, em média, 62,5 kg de estêrco contendo 76% de umidade. Com 100 quilos de matéria sêca de alimento consumido obtem-se 46 quilos de dejectos (54% digeridos).

O estêrco fraco de galinha, com 76% de umidade, apresenta a seguinte composição média:

Azôto	1,48%
Fósforo	0,96%
Potássio	0,47%
Matéria orgânica	18,92%
Cinzas	5,08%

Em média, os elementos assimiláveis fornecidos por 6 toneladas de composto equivalem a 412 kg de sulfato de amônio, 450 kg de superfosfato (a 20%) e 81 kg de cloreto de potássio (a 60%).

DESPERDÍCIO DO AZÔTO

Sempre que possível, o estêrco deve ser transportado diretamente para o campo, preferìvelmente antes de uma chuva. O estêrco colocado em montes grandes ou deixado por diversas semanas armazenado em caixas, telheiro ou poços, fica sujeito ao aquecimento que produz grandes perdas de amônio. A perda de azôto é grandemente reduzida,

se o estêrco perde umidade. Essas perdas estão em proporção reduzida com o teor de sais voláteis de amônio e podem exceder de 60%.

Estêrco fresco, sêco rápidamente a uma alta temperatura, perderá 0% de seu azôto original. Se fôr sêco vagarosamente ao ar, a perda é de 38,4%. Estêrco fresco armazenado durante 6 dias e depois sêco, perde 80,1% de seu azôto original.

Adição frequente de materias, como cal superfosfato ou borax, reduzem as perdas de azôto.

USANDO "CAMAS"

Estêrco obtido em pisos sôbre camas de palha ou serragem com elevada capacidade de absorção de umidade, pode ser removido e armazenado em local bem ventilado e coberto sem grande perda de azôto.

Estêrco curtido de galinha, acumulado em poleiros, poços ou removido e armazenado em qualquer lugar, perde 64,2% de seu azôto original e 41% da materia orgânica existente. O estêrco com cama perde únicamente 29,5% de azôto.

A mistura dos dejectos de aves com cama nos galinheiros, é o meio mais eficiente para conservar o azôto nele contido.

NITRIFICAÇÃO DO ESTÊRCO

Estudos de nitrificação do estêrco fresco de galinha, demonstram que os compostos de azôto (especialmente ácido úrico e compostos amoniacos) são fàcilmente convertidos em azôto nitrico comparável aos sais puros de ácido úrico e uréia. Essa nitrificação se processa muito mais ràpidamente do que a observada nos Compostos azotados existentes na torta de algodão. (Resumo de F. Morais de um trabalho de J. W. White publicado no O AGRONÔMICO).

O PRECEITO DO DIA

AFASTANDO O PESSIMISMO

A vida alheia e o lado ruim das coisas nunca devem ser assuntos de conversas diante de crianças, pois estas se vão habituando a não confiar nos outros e a fazer julgamentos injustos. Crescem em ambiente de pessimismo e delas desaparecem a boa vontade e o verdadeiro amor ao próximo.

Eduque seu filho num ambiente de confiança; conhecendo também o lado bom das coisas, para que possa ser útil a si próprio e à sociedade. —

A CULTURA DO CAFÉ EM KENYA

Por G. M. Roddan, Diretor Agrícola em Kenya.

Londres, (B.N.S.) — De vez em quando, certas declarações mal informadas, e às vêzes mesmo maldosas, nos chegam sôbre a cultura do café em Kenya, alegando que se suprimiu deliberadamente seu cultivo para o bem dos europeus e a desvantagem dos africanos. Esse breve artigo, descrito do ponto de vista técnico, visa dar uma imagem justa da situação.

O café foi primeiramente introduzido em Kenya por colonos e missionários há 50 anos aproximadamente. Seu desenvolvimento foi muito irregular com períodos de prosperidade alterando com períodos de marasmo, e a ameaça constante de insetos e doenças que atacam as árvores. Foi sòmente de 1930 em diante que foram estabelecidos os serviços técnicos de alguma importância; os serviços de pesquisas são de tempos ainda muito mais recentes.

Nos anos imediatamente seguintes a 1930 o pessoal então muito reduzido do departamento de Agricultura começou a introduzir o cultivo do café entre os africanos. Contudo, as colheitas destinadas a venda, e a economia que daí deriva, eram absolutamente novas para o modo de vida africanos, e foi sòmente depois de muitas dificuldades que se chegou a persuadir os indígenas a cultivar em terras bôas uma planta que não servia para comer. Os ataques de insetos e as moléstias desencorajavam os plantadores, e mesmo o preço de venda era desfavorável. Foi sòmente em 1946, quando o preço do café começou a subir que o interêsse da produção foi verdadeiramente despertado.

UM SISTEMA COOPERATIVO

O café exige condições de terreno e de clima muito particulares, e no próprio interesse dos africanos, o cultivo ficou restringido a certas regiões, nas quais progressos consideráveis foram conseguidos, uma vez que, em 1952, 10.609 plantadores africanos haviam plantados 1.500.000 cafeeiros.

O cultivo se faz por sistema cooperativo em redor de centros modernos para descascar o café, criados graças aos fundos emprestados pelo Estado. Ensina-se ao africano a produzir café de qualidade superior. As sociedades cooperativas enviam o café pergaminho às emprêsas interessadas que lhes pagam o preço estabelecido pelo Conselho do Café. Os africanos tiram também vantagem dessa alta organização, que é devida aos europeus.

O departamento da Agricultura escolheu as terras com o maior cuidado; observa para que sejam empregados os métodos convenientes (a poda exige por exemplo uma habilidade consumada) e para que o solo seja conservado e os arbustos bem protegidos pela cobertura de palha, e fornece naturalmente as melhores sementes de plantação que tenham sido obtidos pelas pesquisas. Esses cuidados dão seus frutos, pois a quantidade e qualidade das colheitas produzidas pelos africanos são de primeira ordem.

Não é tarefa pequena ter de controlar da maneira que acabamos de descrever mais de 10.000 plantadores espalhados. Se adicionarmos que propõe-se iniciar o cultivo de 809 hectares por ano, ou sejam 8.000 plantações individuais, compreende-se as dificuldades que se podem opor a um desenvolvimento tão rápido.

UM SISTEMA DE CULTIVO PROGRESSIVO

Tornou-se prudente limitar o número de cafeeiros cultivados por um novo plantador em 200 ou 300 até que êle mostre que possue os recursos e a vontade requeridas para um plantio mais vasto. Alguns pensam que em regiões particularmente favoráveis à cultura do café, devia-se encorajar os africanos a plantar tôdas as suas terras com café, e comprar seus alimentos com o produto da venda. Essa opinião mostra completa ignorância quanto à mentalidade dos africanos, e da responsabilidade do govêrno com referência a êles. Um dos primeiros princípios da política agrícola é assegurar a alimentação da população, e no nível de desenvolvimento atual, a única base segura que existe é a produção individual.

O café está exposto a inúmeros flagelos ou moléstias, e embora se possuem os remédios contra a maioria, pode acontecer que nova doença se declare ou que uma das moléstias conhecidas se revista de um carater virulento e destrutivo, e estrague a plantação, como aconteceu em Ceilão e no Nyassaland. O café está igualmente sujeito à super-produção e baixas repentinas de preços; e em períodos de sêca, a colheita pode ser nula, e, de um modo geral, seria absurdo depender inteiramente do café. O govêrno leva muito a sério os interêsses dos africanos.

Mesmo se tivesse sido possível vencer mais cedo a resistência dos africanos quanto ao plantio do café, talvez isso não representasse um bem. Os progressos que acabam de ser realizados nesses últimos anos na luta contra certos parasitos, por exemplo, transformaram a situação: é difícil pensar que o cultivo africano do café teria podido subsistir sem contrôle. Hoje, o plantador africano tem à sua disposição tôdas as informações técnicas necessárias, e os europeus estão prontos a lhe fazer partilhar o benefício de sua experiência duramente adquirida.

Não há dúvida de que uma indústria africana de café será de grande importância para Kenya. As bases dessa indústria já foram lançadas e Kenya pode competir no mercado mundial certa de sua eficiência em todos os setores.

(Do "Correio da Manhã", 19-7-53)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 857 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** 4 de Dezembro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Continua nos Estados Unidos o desenvolvimento natural da sua economia, e a marcada estabilidade dos indices gerais indica, no momento, que desapareceram os receios relativos à possibilidade de uma sensível contração econômica no ano que vem. A opinião geral é a de que, a julgar pela situação presente, continuarão em níveis muito elevados as atividades de todo o país, — em níveis muito próximos dos que foram alcançados no ano corrente.

Falando sôbre êsse tema, na Convenção Anual da Associação dos Banqueiros, tanto o Sr. Ernest R. Breech, Vice-presidente da Ford Motor Company, como o Sr. William White, Presidente da estrada de ferro New York Central System, rejeitaram firmemente a possibilidade de uma contração econômica em 1954; ao contrário, predisseram uma maior expansão, baseando-se nos resultados de investigações científicas; contrôles de gastos e determinados esforços nas vendas. Outras personalidades proeminentes também têm se expressado do mesmo modo, afirmando que na verdade a competição será maior, mas êsse é justamente um dos fatores principais da economia norte-americana — base do seu grande dinamismo.

Entrementes, segundo dados publicados hoje pelas autoridades, o volume das compras em todo o país continuam a se manter acima do volume registrado no ano passado, ao passo que os recursos individuais se elevaram durante o mês de Outubro o bastante para dar à sua média até 1 de Novembro a soma de 287 bilhões de dólares ou seja, 10 bilhões mais do que no mesmo período do ano passado. Pode-se concluir, por conseguinte, que as perspectivas da economia nacional dos Estados Unidos, neste fim de ano, são risonhas, sem entorpecimentos que as possam afetar desfavoràvelmente.

MERCADO DO CAFÉ: Durante a semana, tornou a se ampliar de maneira pronunciada a atividade do mercado. Isso foi devido principalmente à notícia de que o Banco do Brasil vai financiar os cafés tipo Santos, na base de 1.500 cruzeiros a saca, ou seja, 300 cruzeiros mais do que a sua base de financiamento anterior. Isso se deve, de acôrdo com o Banco do Brasil, à escassez de café, principalmente do tipo Santos, para se entregar nos centros consumidores durante os sete mêses restantes do ano da safra de 1953-1954. Essa notícia teve o efeito imediato de afirmar pronunciadamente os preços do café, particularmente os do Brasil, ao passo que, em contraste com situações anteriores, a subida dos preços se traduziu numa diminuição da procura por parte dos torradores.

No mercado a têrmo, a atividade foi muito marcada, negociando-se 1308 lotes, três vêzes mais do que na semana anterior. Para o fechamento de ontem, os aumentos observados durante a semana foram pronunciados, flutuando entre 150 e 231 pontos, segundo as posições. Ao se iniciarem os negócios, esta manhã, a posição aberta era de 2.815 lotes, ou seja, 129 mais do que na sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No mercado de disponível em Nova York, o tipo básico do Brasil, Santos 4, chegou a ser vendido até 59.50/c, ao passo que, na base FOB foi negociado a 56.75/c. Os cafés colombianos também estiveram mais firmes, e

os lotes para embarque em Dezembro chegaram a 64/c e 63/c para embarque em Janeiro, base ex-doca de Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	EE.UU.	Dados semanais: Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	28-11-1953	285	146	29	460
	21-11-1953	231	128	27	386
	29-11-1952	147	91	15	253
COLÔMBIA**	28-11-1953	161.633	18.654	1.541	181.828
	21-11-1953	79.496	11.746	968	92.210
	29-11-1952	72.883	10.490	3.929	87.302

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 28-11-53	21-11-53	29-11-52
BRASIL*	Santos	2.034	2.148	1.800
	Rio	500	506	346
	Vitória	119	124	59
	Paranaguá	(a) 1.130	(b) 1.186	(c) 2.049
	Pernambuco	18	17	7
	Bahia	13	13	29
	Angra dos Reis	12	14	49
	TOTAL	**3.826**	**4.008**	**4.339**
COLÔMBIA**	Barranquilla	74.431	96.834	153.333
	Cartagena	29.813	39.510	800.067
	Buenaventura	140.059	109.618	120.676
	Cúcuta	90.245	101.754	144.057
	TOTAL	**341.548**	**347.716**	**498.133**

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO (*)

Safra	Outubro 1953	Setembro 1953	Outubro 1952
1951-52	—	—	2.000
1952-53	—	—	4.187.000
1953-54	3.013.000	2.622.000	—
	3.013.000	**2.622.000**	**4.189.000**

Despachos ferroviários durante o período de 1 de Julho a 31 de Outubro, para:

Santos	5.015.000
Rio	52.000
Angra dos Reis	—
Outros(%)	707.000
	5.774.000

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
28-11-1953	91.854	102.854	56.742	251.450
21-11-1953	91.560	109.990	54.497	256.047
29-11-1952	89.057	45.372	72.454	206.883

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(**) Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia
(a) 624.000 livres e 505.000 retidos
(b) 644.000 livres e 542.000 retidos
(c) 544.000 livres e 1.505.000 retidos
(%) Inclui sacas do Paraná, de Minas Gerais, de Mato Grosso e Goiás.

N.º 49 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 4 de Dezembro de 1953

MÉXICO

Viveiros: "Os viveiros devem ser localizados em sítios onde possam ser regados durante as épocas de sêca, e de preferência em sítios próximos da plantação. O solo não deve ser nem muito sôlto nem muito argiloso. O terreno deve ser plano ou pouco inclinado. Nos terrenos com inclinação de mais de 2%, devem-se fazer os tabuleiros, seguindo-se as curvas de nível. Se o terreno facilita e se dispõe de maquinária, pode-se barbechar, cruzar e rastrear. Erguem-se depois os postes que suportam a coberta, de modo que esta deixe um claro de 1m80 ou 2m, para que se possa transitar dentro do viveiro e para que haja boa iluminação e boa ventilação. A distância entre os postes deve ser de 3 a 4 metros, dependendo essa distância do tamanho da coberta, e esta deve ser feita com travessas ou arames, como suporte do material de cobertura, o qual pode ser de fôlhas de bananeiras, por exemplo, ou, ainda, a cobertura pode ser feita de travessas de madeira com latas de 5 cms. de largura. A coberta deve ser feita de tal modo que o viveiro receba 50% de sol e 50% de sombra. A seguir, erguem-se os tabuleiros, os quais são feitos regularmente de 1m50 de largura pelo comprimento que se queira, deixando-se entre os tabuleiros calhas de 40 ou 50 cms ,de largura, para facilitar a drenagem e o trânsito dos trabalhadores. E' preciso estabelecer um bom sistema de canais de drenagem e evitar a entrada de águas estranhas ao viveiro. Nos solos profundos não é necessário levantar tabuleiros com mais de 20 cms de espessura, mas nos solos pouco profundos é preciso dar mais amplitude às calhas (ou ruas), para se aproveitar o material das mesmas, procurando-se dar aos tabuleiros uma espessura de 30 a 35 cms., ou trazendo terra superficial dos

terrenos vizinhos. Logo que os tabuleiros estiverem preparados, procede-se à extração das pequenas plantas que vão ser transportadas para o viveiro. Para tirá-las, mete-se uma pá entre os sulcos, e remove-se a terra que circunda as plantas, o que se faz com os dedos. As plantas são escolhidas, depois de examinados detalhadamente os caulículos e as raízes, verificando-se que não há lesões (isentas de fungos e de insetos), nem cortes. Estando normais, formando gancho nas raízes, as plantas podem ser transportadas. O transplante é feito, colocando-se as plantas a distância de 25 a 30 cms., utilizando-se para isso um marcador de madeira, o qual assinala o lugar em que deve ser plantado cada pé de café. Atrás dos homens que levam o marcador, vão os plantadores, os quais trabalham aos pares, um em frente do outro, colocando as estacas. As estacas servem para dar a profundidade desejada, ao colocar-se a planta no sinal deixado pelo marcador. Coloca-se a planta no buraco feito com um pàsinha, de modo que o nó vital, isto é, a parte que separa o caulículo da raíz, fique ao nível do solo. A planta é colocada verticalmente, com uns dez cms. de profundidade, com o auxílio da pàsinha. Feita essa operação, comprime-se a terra contra a raíz, nos lugares que ficaram abertos pela pàsinha, e assim a planta fica transplantada sem sofrer prejuizos quaisquer — porque o costume generalizado de comprimir a terra de cima para baixo faz com que as raíses se dobrem e se deformem. Terminado o transplante, os cuidados do viveiro se resumem aos seguintes: 1) limpeza das ervas e dos cardos; 2) aplicação dos fertilizantes; 3) graduação da sombra, cobrindo-se o viveiro, quando necessário; 4) combate às pragas e às doenças; 5) limpeza dos canais de drenagem; e 6) rega das plantas nas épocas de sêca."

ESTADOS UNIDOS

Convenção anual da Associação Nacional do Café, em Boca Ratón: O Sr. John M. Cabot, Sub-Secretário de Estado, encarregado dos assuntos pan-americanos, declarou aos participantes da Convenção Anual da Associação Nacional do Café, em Boca Ratón, no Estado da Florida, que a melhor garantia de estabilidade nos preços do café está na compreensão dos problemas dos produtores por parte dos consumidores, e vice-versa. Dirigindo-se aos membros da Associação, disse êle:

"Os senhores conhecem os problemas. Não lhe faltam nem as relações necessárias nem os meios indispensáveis de divulgação. Estão, pois, numa situação magnífica para servir como mediadores quando houver diferenças, e poderão fazer muito para corrigir as perspectivas que cada grupo tem dos problemas do café."

O Sr. Cabot disse que são reprováveis as práticas daqueles que, nos Estados Unidos, têm procurado fazer com que o público não compre café, com o fim de conseguir uma rebaixa nos preços. "E' possível que logremos reduzir assim os preços temporàriamente", observou o Sr. Cabot, "mas se os aumentos de preços são reflexos dos aumentos de salários, não conseguiremos finalmente senão desviar para outras atividades os que trabalham nas emprêsas de café, e, com a consequente diminuição da oferta, os preços subirão ainda mais. O Sr. Cabot acrescentou que situações semelhantes podem resultar, quando os produtores se empenham em manter os preços em níveis que não condigam com a realidade. "Além do interêsse natural do comércio, "explicou o Sr. Cabot, "o governo dos Estados Unidos também tem interêsse em aumentar o comércio do café com a América Latina, e evitar todos os malentendidos. Com a atual situação internacional, qualquer malentendido ou receio pode retardar o progresso econômico do nosso Hemisfério, minar nossa solidariedade e ameaçar a nossa segurança comum."

N.º 858 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** 11 de Dezembro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: A tranquilidade que se observa na economia do país e a completa falta de acontecimentos que pudessem causar surprêsas econômicas estão fazendo com que fiquem relegadas para um plano cada vez mais secundário, na imprensa dos Estados Unidos, as usuais análises econômicas, publicadas regularmente. Essas análises, quando tratam do panorama nacional, continuam a mostrar o bem-estar básico da nação norte-americana, bem como suas excelentes perspectivas para o futuro. A única preocupação que aparece nessas análises se relaciona com a manufatura de veículos e com a agricultura, pois nesses dois setores da economia dos Estados Unidos existe, aparentemente, uma situação de excesso de produção. Sem embargo, tampouco há receios fortes nesse sentido, uma vez que, no setor agrícola, o govêrno está estudando o problema e tomando medidas sôbre o mesmo, e no setor da fabricação de automóveis o fato é que os manufatureiros se encontram numa grande competição para melhorar suas respectivas posições no mercado, e essa competição só tem beneficiado o público.

PROPAGANDA DO CAFÉ: A campanha do Bureau Pan-Americano do Café, levada a efeito já há vários anos, sôbre o tema "Na hora de partir... diga adeus com uma chícara de café", está cada vez mais tendo o apôio do público em geral. Reconhecendo o fato, os donos de bares na costa atlântica dos Estados Unidos adotaram o seguinte programa: dar aos motoristas, quando êstes pedirem a última bebida, uma chícara de café de graça e, se êles pedirem uma bebida mais forte, sòmente dar-lhes essa bebida depois que entregarem as chaves dos seus carros. Os líderes da Associação de Bares e Bebidas dos Estados de Delaware, Pennsylvani, Virginia, Maryland, e do Distrito de Columbia, aprovaram o referido programa numa reunião realizada com autoridades da segurança pública, e enviaram uma circular aos gerentes de 150 mil tavernas dos Estados Unidos, solicitando sua cooperação.

MERCADO DO CAFÉ: Segundo parece, as atividades de compra e venda, durante a semana passada, revelaram um pronunciado volume do café negociado. A procura por parte dos torradores foi bastante acentuada, e os preços do café, tanto no concernente aos cafés físicos como no concernente as cafés a têrmo, se mostraram firmes. Desta vez, foram os cafés do Brasil que deram a maior contribuição, notando-se agora que os preços dos cafés brasileiros, segundo a opinião dos observadores, estão finalmente se reajustando à realidade da situação estatística.

No Contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, a atividade foi intensa, negociando-se 2.054 lotes durante a semana. Há muito tempo que essa cifra não é observada. As cotações flutuaram dentro de amplas margens, e para o fechamento de ontem havia altas de 209 a 250 pontos, segundo as posições. O total de lotes dependendo de entrega continuou a aumentar, e esta manhã era de 2.931 lotes, isto é, 116 mais do que na sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Quanto aos cafés do Brasil, as ofertas para o tipo básico Santos 4 começaram em 59.25/c FOB. Os cafés de outras procedências também estão firmes, como se poderá observar na tabela junta, relativa ao mercado de disponíveis de Nova York. Lotes de disponíveis e de cafés sôbre a água da Colômbia foram negociados nos arredores de 67/c, ao passo que estão aparecendo ofertas de cafés centroamericanos, para embarque em Janeiro, nos arredores

de 63 3/4/c e mais, base ex-doca, pôrto de destino. Não será demais dizer, é claro, que a ameaça de greve dos estivadores continúa sendo uma fonte de preocupações.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados semanais: Destinos Principais EE.UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL*	5-12-1953	281	148	17	446
	28-11-1953	285	146	29	460
	6-12-1952	216	104	20	340
COLÔMBIA**	5-12-1953	212.910	8.525	1.809	223.244
	28-11-1953	161.633	18.654	1.541	181.828
	6-12-1952	119.867	29.861	3.786	153.514
	Dados mensais:				
BRASIL*	Nov./1953	1.164	554	96	1.814
	Out./1953	873	486	185	1.544
	Nov./1952	893	424	133	1.450
COLÔMBIA**	Nov./1953	501.309	65.212	9.787	576.308
	Out./1953	381.622	53.033	21.983	456.638
	Nov./1952	387.728	57.922	17.427	463.147

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 5-12-53	28-11-53	..-12-52
BRASIL*	Santos	1.944	2.034	1.858
	Rio	476	500	378
	Vitória	129	119	55
	Paranaguá	(a) 1.098	(b) 1.130	(c) 2.132
	Pernambuco	17	18	7
	Bahia	9	13	28
	Angra dos Reis	12	12	52
	TOTAL	**3.685**	**3.826**	**4.510**
COLÔMBIA**	Barranquilla	70.299	74.431	138.197
	Cartagena	3.404	29.813	81.618
	Buenaventura	80.876	140.059	121.790
	Cúcuta	93.109	97.245	144.057
	TOTAL	**247.688**	**341.548**	**485.662**

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
5-12-1953	115.972	84.435	62.325	262.732
28-11-1953	91.854	102.854	57.742	251.450
6-12-1952	86.926	53.633	74.276	214.835

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(**) Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia
(a) 633.000 livres e 456.000 retidos
(b) 624.000 livres e 506.000 retidos
(c) 666.000 livres e 1.466.000 retidos

N.º 50 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 11 de dezembro de 1953

BRASIL

Fornecimentos de café aos EE. UU.: O Sr. João Pacheco Chaves, Presidente do Instituto Brasileiro do Café, declarou na semana passada que não haverá escassez de café para os consumidores norte-americanos.

Disse o Sr. Chaves que, embora a procura tenha excedido a oferta, o Brasil limitará as suas exportações de café para a Europa, com o fim de abastecer o mercado dos Estados Unidos adequadamente. O café que se acha disponível se calcúla em 10 milhões de sacas, aproximadamente. Em 31 de Outubro do ano passado, o café disponível era de 13 milhões de sacas.

(The Modern Grocer — Dezembro de 1953)

ESTADOS UNIDOS

Novos filtros para cafeteiras: A "Schwartz Mfg. Co.", de Two Rivers, Estado de Wisconsin, anunciou que vai lançar no mercado um novo tipo de filtro para coar café que poderá ser utilizado em os gêneros de cafeteiras, de qualquer tamanho. Durante a campanha de publicidade que a referida companhia levará a efeito para estabelecer o novo produto no mercado, serão dados pormenores sôbre as vantagens do novo filtro, embora a função dos filtros seja bem conhecida, isto é, clarear as bebidas de aspecto turvo. Os interessados poderão dirigir-se à companhia, para obter informações adicionais.

(Progressive Grocer — Dezembro de 1953)

MADAGASCAR

Operações de venda: Uma delegação da Câmara de Comércio de Marselha partiu para Tananarivo com o fim de tratar com os produtores e exportadores daquela ilha a respeito de certos problemas relacionados com a venda do seu café no mercado da França.

O café de Madagascar, que cada vez mais é apreciado na França, é um elemento essencial de atividade para a ilha. Os representantes da ilha e os da metrópole formularam propostas com o fim de estabelecer um comércio mais satisfatório entre exportadores e importadores do café de Madagascar. Foi aprovado

por êles, unanimemente, o projeto apresentado pela delegação de Marselha, para a criação, naquela cidade da França, de um mercado de cafés de ultramar. Essa recomendação se acha justificada pelo fato de que, ao contrário do que acontecia antes da última guerra, êsses cafés representam hoje uma parte cada vez maior do consumo metropolitano e, em tais condições, o pôrto de Marselha está numa situação mais vantajosa.

(Café Vert-Paris — Setembro de 1953)

Contribuição africana: O Sr. José Testa, chefe do Serviço de Estatística da Superintendência de Serviços do Café do Estado de São Paulo, fêz recentemente um estudo relativo a parte que toca à África na produção mundial de café. Considerando que o café africano representava 8,2% da produção mundial, antes da guerra, e que atualmente representa cêrca de 16%, o Sr. Testa faz as seguintes observações:

1) os cafés africanos dispõem de mercados preferenciais em suas respectivas metrópoles;
2) o seu custo de produção é menos elevado;
3) o transporte marítimo para a Europa é mais barato da África do que do Brasil;
4) o financiamento dos cafés africanos, por parte das metrópoles, está perfeitamente assegurado;
5) os preços atuais constituem um grande estímulo.

A par dêsses fatores favoráveis, o Sr. Testa aponta também os seguintes fatores desfavoráveis:

1) a falta e a irregularidade da mão de obra, devidas a preconceitos de difícil solução, pois se baseiam em causas religiosas e sociais;
2) as enfermidades dos pés de cafés na África são mais difíceis de combater;
3) as condições meteorológicas impedem a expansão do tipo arábico em certas regiões;
4) grandes dificuldades de transporte interno a grandes distâncias;
5) falta de água na maior parte do continente africano, bem como terras desgastadas, areias invasoras, escassez de água no sub-solo.

Comparando êsses fatores positivos e negativos, o perito de São Paulo observa o seguinte:

1) a Europa, com excesso de população e meios técnicos e financeiros, não abandonará a África;
2) serão inventados meios para a solução de problemas tais como a erosão, a falta de água e a situação átual da população indígena africana;
3) a hipótese de um melhoramento quantitativo e qualitativo dos cafés africanos não pode ser rejeitada a priori.

Finalmente, conclui o Sr. Testa:

1) o aumento da produção cafeeira africana, embora continuando o seu rítmo atual, não excederá o aumento das necessidades do consumo mundial;

2) é evidente que o Brasil nada poderá fazer para defender seus interêsses na África, mas muito poderá fazer em seu próprio solo em tal sentido, procurando principalmente aumentar o rendimento dos seus cafèsais, em vez de aumentar os seus cafèsais.

(Cafés du Congo — Agôsto de 1953)

N.º 859 CARTA SEMANAL DO MERCADO 18 de Dezembro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: A proximidade das festas do Natal e do Ano Novo tem se feito sentir na vida comercial dos Estados Unidos, e nesta semana, com a diminuição das atividades manufatureiras, intensificaram-se as transações do comércio a varejo.

No mercado de valores e no de produtos naturais básicos, o volume dos negócios aumentou um pouco, devido aos reajustamentos das posições que, por motivos fiscais, são sempre feitos em antecipação do comêço de um ano novo.

Entrementes, quanto às atividades econômicas do govêrno dos Estados Unidos para o ano de 1954, o Presidente Eisenhower realizou várias conferências com seus auxiliares imediatos, esta semana, com o fim de assentar as bases do programa que vai apresentar ao Congresso, bem como as que servirão para o preparo da sua mensagem ao mesmo ramo do govêrno sôbre "O estado da União", no princípio do ano. De grande interêsse é o fato de que as notícias publicadas sôbre êsse assunto indicam que não haverá nenhuma diminuição nos gastos governamentais e que, portanto, ficam desfeitos os temores de que a economia do país poderia sofrer com essa diminuição dos gastos.

MERCADO DO CAFÉ: Embora esta semana tenha havido considerável atividade, há indicações de que os negócios de compra e venda não foram tão abundantes como os das semanas anteriores, o que é de se estranhar, tendo em vista o volume substancial do café negociado. Os torradores limitaram sensivelmente a procura, e isso refletiu desfavoràvelmente nos preços do café físico, particularmente nos lotes disponíveis e sôbre a água, além disso, tem sido mencionado no mercado do café o fato de que têm chegado quantidades grandes de café em consignação, o que também concorreria para afetar de maneira desfavorável as cotações.

Em compensação, é interessante observar que, no que se refere aos cafés físicos, a diferença que sempre existiu a favor das posições próximas sôbre aos cafés físicos, a diferença que sempre existiu a favor das posições próximas sôbre as posições distantes se reduziu substancialmente, ao passo que no que se refere aos cafés futuros essa margem desapareceu completamente das posições próximas e se encontra agora a favor das posições distantes. Isso é claro, reflete a situação dos suprimentos disponíveis, ao se iniciar o novo ano.

Na Bôlsa do Café e Açúcar de Nova York, o volume das operações continuou grande, mas consistindo em grande parte das transferências de posições. Para o fechamento de ontem, as cotações registravam subidas de 34 pontos para a posição imediata de Dezembro, e de 121 a 207 pontos para as mais distantes. O número total de lotes dependendo de entrega continuou a alimentar de forma considerável, esta semana, e esta manhã a posição aberta era de 3.155 lotes, isto é, 224 mais que na sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O tipo Santos 4 foi negociado na semana passada à razão de 58.90c/ até 59.25c FOB. Os Excelsos colombianos, para embarque de Dezembro até Fevereiro, obtiveram preços que flutuam entre 64.75c/ e 65.25c/, ao passo que, para embarque até Julho, o preço que se menciona está estabilizado em 64.25c/, base ex-doca. No que se refere aos cafés de outras procedências, foram feitas ofertas, para embarques de Janeiro e Fevereiro de cafés de El Salvador, à razão de 63.50c/ ex-doca, mencionando-se êsse mesmo preço para o tipo Coatepec do México.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados semanais: Destinos Principais			
		EE.UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL*	12-12-1953	140	113	37	290
	5-12-1953	281	148	17	446
	13-12-1952	193	134	9	336
COLÔMBIA**	12-12-1953	125.954	8.006	373	
	5-12-1953	212.910	8.525	1.809	223.244
	13-12-1952	130.048	9.222	1.671	140.941

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 12-12-1953	5-12-1953	13-12-1952
BRASIL*	Santos	1.911	1.944	1.840
	Rio	440	476	363
	Vitória	128	129	56
	Paranaguá	(a) 1.143	(b) 1.098	(c) 2.091
	Pernambuco	15	17	8
	Bahia	7	9	29
	Angra dos Reis	14	12	40
	TOTAL	3.658	3.685	4.427
COLÔMBIA**	Barranâuilla	52.726	70.299	140.064
	Cartagena	33.748	3.404	76.807
	Buenaventura	115.683	80.876	104.778
	Cucúta	89.499	93.109	144.349
		291.656	247.688	465.998

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(**) Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia
(a) 628.000 livres e 515.000 retidos
(b) 633.000 livres e 465,000 retidos
(c) 619.000 livres e 1.472.000 retidos

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

	Países de origem (sacas de pêsos diferentes)			
Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
12-12-1953	151.687	82.425	68.767	302.879
5-12-1953	115.972	84.435	62.325	262.732
13-12-1952	87.298	54.516	74.822	216.636

N.º 51 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 18 de Dezembro de 1953

BRASIL

Colheita: Devido ao dano causado pelas recentes geadas, a colheita atual produziu apenas 14.000.000 de sacas, em vez das 16.600.000 que, de acôrdo com as expectativas, constituiriam o total da safra do café .Isso quer dizer que, entre Novembro de 1953 e Junho de 1954, sòmente haverá cêrca de 1.325.000 sacas mensalmente para a exportação.

Embora se espere que hão de ser pequenas as colheitas nas zonas afetadas pelas geadas, durante os próximos anos, o Brasil, de acôrdo com o Instituto Nacional do Café, está procurando aumentar a sua produção, e, para isso, 1) haverá novas plantações nos Estados de Paraná, Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso; 2) serão feitos esforços no sentido de se aumentar o rendimento das velhas plantações; 3) os créditos bancários serão ampliados; e 4) far-se-á a importação de novos equipamentos.

(Notícias — 24 de Novembro de 1953)

COLÔMBIA

Exportações: As exportações do café da Colômbia, no ano de colheita entre 18 de Outubro de 1952 a 30 de Setembro de 1953, alcançaram o total de 6.315.262 sacas de 60 quilos, o que constitui uma produção-recorde, com um aumento de 23,6% em relação à colheta anterior. Os embarques foram avaliados em ..... $470.000.000,00.

Os Estados Unidos continuam sendo o maior mercado para os cafés colombianos, com uma importação anual de 5.5000.000 sacas, aproximadamente.

(Notícias — 24 de Novembro de 1953)

SAFRA MUNDIAL DE CAFÉ

Previsões para 1953/54: Segundo cálculos preliminares, feito pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a produção mundial de café de 1953-1954 será de 40.600.000 sacas de 60 quilos. A produção do ano passado foi de 40.300.000 sacas.

Para a colheita mundial de 1952-53, são esperados aumentos em tôdas as partes, exceto na América do Norte, onde as colheitas do ano passado estabelèceram recordes e onde, entretanto, segundo se espera, as novas colheitas serão superiores ao seu nível médio. A produção estimada para o Brasil é de 19.600.000 sacas, das quais ficarão disponíveis para a exportação cêrca de 15.600.000. A exportação disponível, na colheita de 1952-1953, foi de 15.200.000.

Da colheita colombiana, calculada em 5.650.000 sacas, ficarão cêrca de 5.250.000 sacas para a exportação.

De Costa Rica e Honduras são esperados ligeiros aumentos nas exportações. A produção do México, para exportação, que foi de 1.200.000 de sacas em 1952-1953, mal passará de 1.000.000 em 1953-1954.

A produção da Etiópia é calculada em umas 570.000 sacas para êste ano, isto é, uma diminuição de 24% em relação à abundante colheita da última temporada, mas mesmo assim ainda acima do seu nível médio.

(Boletin Nacional Coffee Association — Novembro de 1953)

(C.A.)

ESTADOS UNIDOS

Clubes de Café: Em consequência do estabelecimento e da manutenção de um Clube de Café no restaurante "O.K.", em Danville, Estado de Indiana, o volume de negócios do dito restaurante aumentou consideràvelmente. Na sala dos fundos do restaurante, que fica situado nas vizinhanças dos tribunais daquela cidade, reunia-se sempre um grupo de pessoas para tomar café. O dono do Restaurante; Sr. O.K. Baird sugeriu aos seus freguêses a idéia de se reunirem de maneira regular e ao mesmo tempo. Assim nasceu o "Clube do Café". Seus membros não pagam mensalidades, mas cada um dêles dá um dólar para ter uma chícara pessoal, com seu nome gravado em letras douradas.

(American Restaurant Magazine — Dezembro de 1953)

Nova máquina para fazer, encher e selar sacos de papel para café: Devido à sua simplicidade mecânica e à rapidez da sua produção, a nova máquina "Moco", manufaturada pela emprêsa Modern Coffees, Inc., para fabricar, encher e selar sacos de papel para café, ou produtos semelhantes, é considerada revolucionária no setor de atividades. A máquina pode também ser utilizada para o empacotamento de produtos alimentícios e de drogas. Segundo os seus fabricantes, essa é a única máquina capaz de encerrar uma medida padrão de café em um saco de papel de 2 ou 3 polegadas quadradas aproximadamente, isto é, o suficiente para que possa caber no fundo de qualquer chícara de café.

A capacidade de produção da máquina é de 200 sacos por minuto (12.000 por hora), incluindo-se a feitura do saco, o enchimento e o fechamento do mesmo. Os produtos que podem ser utilizados em tais sacos são: nozes, bom-bons, pílulas, sopas em pó e quaisquer outros produtos de forma granular, em pó ou consistência viscosa.

Para mais detalhes, dirijam-se ao Sr. Sidney H. Beaman, presidente da Modern Coffees, Inc., cujo endereço é o seguinte: 130 Newberr Street, Boston 16, Massachusetts, U.S.A.

(Coffee and Tea — Novembro de 1953)

N.º 860 CARTA SEMANAL DO MERCADO 24 de Dezembro

SITUAÇÃO GERAL: Pode-se dizer que a principal atividade econômica da semana passada, com exceção do comércio de varejo, foi a que se relacionou com o mercado de valores e dos produtos naturais básicos, com os reajustamentos das

posições levados a efeito por motivos fiscais. No Mercado de valores, essa atividade se manifestou principalmente por um pronunciado movimento de venda de que resultou uma diminuição no índice geral dêsse mercado, coisa usual nesta época do ano. Geralmente, durante Janeiro, os valores recuperam todo o terreno perdido no mês de Dezembro.

Por sua vez, o mercado de produtos naturais básicos também tem seguido uma linha errática, demonstrando, em têrmos gerais, o mesmo tipo de atividades. Sem embargo, êsse mercado mostra muito mais firmeza básica do que o de valores, e a curva do seu índice, nos últimos mêses, tem sido ascendente, marcando de 154 a 164, nesse período.

MERCADO DO CAFÉ: O pronunciado movimento de ascenção das cotações no Contrato "S" da Bôlsa de Café e Açucar de Nova York culminou na segunda-feira, com o nível-recorde de 65.75/c na posição de Julho de 1954. Depois de uma reação observada na terça-feira, por motivo de uma forte pressão de vendas, o mercado voltou a se afirmar ontem, quarta-feira, tendo a Bôlsa fechado com subidas de 133 a 240 pontos para a semana. Nos quatro dias úteis desta semana, foram negociados nesse Contrato 1.975 lotes, cifra sòmente ultrapassada, em todo o período de após-guerra, na semana passada, em que foram negociados 2.054 lotes. Tôda essa atividade, entretanto, não decorreu de uma expansão da posição aberta, a qual, ao contrário, se reduziu um tanto — a 3.106 lotes — em comparação com os 3.155 lotes da sexta-feira da semana passada.

No mercado de físicos, a atividade foi muito menos marcada, mas não se pode dizer que isso afetou muito os preços dêsses cafés, os quais se mantiveram bàsicamente firmes e com tendência de subida, sempre que se nota procura por parte dos torradores. Em vista disso, êstes últimos elevaram os preços de suas marcas, de 1 a 3/c, seguindo as circunstâncias.

Quanto à possibilidade da greve dos estivadores, parece que haverá greve e há indicações de que a luta entre as grandes uniões que estão disputando o domínio dos trabalhadores das docas vai ser uma luta intensa, segundo se pode depreender dos distúrbios ocorridos ontem, quando os trabalhadores votavam para escolher um ou outros dos dois mais importantes sindicatos.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A firmeza demonstrada pelos cafés do Brasil e eliminado grandemente o diferencial que vinha se registrando entre os preços dos cafés brasileiros e os dos colombianos. Na base FOB, o tipo Santos tem sido negociado entre 62 e 63/c, o que equivale a um preço de 64.25 a 65.25/c, pôsto nos Estados Unidos. Os cafés colombianos também estão muito firmes, e tôdas as posições, das dos disponíveis até as de embarque em Janeiro, estão flutuando entre 66 e 66.50/c.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados semanais: Destinos Principais EE.UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL*	19-12-1953	319	89	20	428
	12-12-1953	190	113	37	290
	20-12-1952	157	158	19	334
COLÔMBIA**	12-12-1953	125.954	8.006	373	134.333
	20-12-1952	107.035	9.024	4.731	120.790

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 19-12-1953	12-12-1953	20-12-52
BRASIL*	Santos	1.790	1.911	1.909
	Rio	486	440	331
	Vitória	153	128	54
	Paranaguá	(a) 1.091	(b) 1.143	(c) 2.097
	Pernambuco	14	15	13
	Bahia	10	7	28
	Angra dos Reis	15	14	44
	TOTAL	**3.559**	**3.658**	**4.476**
COLÔMBIA**	Barranquilla		52.726	127.703
	Cartagena		33.748	80.383
	Buenaventura		115.683	91.387
	Cúcuta		89.499	144.057
	TOTAL		**291.656**	**443.530**

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

Semana de:	Países de origem (sacos de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
12-12-1953	151.687	82.425	68.767	302.879
20-12-1952	85.011	60.752	85.410	231.173

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
(a) 645.000 livres e 446.000 retidos
(b) 628.000 livres e 515.000 retidos
(c) 730.000 livres e 1.367.000 retidos

N.º 52 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 24 de Dezembro de 1953

(P.A.)
COLÔMBIA

Exportação: A Colômbia exportou 134.333 sacas de café na semana que terminou em 12 de Dezembro, ao passo que na primeira semana do mês exportou 223.244 sacas. Dos embarques feitos na segunda semana, 125.954 sacas se destinaram aos Estados Unidos, 8.006 à Europa e o restante vários países.

O movimento de sacas para o litoral colombiano foi de 177.914 sacas, durante a mesma semana.

(G. G. Paton & Co. — 18 de Dezembro de 1953)

Acôrdo comercial: A Colômbia assinou um acôrdo comercial com a Áustria, comprometendo-se a embarcar para aquele país, no período de um ano, remessas de café calculadas em $1.000.000.

Outro acôrdo semelhante foi levado a efeito entre a Colômbia e o Uruguai, para um intercâmbio comercial avaliado em $3.500.000.

(Notícias — 8 de Dezembro de 1953)

(C.A.)

ESTADOS UNIDOS

Importações da costa do Pacífico: A Associação do Café da Costa do Pacífico anuncia que o "Federal Reserve Bank" de São Francisco publicou um interessante estudo sôbre a indústria do café na costa do Pacífico.

Segundo o referido estudo, o volume das importações de café verde recebidas nos portos do Pacífico, em 1952, foram 50% maiores do que as verificadas no ano de 1938. Sòmente nas alfândegas de São Francisco, o aumento observado foi de 62% — o que representa mais do que a média correspondente a tôda a zona costeira.

(Boletin Associación Nacional del Café — 4-12-1953)

Cafés solúveis: Em centenas de jornais dos Estados Unidos, apareceu publicada esta semana a seguinte nota da "Associated Press" sôbre os cafés solúveis:

"Êsse pó castanho ao qual se adiciona água para fazer café está revolucionando os hábitos dos amantes dessa bebida nos Estados Unidos. A produção do café solúvel está crescendo tanto que de cada quatro chícaras de café uma é preparada com o café solúvel. Na parte oriental dos Estados Unidos, a proporção ainda é mais favorável ao café solúvel — uma chícara de café solúvel para 3 de café comum. O total das vendas dêsse produto foi de 30.000.000 de dólares em 1946 e de 200.000.000 em 1953. Segundo afirmam pessoas autorizadas, relacionadas com essa indústria, dentro de poucos anos a proporção do consumo entre os cafés solúveis e o café comum será de 1 para 2.

Há dois anos, apenas 22 emprêsas se achavam ativas nesse novo campo industrial, ao passo que atualmente o seu número passa de 100. Sem embargo, devido aos conhecimentos técnicos que se requerem e ao grande capital que se deve investir nessa produção, apenas umas dez companhias estão fabricando o produto pròpriamente dito.

O café solúvel não é uma idéia nova. Gail Borden, fundador da Borden Co., e inventor do leite condensado, conseguiu uma patente, em 1856, para fazer um extrato concentrado de café. O extrato era feito em forma líquida, com leite e açucar já misturados. Durante a Guerra Civil, o extrato foi transformado em barras comprimidas com que se preparava o café solúvel, para fornecimento das tropas. As vendas dêsse produto não foram sensacionais, mas a verdade era que o artigo não tinha um sabor muito recomendável. Com a guerra, a popularidade do produto se tornou maior, sendo dado aos soldados em forma de ração."

(G. G. Paton & Co. — 17 de Dezembro de 1953)

DESEJAMOS AOS NOSSOS LEITORES BOAS FESTAS
E FELIZ ENTRADA NO ANO NOVO!

N.º 861 CARTA SEMANAL DO MERCADO 31 de Dezembro de 1953

AOS NOSSOS LEITORES: Ao terminar o ano de 1953, procuramos focalizar as perspectivas que se apresentam à indústria do café em um futuro cheio

de problemas por se resolverem e de dificuldades que precisam ser eliminadas, considerando ao mesmo tempo as promessas que decorrem dos acontecimentos próximos, tais como o Congresso Mundial do Café, a realizar-se em Curitiba, no Brasil, e a V Conferência Pan-Americana do Café que se seguirá ao Congresso também na capital do Paraná — acontecimentos êsses cujos resultados serão da mais alta importância para os esforços seguintes da indústria, baseados, como sempre, num espírito de firme cooperação e de completa solidariedade. Deixando, pois, o exame dos problemas que serão resolvidos naqueles certames para o futuro, em sua devida oportunidade, nós nos limitaremos a desejar aos nossos leitores, neste fim de ano, como também a tôdas as entidades filiadas e membros da indústria do café em tôda a América, que êsses acontecimentos lhes proporcionem uma participação generosa dos benefícios que decorrerem dos mesmos.

SITUAÇÃO GERAL: Em breves palavras, são estas as expectativas para a primeira metade do ano que se inicia amanhã: o ano de 1954 será bàsicamente favorável ao consumidor, uma vez que a época de intensa competição já iniciada talvez tenha como efeito o oferecimento de melhores produtos pelos mesmos preços ou possìvelmente mais baixos. O ritmo da produção terá que diminuir um pouco, primeiro para balançar inventários que deverão ser substituidos por outros de melhor produto, e também para se preparar a maquinária que deverá manufaturar o novo produto. Por sua parte, o comércio de varejo se mantém otimista, não esperando senão uma baixa de 4% no volume das suas vendas, baixa essa devida principalmente a um decréscimo proporcional nos preços. Em resumo, pois, espera-se que a economia continuará sumamente firme, os passo que o reajuste que agora se antecipa, o qual só ocasionará uma diminuição muito pequena dos níveis alcançados em 1953, eventualmente produzirá uma nova e sólida expansão na economia dos Estados Unidos.

MERCADO DO CAFÉ: Como era de se esperar, diminuiu sensivelmente na semana passada o rítmo da atividade do mercado, mais ainda quando foi adiada, embora por poucos dias, a ameaça de greve dos estivadores. Sem embargo, o interêsse dos torradores continua evidente, e o mesmo se pode dizer da firmeza dos preços, os quais, particularmente os dos cafés físicos, continuam mostrando tendências para subir.

Na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, as operações realizadas no Contrato "S" chegaram a 921 lotes — menos da metade das registradas na semana anterior. As cotações continuaram flutuando amplamente, mas para o fechamento de ontem acusavam subidas nítidas de 25 a 75 pontos. Refletindo as liquidações usuais desta época do ano, a posição aberta diminuiu para 3.014 lotes, dos 3.106 lotes que se registraram na quinta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Em consequência da visível procura por parte dos torradores e da completa ausência de pressão nas ofertas provenientes dos países produtores, os preços dos cafés físicos tornaram a subir, como se pode ver das cotações seguintes: Cafés do Brasil, Santos tipo 4, base FOB, de 63.25c/ para diante, sendo as operações em sua maioria efetuadas em 63.50c/; Cafés da Colômbia, base ex-doca Nova York, de 66.75c/ a 67.25c/.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	EE.UU.	Dados semanais: Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	26-12-1953	283	97	22	402
	19-12-1953	319	89	20	428
	27-12-1952	128	92	12	232
COLÔMBIA**	26-12-1953	56.246	15.392	1.600	73.238
	19-12-1953	136.401	10.832	3.216	150.449
	27-12-1952	—	—	—	—

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	Semanas terminadas em: 26-12-1953	19-12-1953	27-12-1952
BRASIL*	Santos	1.700	1.790	1.915
	Rio	489	486	321
	Vitória	119	153	65
	Paranaguá	(a) 1.061	(b) 1.091	(c) 2.086
	Pernambuco	21	14	13
	Bahia	11	10	25
	Angra dos Reis	15	15	46
	TOTAL	**3.416**	**3.559**	**4.471**
COLÔMBIA**	Barranquilla	89.520	70.044	—
	Cartagena	37.362	31.957	—
	Buenaventura	159.164	150.100	—
	Cúcuta	85.466	86.623	—
	TOTAL	**371.512**	**338.724**	—

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO(*)

Safra	Novembro 1953	Outubro 1953	Novembro 1952
1951-1952	—	—	1.000
1952-1953	13.000	—	3.845.000
1953-1954	3.058.000	3.013.000	—
	3.071.000	**3.013.000**	**3.846.000**

Despachos ferroviários durante o período de 1 de Julho a 30 de Novembro de 1953, para:

Santos	6.596.000
Rio	77.000
Angra dos Reis	—
Outros (%)	869.000
	7.542.000

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
26-12-1953	207.325	111.886	84.341	403.552
19-12-1953	162.266	94.332	76.511	333.109
27-12-1952	83.333	63.663	91.437	238.433

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(**) Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia
(a) 592.000 livres e 469.000 retidos
(b) 645.000 livres e 446.000 retidos
(c) 778.000 livres e 1.308.000 retidos
(%) Inclui sacas do Paraná, de Minas Gerais, de Mato Grosso e Goiás.

N.º 53 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 31 de Dezembro de 1953

VENEZUELA

A qualidade do café venezuelano: É êsse o título da nota editorial da última edição chegada às nossas mãos da prestigiosa revista "El Agricultor Venezolano", órgão do Ministério da Agricultura da Venezuela.

Reproduzimos, para benefício dos nossos leitores, o texto da referida nota editorial, a qual se refere aos progressos surpreendentemente rápidos feitos na Venezuela nas tarefas de restauração e de desenvolvimento da cafeicultura nacional, e às medidas que produziram tão excelentes resultados:

"Os últimos dados estatísticos sôbre a exportação do café revelam o progresso realizado pelo Ministério da Agricultura na campanha que está levando a efeito para obter uma alta qualidade do café. Êsse resultado é uma consequência direta das medidas tomadas nesse sentido por aquêle Ministério, a par da ação das próprias "Campanhas do Café", cuja finalidade é a construção de equipamentos e o ensino dos métodos necessários "à produção de um café superior, capaz de competir com o dos países considerados como exportadores de um prduto de qualidade excepcional. Para lograr tal finalidade, o Ministério aplicou medidas de alcance prático, dos quais resultassem benefícios imediatos tanto para os produtores do café como para a economia do país. Entre essas medidas, inclue-se a do aumento da exportação do tipo de café denominado "lavado", de 45% a mais de 80%, com o objetivo de se conseguirem melhores cotações e maior procura, especialmente na Europa, onde cada dia o café conquista um mercado maior, de muito futuro para a cafeicultura nacional. Durante os últimos quatro anos, foram construidos mais de mil unidades de equipamento relacionado com o beneficiamento racional do café, consistindo essas unidades em tanques para água, para fermentar e lavar,

pátios de cimento para secagem, e foram instaladas e consertadas máquinas trilhadoras, descaroçadoras, e motores para acioná-las. Graças a essa campanha, a receita obtida, por motivo das melhores cotações do café "lavado", excedeu a .... 15.000.000 de Bolivares anualmente, o que serviu para ativar a vida econômica de um grande número de pequenos lavradores vinculados a atividades rurais que, como a da cafeicultura, vêm resolvendo o problema da utilização racional dos terrenos de topografia acidentada. Atualmente estão sendo estudados os últimos detalhes para se tornarem mais amplas as Campanhas do Café, especialmente no que se refere à construção de equipamentos para o melhoramento do café, uma vez que o propósito do Ministério da Agricultura é fortalecer êsse campo da produção, que representa parte fundamental da economia nacional".

(El Agricultor Venezolano — Setembro/Outubro de 1953)

ESTADOS UNIDOS

Usinas de torrefação do Exército: A Sra. Cecil Harden, Representante do Estado de Indiana no Congresso Federal, acaba de dar o seu apôio a uma solicitação feita ao govêrno pela Associação Nacional de Café dos Estados Unidos, no sentido de que sejam fechadas as usinas de torrefação de café administrada pelo Govêrno e que, daqui por diante, sejam sòmente vendidas as marcas comerciais conhecidas por intermédio da Intendência do Exército.

A Representante Harden, que preside um Sub-Comitê da Câmara cuja finalidade é investigar a competição do Govêrno em certos campos das atividades industriais, declarou que, segundo as próprias cifras do Departamento da Defesa, não são econômicas para o Exército e para a Marinha as operações de torrefação de café realizadas pelo dito Departamento em Edgewater, N. J., Oakland, Cal., Atlanta, Ga., e em Seattle, Wash.

A Sra. Harden opina que a adoção da medida solicitada pela Associação Nacional do café traria uma economia de milhões de dólares para os cofres nacionais, anualmente.

(Supermarket News — 28 de Dezembro de 1953)

AOS NOSSOS CAROS LEITORES
RENOVAMOS OS NOSSOS VOTOS DE PROSPERIDADE E
FELIZ ENTRADA NO ANO NOVO

INSTALADOS 249 CAMPOS PARA PRODUÇÃO DE SEMENTES DE CAFÉ EM FAZENDAS PAULISTAS

UTILIZAÇÃO DAS VARIEDADES MUNDO NOVO, BOURBON VERMELHO, BOURBON AMARELO CATURRA VERMELHO E CATURRA AMARELO

Por iniciativa da Secção de Café da Divisão de Fomento Agrícola, da Secretaria da Agricultura, foram instalados no ano agrícola de 1952/53, em propriedades particulares de diversas regiões do Estado, 249 pequenos campos para a produção de semente de café, das variedades Mundo Novo, Bourbon vermelho, Bourbon amarelo e Caturra vermelho. Esses campos,de 5 a 10.000 pés, serão observados pelos técnicos daquela Divisão e, se apresentarem bons resultados, poderão transformar-se no futuro em fonte supridoras de sementes selecionadas, em volume capaz de atender em boa parte ás necessidades da lavoura do Estado. Ao mesmo tempo, ter-se-á ensejo de verificar o comportamento de variedades nas diferentes zonas e de difundir práticas racionais da cultura cafeeira.

O plano de produção de sementes foi elaborado pelo eng. agr. Hélio de Morais, há pouco falecido, que exercia o cargo de chefe da Secção de Café do Fomento Agrícola, em estreita colaboração com a secção congenere do Instituto Agronômico.

DISTRIBUIÇÃO DOS CAMPOS

A distribuição dos campos, pelos setores agricolas do Estado, é a seguinte:

Variedade Mundo Novo — 148 campos, sendo 22 em Pirassununga, 17 em Campinas, 15 em Piracicaba, 14 em Jaú, 13 em Marilha, 12 em Baurú, 8 em Bragança Paulista, 8 em Ribeirão Preto, 8 em São José do Rio Preto, 7 em Avaré, 5 em Taubaté, 4 em Catanduva, 4 em Araraquara, 4 em Bebedouro, 2 em Presidente Prudente, 2 em Araçatuba, 1 em São Paulo, Itapetininga e Paraguaçú Paulista. Sementes distribuidas, 1.828,5 quilos.

Variedade Bourbon amarelo — 57 campos, dos quais 10 em Marilia, 6 em Catanduva, 6 em Piracicaba, 6 em Pirassununga, 5 em Baurú, 5 em Campinas, 5 em Jaú, 3 em Avaré, 2 em Araraquara, 2 em Bragança Paulista e 1 em São José do Rio Preto. Sementes distribuidas, 756 quilos.

Variedade Bourbon vermelho — 18 campos, sendo 5 em Pirassununga,, 3 em Taubaté, 3 em Bragança Paulista e 1 em Araraquara, Avaré, Baurú, Campinas, Paraguaçú Paulista, Piracicaba e Ribeirão Preto. Sementes fornecidas, 408 quilos.

Variedade Caturra amarelo — 16 campos, dos quais 4 em Ribeirão Preto, 2 em Avaré, 2 em Paraguaçú Paulista, 2 em Taubaté, 1 em Araraquara, Baurú, Campinas,Catanduva, Marília e Pirassununga. Sementes distribuidas, 191 quilos.

Variedade Caturra vermelho — 10 campos, sendo 2 em Bragança

Paulista, 2 em Taubaté, 2 em Piracicaba, 1 em Campinas, São José do Rio Preto, Paraguaçú Paulista e Pirassununga. Sementes fornecidas, 147 quilos.

Admite a Secção de Café do Fomento Agrícola que as quantidades de sementes fornecidas e esses campos seriam teòricamente suficientes para a futura formação de 2.072.300 cafeeiros, a saber: 1.172.300 da variedade Mundo Novo, 458.000 da Bourbon amarelo, 198.000 da Bourbon vermelho, 145.000 da Caturra amarelo e 9.000 da Caturra vermelho. Obviamente, esses totais poderão sofrer redução, considerando-se a possibilidade de perda de mudas por diversas causas.

MAIORES DISPONIBILIDADES DE SEMENTES BOURBON VERMELHO E CATURRA VERMELHO

No ano agrícola de 1952/53, a Divisão de Fomento Agrícola contou com maiores disponibilidades de sementes das variedades Bourbon vermelho e Caturra vermelho.

A movimentação de sementes dessas variedades, até 30 de setembro último, foi a seguinte:

Bourbon vermelho — 11.152 quilos distribuidos às Casas da Lavoura, 5.280 a particulares, 465 a repartições oficiais, 372 disponíveis no Posto de Campinas, e 218,1 de quebra; total, 17.487,1 quilos.

Caturra vermelho — 1.126 quilos distribuidos às Casas da Lavoura, 406 a particulares, 125 a repartições oficiais e 60 disponíveis no Posto de Campinas; total, 1.717 quilos.

(Da "Folha da Manhã", 11-11-53)

O PRECEITO DO DIA

ABRAÇO DE TAMANDUA

As mãos de doentes, convalescentes ou simples "portadores de germes" podem estar contaminadas por micróbios patogênicos que venham das fossas nasais, da garganta, da bôca, do intestino, os quais, pelo "apêrto de mão", podem passar a outras pessoas.

Livre-se de doenças, abolindo o "apêrto de mão", principalmente em época de epidemia. — SNES.

FINANCIAMENTO DAS LAVOURAS DO CAFÉ

PROJETO DO CONGRESSO NACIONAL PROMULGADO PELO PRESIDENTE DO SENADO

O Sr. João Café Filho, Vice-Presidente da República e Presidente do Senado Federal, promulgou a seguinte Lei que tomou o n. 2.095, de 16 de Novembro de 1953.

O Congresso Nacional decreta e eu promulgo, nos termos do art. 70, § 4.º, da Constituição Federal, a seguinte lei:

Art. 1.º — É o Poder Executivo autorizado a contratar com o Banco do Brasil S. A., pela sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, nos períodos agrícolas compreendidos entre 1 de Novembro de 1953 a 31 de Outubro de 1957, sob a responsabilidade do Tesouro Nacional, a realização do financiamento das lavouras de café, cujo custeio, em virtude da redução da respectiva produtividade ocasionada pela geada ultimamente verificada, não se enquadra nas disposições do Regulamento da mencionada Carteira.

Art. 2.º — Os financiamentos referidos no artigo anterior só serão deferidos aos lavradores cujos imóveis, situados nas regiões atingidas pelas geadas, tenham sofrido prejuízos capazes de afetar a sua formação ou produtividades em mais de um período anual.

Art. 3.º — A Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil S. A., sempre que fôr necessário, solicitará do Instituto Brasileiro do Café os elementos precisos para perfeita instrução dos processos de financiamento a que se refere a presente lei.

Art. 4.º — Nos empréstimos a que se refere esta lei deverá sempre ser incluida uma verba destinada à manutenção dos empreiteiros ou formadores de lavouras atingidas pelas geadas, durante o período de restauração dos cafeeiros, até o máximo de 3 (três) anos.

Parágrafo único — Para gozar dos beneficios desta lei os lavradores prejudicados pelas geadas deverão assumir nas escrituras de financiamento, sob pena deste não ser concedido, a obrigação de manter os contratos de formação de lavoura atualmente existentes e, ainda, de destinar aos empreiteiros a verba prevista neste artigo.

Art. 5.º — Em casos excepcionais, plenamente justificados, e sempre mediante solicitação ou informação do Instituto Brasileiro do Café a Carteira de Crédito Agrícola e Indutrial do Banco do Brasil S. A. poderá deferir os empréstimos de que trata esta lei antes do período agrícola a iniciar-se a 1 de Novembro de 1953.

Art. 6.º — Os financiamentos previstos nesta lei serão garantidos por penhor agrícola ou hipoteca, fixada para a primeira dessas garantias o prazo máximo de 4 (quatro) anos.

§ 1.º — A garantia hipotecária será exigida apenas aos financiamentos pignoratícios que ultrapassarem a 4 (quatro) colheitas e forem de valor superior a Cr$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros).

§ 2.º — É dispensada a anuência do proprietário agrícola à constituição do penhor das colheitas de café dadas em garantia dos financia-

mentos inclusive as formadas em terrenos devolutos, desde que o respectivo ocupante tenha, pelo menos, apresentado requerimento já deferido, de discriminação em seu favor da área ocupada.

Art. 7.º — Para o registro dos contratos de financiamento nos termos desta lei, é assegurado o direito de prorrogação para 30 de Novembro de 1956;

a) aos arrendatários ou locatários das terras onde se encontram as culturas financiadas, do prazo dos contratos de arrendamento, mantidas as demais condições estabelecidas;

b) aos promitentes compradores ou devedores com garantia hipotecária das mesmas terras, no prazo dos pagamentos antes exigíveis, na forma das respectivas escrituras.

Art. 8.º — Fica a Carteira de Redescontos do Banco do Brasil autorizada a conceder fora dos limites em vigor, aos estabelecimentos bancários o redesconto de titulos provenientes de financiamento de recuperação e até o prazo de 1 (um) ano, prorrogável, bem assim dos títulos oriundos de promessas de venda de terras financiadas a que se refere o artigo 7.º desta lei e até o prazo previsto no mesmo artigo.

Art. 9.º — Nas localidades onde o Banco do Brasil não dispuser de agências ou escritórios para que o financiamento atenda o maior numero possivel de lavradores, poderá a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial daquele Banco delegar essas operações de crédito aos Bancos particulares existentes na Região, mantidas as mesmas condições de custeio e taxa de juros usuais para esses financiamentos.

Senado Federal, em 16 de Novembro de 1953".

(Do "Jornal do Comércio, 22-11-53)

O PRECEITO DO DIA

AFAGOS EXAGERADOS

As opiniões dos avós, comadres e vizinhas contribuem sempre para que se façam afagos exagerados às crianças. Pensam, com isso, torná-las amáveis e bem humoradas. Puro e fatal êrro, pois, ao contrário, a criança se tornará impertinente quando lhe faltarem tais carinhos.

Eduque seu filho sem os afagos exagerados, porque assim contribuirá para a boa formação da sua personalidade. — SNES.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX — São Paulo, 15 de Janeiro de 1954 — N.º 336

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1953/1954

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	TOTAIS
Santos a Jundiaí	88 503	4 228	3 005	2 800	98 536
Sorocabana	815 380	27 709	21 736	20 312	885 137
Paulista	2 082 474	22 705	21 628	14 133	2 140 940
Mogiana	652 408	19 254	17 435	14 496	703 593
Araraquara	717 410	12 613	9 779	7 374	747 176
Noroeste do Brasil ...	1 143 542	12 868	11 523	9 624	1 177 557
Central do Brasil	—	—	—	—	—
Estrada de Rodagem .	3 600	—	—	—	3 600
Total	**5 503 317**	**99 377**	**85 106**	**68 739**	**5 756 539**
Safra 52/53	6 595 477	40 412	29 696	17 085	6 682 670

NOTA: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		TOTAIS
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
Julho/Novembro	20 838	55 866	—	—	76 704
1.ª dez. dezembro	2 534	3 046	—	—	5 580
2.ª dez. "	—	2 048	—	—	2 048
3.ª dez. "	—	1 060	—	—	1 060
TOTAL	**23 372**	**62 020**	—	—	**85 392**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	TOTAIS
Paraná	** 445 300	20 312	23 315	* 3 429	492 356
Minas Gerais	358 391	* 6 256	* 5 857	* 3 132	373 636
Goiás	68 690	1 530	2 260	* —	72 480
Mato Grosso	300	1 480	—	—	1 780
Total	**872 681**	**29 578**	**31 432**	**6 561**	**940 252**
Safra 52/53	551 809	8 231	4 603	965	565 608

(*) — Incompletos
(**) — E.F.P.S.C. dados retificados de acôrdo com as informações prestadas pela E.F.S.

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1953/54 — (ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1953)

Paulista	Despachado	Liberado	Cancelado	A Liberar
Anteriores	2 699 028	2 698 815	213	—
1.ª dez. setembro	440 227	439 654	228	345
2.ª dez. "	397 428	281 663	120	115 645
3.ª dez. "	463 292	—	—	463 292
1.ª dez. outubro	340 187	—	—	340 187
2.ª dez. "	306 732	—	—	306 732
3.ª dez. "	364 664	—	—	364 664
1.ª dez. novembro	175 273	—	—	175 273
2.ª dez. "	168 962	—	—	168 962
3.ª dez. "	137 591	—	—	137 591
1.ª dez. dezembro	99 348	—	—	99 348
2.ª dez. "	85 106	—	—	85 106
3.ª dez. "	68 739	—	—	68 739
Total	**5 746 577**	**3 420 132**	**561**	**2 325 884**
Despolpado	6 362	6 362	—	—
Rodoviário	3 600	665	1 277	1 658
Total Geral	**5 756 539**	**3 427 159**	**1 838**	**2 327 542**
Outros Estados até 31 de dez. 53				
Paranaense	492 356	233 636	—	258 720
Mineiro	373 636	132 248	—	241 388
Goiano	72 480	20 263	—	52 217
Matogrossense	1 780	-	-	1 780
Total	**940 252**	**386 147**	—	**554 105**

Safra 50/51 · Por liberar (dependendo de Ação Judicial) 1 080 sacas
" 51/52 — Apreendido .... 1 000 "
" 52/53 — Apreendido .... 12 930 "

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1953

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	11.807	
	Áustria	3.244	
	Bélgica	8.264	
	Dinamarca	2.250	
	Espanha	34	
	Finlândia	17.902	
	França	46.081	
	Grã-Bretanha	4.150	
	Grécia	8.864	
	Holanda	27.440	
	Islândia	1.600	
	Itália	*) 15.702	
	Iugoslávia	200	
	Noruega	350	
	Suécia	4.780	
	Trieste	3.312	155.980
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	482	
	Estados Unidos	187.196	187.678
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	24.257	
	Chile	2.729	
	Uruguai	3.294	30.280
AMÉRICA CENTRAL:	Curaçao	100	100
ÁFRICA:	Canárias	2.276	
	Egito	4.748	
	Marrocos Francês	125	
	Sud. Africano	25	
	Tânger	175	
	Tunísia	4.446	
	U. S. Africana	5.335	17.130
ÁSIA:	Aden	250	
	Chipre	1.925	
	Líbano	166	
	Síria	2.232	
	Transjordânia	253	
	Turquia	10.833	15.659
	Total p/ o exterior:		**406.827**
CABOTAGEM:	Norte	20	
	Sul	350	370
	TOTAL GERAL:		**407.197**

*) — A sacas embarcadas s/v comercial
Consumo de bórdo — 86 sacas.

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

DEZEMBRO DE 1953

DIA	ENTRADAS												
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Total	Liberado p/EFSJ	Liberado p/E.F.S.	Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do Estoque	Existência	Existência em poder do I.B.C.
1	17 953	458	—	1 635	20 046	10 001	10 045	4 433	42 518	25 841	—	1 997 303	
2	17 513	999	—	1 500	20 012	10 012	10 000	50 497	11 179	38 121	281	1 966 537	438
3	17 782	750	—	1 470	20 002	10 000	10 002	40 653	12 197	45 022	—	1 945 886	438
4	17 824	666	400	1 110	20 000	10 000	10 000	23 585	58 599	47 918	—	1 942 301	438
5	17 974	666	—	1 365	20 005	10 001	10 004	56 720	4 731	50 759	1 701	1 903 885	438
7	17 444	583	—	2 013	20 040	9 999	10 041	23 350	27 488	61 648	—	1 900 575	438
9	17 375	500	—	2 145	20 020	14 803	5 217	20 323	62 940	70 057	—	1 900 272	438
10	17 385	940	500	1 180	20 005	9 063	10 942	8 525	35 042	67 943	—	1 911 752	438
11	17 760	665	—	1 585	20 010	9 131	10 879	20 420	48 604	36 194	—	1 911 342	438
12	17 865	700	250	1 200	20 015	10 000	10 015	54 950	31 225	8 060	—	1 876 407	438
14	18 093	683	—	1 235	20 011	10 000	10 011	37 734	45 131	26 884	—	1 858 684	438
15	17 575	680	—	1 745	20 000	10 000	10 000	48 306	38 130	18 059	—	1 830 378	438
16	17 301	660	500	1 543	20 004	10 004	10 000	26 022	21 701	39 102	30	1 824 330	438
17	18 130	680	—	1 200	20 010	10 003	10 007	40 658	36 240	44 152	—	1 803 682	438
18	17 860	700	—	1 450	20 010	10 010	10 000	42 840	42 672	63 463	—	1 780 852	438
19	18 008	650	—	1 350	20 008	10 000	10 008	34 209	13 622	29 236	—	1 766 651	438
21	17 601	700	500	1 200	20 001	11 001	9 000	28 343	52 627	62 492	—	1 758 309	438
22	18 125	675	—	1 200	20 000	11 000	9 000	31 611	37 245	40 175	—	1 746 698	438
23	17 750	670	—	1 626	20 046	12 000	8 046	67 574	50 442	26 027	—	1 699 170	438
24	18 100	700	—	1 200	20 000	11 000	9 000	27 833	15 722	20 567	—	1 691 337	438
26	17 777	703	—	1 526	20 006	11 000	9 006	19 125	14 646	19 017	—	1 692 218	438
28	17 609	700	500	1 200	20 009	12 003	8 006	15 116	42 642	44 273	—	1 697 111	438
29	17 967	770	—	1 265	20 002	13 002	7 000	40 609	37 232	21 345	—	1 676 504	438
30	17 973	500	—	1 550	20 023	13 017	7 006	60 362	32 474	27 151	—	1 636 165	438
31	18 100	700	—	1 200	20 000	13 000	7 000	22 208	41 343	17 437	20	1 633 937	438
Total	**444 844**	**17 098**	**2 650**	**35 693**	**500 285**	**270 050**	**230 235**	**846 006**	**856 392**	**950 943**	**2 032**	—	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 1953

DIAS	ENTRADAS								EMBARQUES			Retirado do mercado	Consumo local	Existência
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Gaiás	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total			
1	671	37 327	334	1 928	—	—	—	40 260	24 375	—	24 375	—	—	433 538
2	—	21 159	—	13 496	—	—	—	34 655	7 256	—	7 256	—	—	460 937
3	569	21 747	2 003	—	—	—	—	24 319	9 647	—	9 647	—	—	475 609
4	—	7 406	2 066	4 616	—	—	—	14 088	10 413	—	10 413	—	—	479 284
5	—	—	—	—	—	—	—	—	26 132	—	26 132	—	—	453 152
7	—	14 541	333	2 825	—	—	—	17 699	13 820	—	13 820	—	—	457 031
8	—	—	—	—	—	—	—	—	24 342	—	24 342	—	—	432 689
9	3 054	20 767	2 835	2 765	—	—	—	29 421	45 589	—	45 589	—	—	416 521
10	—	19 404	—	7 514	—	—	—	26 918	3 259	—	3 259	—	—	440 180
11	3 385	20 046	4 282	2 870	240	1 378	—	32 201	5 500	150	5 650	—	—	466 731
12	—	—	—	—	—	—	—	—	1 500	—	1 500	—	—	465 231
14	6 465	17 065	—	3 258	—	—	—	26 788	819	—	819	—	—	491 200
15	—	15 404	637	3 057	—	—	—	19 098	—	—	—	110	20 000	490 188
16	648	25 107	1 860	—	—	—	—	27 615	10 250	—	10 250	—	—	507 553
17	—	12 470	—	7 788	—	—	—	20 258	41 772	—	41 772	—	—	486 039
18	686	13 956	2 345	500	—	—	—	17 487	2 101	—	2 101	—	—	501 425
19	—	—	—	—	—	—	—	—	4 250	—	4 250	—	—	497 175
21	—	12 254	—	3 921	—	—	—	16 175	9 206	—	9 206	—	—	504 144
22	—	11 835	4 668	3 915	—	—	—	20 418	18 384	—	18 384	—	—	506 178
23	—	14 783	—	2 560	—	—	—	17 343	17 379	—	17 379	—	—	506 142
24	—	—	—	—	—	—	—	—	22 436	20	22 456	—	—	483 686
28	—	42 746	252	918	—	—	—	43 916	64 194	200	64 394	—	—	463 208
29	1 669	10 142	1 082	7 081	—	—	—	19 974	5 360	—	5 360	—	—	477 822
30	—	9 305	—	1 956	150	—	185	11 596	—	—	—	—	—	489 418
31	—	—	—	—	—	—	—	—	38 843	—	38 843	—	20 000	430 575
TOTAL	**17 147**	**347 464**	**22 697**	**70 968**	**390**	**1 378**	**185**	**460 229**	**406 827**	**370**	**407 197**	**110**	**40 000**	—

ENTRADA DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1953

VIAS	PROCEDÊNCIA							
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Bahia	Goiás	TOTAL
E. F. C. do Brasil	4.257	31.088	—	—	—	—	—	35.345
E. F. Leopoldina	—	25.528	5.443	12.622	—	—	—	43.593
Regulador	—	—	—	18.238	—	—	—	18.238
Rodoviário	12.890	290.848	17.254	40.108	185	390	1.378	363.053
Totais:	**17.147**	**347.464**	**22.697**	**70.968**	**185**	**390**	**1.378**	**460.229**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO E SAFRA 1953/54

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1953		
julho	208.515	165.281
agôsto	405.515	266.766
setembro	552.956	434.571
1.º trimestre:	1.166.986	866.618
outubro	578.822	459.664
novembro	457.865	428.942
dezembro	460.229	407.197
2.º trimestre:	1.496.916	1.295.803
1.º SEMESTRE:	2.663.902	2.162.421

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1953

DATA	Europa	América do Norte	América do Sul	África	Ásia	Cabotagem	TOTAL
1	4.125	20.250	—	—	—	—	24.375
2	—	6.149	1.107	—	—	—	7.256
3	8.032	—	1.615	—	—	—	9.647
4	563	9.750	—	—	—	—	1) 10.413
5	22.582	3.000	550	—	—	—	26.132
7	7.320	6.500	—	—	—	—	13.820
8	14.686	2.750	6.906	—	—	—	24.342
9	20.039	6.334	—	6.081	13.135	—	45.589
10	—	1.750	1.509	—	—	—	3.259
11	—	5.500	—	—	—	150	5.650
12	—	—	1.500	—	—	—	1.500
14	—	—	819	—	—	—	819
16	1.250	9.000	—	—	—	—	10.250
17	5.180	34.988	1.604	—	—	—	41.772
18	—	1.000	1.101	—	—	—	2.101
19	2.250	2.000	—	—	—	—	4.250
21	7.437	—	1.769	—	—	—	9.206
22	15.351	—	3.033	—	—	—	18.384
23	16.979	—	400	—	—	—	17.379
24	3.668	17.469	1.299	—	—	20	22.456
28	2) 23.424	30.989	1.568	5.689	2.524	200	64.394
29	—	—	—	5.360	—	—	5.360
31	3.094	35.749	—	—	—	—	38.843
TOTAL	155.980	193.178	24.780	17.130	15.659	370	407.197

1) — América Central 100 sacas.

2) — 4 sacas s/v comercial.

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1953/54

MÊSES	ENTRADAS					MOVIMENTO				
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranàense	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque da praça	Existência
Julho	375 476	3 897	—	40 627	420 000	380 661	399 417	2 539	—	1 966 641
Agôsto	586 328	15 458	2 481	32 897	637 164	653 972	656 165	4 198	—	1 945 635
Setembro	677 718	44 158	5 832	63 214	790 922	787 606	757 450	4 507	776	1 945 220
Outubro	813 407	32 035	5 500	57 221	908 163	683 178	736 695	3 114	2 820	2 169 911
Novembro	550 482	19 930	3 800	29 995	604 207	789 921	789 536	2 532	25	1 981 690
Dezembro	444 844	17 098	2 650	35 693	500 285	846 006	856 392	2 032	—	1 633 937
TOTAL	**3 448 255**	**132 576**	**20 263**	**259 647**	**3 860 741**	**4 141 344**	**4 195 655**	**18 922**	**3 621**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

DEZEMBRO DE 1953

(Em cents por libra de 453,60 gr))

DIA	SANTOS			
	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 2	Tipo 4
1	58 75	58 00	56 25	55 50
2	59 50	58 50	57 00	56 00
3	60 25	59 25	57 75	56 75
4	60 25	59 25	57 75	56 75
7	61 50	60 50	58 75	57 75
8	61 75	60 75	59 00	58 00
9	62 00	61 00	59 25	58 25
10	62 00	61 00	59 25	58 25
11	62 50	61 00	59 25	58 25
14	62 25	61 00	59 25	58 25
15	62 25	61 00	59 25	58 25
16	62 50	61 25	59 50	58 50
17	62 75	61 50	59 75	58 75
18	62 75	61 50	59 75	58 75
21	64 50	63 50	62 00	61 00
22	65 50	64 50	63 00	62 00
23	65 00	64 00	62 50	61 50
24	65 00	64 00	62 50	61 50
28	66 50	65 50	n/cot.	n/cot.
29	66 50	65 50	"	"
30	66 25	65 25	"	"
31	66 25	65 25	"	"
Média	**63 02**	**61 95**	**59 54**	**58 55**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

DEZEMBRO DE 1953

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado Tipo 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	264 50	254 50	244 50	208 00	176 00
2	268 00	258 00	248 00	210 00	176 70
3	271 50	261 50	250 50	210 00	176 10
4	275 50	265 50	253 00	212 00	176 30
7	282 50	272 50	259 50	215 00	177 00
9	291 50	281 50	258 50	218 00	177 50
10	295 00	281 50	258 50	218 00	177 30
11	296 50	281 50	258 50	218 00	176 70
14	295 00	280 00	256 50	218 00	175 80
15	295 00	280 00	256 50	218 00	175 60
16	295 00	280 00	256 50	218 00	175 40
17	296 50	281 50	258 50	220 00	175 60
18	300 00	285 00	261 50	220 00	177 20
21	303 50	286 50	263 50	225 00	181 50
22	308 50	291 50	265 00	225 00	181 50
23	308 50	291 50	266 50	228 00	181 60
24	311 50	295 00	268 50	—	—
28	323 50	306 50	286 50	228 00	181 50
29	325 00	308 00	288 00	230 00	181 40
30	328 50	311 50	286 50	237 00	182 50
31	331 50	313 50	288 50	—	—
Média	**298 43**	**284 14**	**263 50**	**219 78**	**178 06**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Dezembro de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	2	9	16	24	30	Média
COLÔMBIA:						
Medelin Excelso	(2) 66 00	(2) 67 1/2	(2) 66 1/2	(2) 66 1/2	(2) 67 1/2	66 5/64
Armenia	(2) 66 1/4	(2) 67 1/2	(2) 66 1/2	(2) 66 1/2	(2) 67 1/2	66 27/32
Manizales	(2) 65 7/8	(2) 67 1/2	(2) 66 1/2	(2) 66 1/2	(2) 67 1/2	66 40/64
Cucutá	(2) 65 3/4	(2) 67 1/2	(2) 66 1/4	(2) 66 1/4	(2) 67 1/4	66 39/64
Bogotá	(2) 65 3/4	(2) 67 1/4	(2) 66 1/4	(2) 66 1/4	(2) 67 1/4	66 35/64
Tolima	(2) 65 3/4	(2) 67 1/4	(2) 66 1/4	(2) 66 1/4	(2) 67 1/4	66 35/64
Ocana	(2) 65 3/4	(2) 67 1/4	(2) 66 1/4	(2) 66 1/4	(2) 67 1/4	66 35/64
COSTA RICA:						
Duro	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	—
Atlântico Fino						
EQUADOR:						
Lavado	(6) 61 00	(6) 61 00	(6) 62 00	(2) 62 00	(6) 63 1/2	61 29/32
Extra não lavado	(6) 53 00	(6) 54 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 56 1/2	54 45/64
GUATEMALA:						
Antigua	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	—
Extra primeira	(*) 63 1/4	"	"	"	"	63 1/4
Lavado bom	(*) 63 1/2	"	"	"	"	63 1/2
Bourbon	(*) 61 00	"	"	"	"	61 00
HAITÍ:						
Lavado bom mole	(6) 60 1/2	(2) 62 1/2	(2) 62 1/4	(6) 63 00	(2) 64 1/2	62 35/64
Catado à mão	(6) 57 00	(2) 58 00	(2) 58 00	(6) 59 00	(6) 59 00	58 19/64
HONDURAS:						
Lavado bom	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	—
Tipo 5 — Comum duro						

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Dezembro de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	2	9	16	24	30	Média
MÉXICO:						
Coatepec	(*) 63 00	(6) 64 1/2	(2) 65 1/2	"	"	64 21/64
Tapachula primeira	n/cot	n/cot	n/cot	"	"	—
Maragogipe	—	—	—	—	-	—
NICARAGUA:						
Matagalpa	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	—
Lavado primeira						
EL SALVADOR:						
Lavado	"	"	"	"	"	—
Não lavado	"	"	"	"	"	—
SÃO DOMINGOS:						
Lavado bem móle	(*) 58 1/2	(*) 60 00	(3) 61 00	"	"	59 53/64
Fino	(*) 59 1/2	(c) 61 00	n/cot	"	"	60 1/4
VENEZUELA:						
Maracaibo	(6) 64 00	(2) 66 00	(6) 66 00	(2) 65 1/2	(6) 66 00	65 1/2
Trujillo						
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	(6) 63 1/2	(6) 65 1/2	(6) 64 1/2	—/—	(6) 65 1/2	64 3/4
Natural robusta	(6) 47 00	(6) 48 1/2	—/—	"	(6) 52 00	49 5/32
MÓCA:						
Móca (Arabia)	(3) 64 1/2	(3) 65 1/2	(6) 64 1/2	—/—	(6) 68 00	65 5/8
N.E.I.:						
Genuino Java lavado	(6) 69 00	(6) 69 00	(6) 69 00	—/—	(6) 67 00	69 1/4
Lavado robusta						
Natural Java robusta						
UGANDA:						
Lavado	(6) 48 00	(6) 49 00	(6) 50 1/4	—/—	(6) 53 00	50 1/16

INDICAÇÕES:
1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista liquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de Procedência
6) Nominal
*) Embarque em Dezembro

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

DEZEMBRO DE 1953

DIAS	DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	58 25	58 40	57 75	57 90	57 40	57 55	56 90	57 08	56 30	56 48	—	56 02
2	58 75	59 26	58 75	59 00	58 40	58 80	57 95	58 50	57 35	58 07	56 98	57 80
3	59 75	59 65	59 55	59 40	59 40	59 17	59 40	58 85	58 90	58 35	58 25	57 83
4	59 80	59 68	59 51	59 42	59 30	59 22	59 15	58 95	58 64	58 50	58 08	58 00
7	60 00	60 95	60 35	60 42	60 24	60 22	59 80	60 02	59 20	59 45	58 60	59 04
8	61 00	61 50	60 80	61 30	60 84	61 40	60 40	61 30	59 94	60 65	59 45	60 00
9	61 79	61 65	62 50	61 70	62 40	61 59	62 00	61 40	62 00	61 10	61 60	60 60
10	61 75	61 70	61 85	61 49	61 65	61 40	61 40	61 20	61 10	60 85	60 40	60 25
11	60 00	61 40	61 20	61 40	61 10	61 30	60 90	61 15	60 50	60 70	59 50	60 15
14	61 40	61 60	61 30	61 64	61 25	61 60	61 09	61 45	60 65	60 85	60 00	60 30
15	61 85	61 89	61 90	62 00	61 90	62 00	61 75	61 90	61 30	61 40	60 90	60 88
16	61 80	61 96	62 00	62 25	62 20	62 35	62 20	62 25	61 70	61 85	61 27	61 40
17	62 50	62 04	62 50	62 70	62 60	62 85	62 50	62 85	62 55	62 57	62 60	62 32
18	61 85	61 95	62 93	62 90	63 11	63 20	63 26	63 35	63 40	63 10	62 60	62 55
21	n/cot	63 95	63 60	64 85	64 00	65 20	64 10	65 35	63 90	65 10	63 35	64 55
22	64 65	62 65	65 25	63 90	65 70	64 25	65 75	64 25	65 60	64 25	65 05	63 15
23	62 25	n/cot	63 60	64 71	63 75	65 25	63 65	65 25	63 20	64 40	62 08	63 65
24	—	—	65 10	65 10	65 80	65 60	65 74	65 55	64 80	64 41	64 05	63 69
28	—	—	65 75	64 50	66 00	64 60	66 10	63 50	65 30	64 25	65 40	63 40
29	—	—	64 75	64 75	66 50	65 00	66 45	65 00	65 18	64 00	64 40	63 55
30	—	—	64 99	65 29	65 00	65 50	65 20	65 51	64 00	64 85	63 80	64 40
31	—	—	65 60	65 69	65 75	65 98	65 89	66 00	65 50	65 45	64 95	65 00
Média .	**61 15**	**61 26**	**62 34**	**62 38**	**62 47**	**62 46**	**62 34**	**62 30**	**61 86**	**61 85**	**61 62**	**61 30**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

DEZEMBRO DE 1953

DIA	Londres libra	Nova York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	52,69 60	18,72 00	4,40 97	0,65 07	1,35 20	6,25 25	3,64 02	—
2	52,69 60	18,72 00	4,41 15	0,65 07	1,35 20	6,20 10	3,64 02	—
3	52,69 60	18,72 00	4,41 15	0,65 07	1,35 20	6,17 05	3,64 02	—
4	52,69 60	18,72 00	4,41 54	0,65 07	1,35 20	6,15 03	3,64 02	—
5	52,69 60	18,72 00	4,41 73	0,65 07	1,35 20	6,09 76	3,64 02	—
7	52,69 60	18,72 00	4,41 73	0,65 07	1,35 20	6,09 76	3,64 02	—
9	52,69 60	18,72 00	4,41 54	0,65 07	1,35 20	6,07 10	3,64 02	—
10	52,69 60	18,72 00	4,41 35	0,65 07	1,35 20	6,13 03	3,64 02	—
11	52,69 60	18,72 00	4,41 35	0,65 07	1,35 20	6,21 12	3,64 02	—
12	52,69 60	18,72 00	4,41 35	0,65 07	1,35 20	6,21 12	3,64 02	—
14	52,69 60	18,72 00	4,41 35	0,65 07	1,35 20	6,21 12	3,64 02	—
15	52,69 60	18,72 00	4,41 73	0,65 07	1,35 20	6,12 03	3,64 02	—
16	52,69 60	18,72 00	4,41 73	0,65 07	1,35 20	6,12 03	3,64 02	—
17	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,16 04	3,64 02	—
18	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,21 64	3,64 02	—
19	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,24 21	3,64 02	4,96 85
21	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,20 10	3,64 02	—
22	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,20 10	3,64 02	—
23	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,22 15	3,64 02	—
24	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,23 18	3,64 02	—
28	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,23 18	3,64 02	—
29	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,24 74	3,64 02	—
30	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,22 15	3,64 02	—
31	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,25 25	3,64 02	—
Média	**52,69 60**	**18,72 00**	**4,41 80**	**0,65 07**	**1,35 20**	**6,19 68**	**3,64 02**	**4,96 85**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS Á VISTA

DEZEMBRO DE 1953

DIA	Londres libra	Nova York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	51,40 80	18,36 00	4,26 69	0,63 28	1,31 61	6,00 98	3,55 13	—
2	51,40 80	18,36 00	4,26 87	0,63 28	1,31 61	5,96 10	3,55 13	—
3	51,40 80	18,36 00	4,26 87	0,63 28	1,31 61	5,93 21	3,55 13	—
4	51,40 80	18,36 00	4,27 20	0,63 28	1,31 61	5,91 30	3,55 13	—
5	51,40 80	18,36 00	4,27 42	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	—
7	51,40 80	18,36 00	4,27 42	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	—
9	51,40 80	18,36 00	4,27 24	0,63 28	1,31 61	5,83 78	3,55 13	—
10	51,40 80	18,36 00	4,27 06	0,63 28	1,31 61	5,89 41	3,55 13	—
11	51,40 80	18,36 00	4,27 06	0,63 28	1,31 61	5,07 07	3,55 13	—
12	51,40 80	18,36 00	4,27 06	0,63 28	1,31 61	6,01 97	3,55 13	—
14	51,40 80	18,36 00	4,27 06	0,63 28	1,31 61	6,01 97	3,55 13	—
15	51,40 80	18,36 00	4,27 42	0,63 28	1,31 61	5,88 46	3,55 13	—
16	51,40 80	18,36 00	4,27 42	0,63 28	1,31 61	5,88 46	3,55 13	—
17	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	6,92 26	3,55 13	—
18	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,97 56	3,55 13	—
19	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	6,00 00	3,55 13	4,84 70
21	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	6,20 10	3,55 13	—
22	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,96 10	3,55 13	—
23	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,98 05	3,55 13	—
24	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,99 02	3,55 13	—
28	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,99 02	3,55 13	—
29	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	6,00 49	3,55 13	—
30	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,98 05	3,55 13	—
31	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	6,00 98	3,55 13	—
Média	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,27 49**	**0,63 28**	**1,31 61**	**6,04 40**	**3,55 13**	**4,84 70**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO OFICIAL, afixadas pela Bolsa Oficial de Valôres de São Paulo, Durante o mês de OUTUBRO DE 1953

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
1	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
2	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
3	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
5	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
6	52,6960	18,82	6,6856	4,4086	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
7	52,6960	18,82	—	4,4140	3,6402	—	—	—	0,0538
8	52,6960	18,82	—	4,4242	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
9	52,6960	18,82	—	4,4250	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
10	52,6960	18,82	—	4,4192	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
12	52,6960	18,82	—	4,4192	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
13	52,6960	18,82	—	4,4043	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
14	52,6960	18,82	—	4,4182	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
15	52,6960	18,82	—	4,4054	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
16	52,6960	18,82	—	4,4202	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
17	52,6960	18,82	—	4,4220	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
19	52,6960	18,82	—	4,4043	3,6402	—	—	—	0,0538
20	52,6960	18,82	6,5347	4,4220	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
21	52,6960	18,82	—	4,4240	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
22	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
23	52,6960	18,82	—	4,4250	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
24	52,6960	18,82	—	4,4240	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
26	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
27	52,6960	18,82	—		3,6402	2,7499	0,6607	0,3778	0,0538
28	52,6960	18,82	—	4,4240	3,6402	2,7499	0,6607	0,3778	0,0538
29	52,6960	18,82	—	4,4072	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
30	—	18,82	—	4,4043	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
31	52,6960	18,82	—	4,4230	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
Média	**52,6960**	**18,82**	**6,6201**	**4,4180**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3796**	**0,0538**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO OFICIAL, afixadas pela Bolsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de NOVEMBRO DE 1953

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
3	52,6960	18,82	—	—	—	2,7499	—	0,3799	0,0538
4	52,6960	18,82	—	4,4077	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
5	52,6960	18,82	6,5233	4,4043	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
6	52,6960	18,82	—	4,4181	3,6402	—	0,6607	0,3799	0,0538
7	52,6960	18,82	—	4,2728	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
9	52,6960	18,82	—	4,4043	3,6402	—	0,6607	—	0,0538
10	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
11	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
12	52,6960	18,82	—	4,4158	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
13	52,6960	18,82	—	4,4144	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
14	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	—	0,3799	0,0538
16	—	18,82	—	4,4125	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
17	52,6960	18,82	—	4,4120	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
18	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
19	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
20	52,6960	18,82	—	4,4043	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
21	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
23	—	18,82	—	—	—	—	—	—	—
24	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
25	52,6960	18,82	—	4,4038	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
26	52,6960	18,82	—	4,4043	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
27	52,6960	18,82	—	4,4096	3,6402	—	—	0,3799	0,0538
28	52,6960	18,82	—	4,4083	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
30	52,6960	18,82	—	4,4096	3,6402	—	0,6607	—	0,0538
Média	**52,6960**	**18,82**	**6,5233**	**4,4000**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3799**	**0,0538**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Livre, afixadas pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de OUTUBRO DE 1953

DIAS	Inglaterra	Canadá	Estados Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	França	Itália
												0,1090	0,0660
1	106,5024	—	38,3828	—	9,0040	—	—	1,8500	1,3595	—	0,7106	0,1098	—
2	106,9791	—	38,2961	—	9,2202	6,4000	4,3000	—	1,3635	1,0000	—	0,1100	—
3	106,1796	—	38,7932	—	—	6,3500	—	1,8500	1,3647	—	—	0,1091	—
5	107,0120	—	38,5922	13,5000	—	—	—	—	1,3595	1,0000	—	0,1087	—
6	106,4510	40,0000	39,0396	—	9,0755	6,3500	—	1,8317	1,3623	—	0,7524	0,1093	—
7	106,5383	—	38,6169	13,5000	9,2000	6,3300	—	—	1,3618	1,0000	0,7000	0,1095	0,0640
8	106,9179	—	38,6320	14,0000	9,2287	6,5114	—	1,8000	1,3635	1,0000	—	0,1090	—
9	106,3270	—	38,7636	—	9,1452	6,3611	5,2000	—	1,3623	—	0,7100	0,1090	—
10	106,5051	—	39,3616	13,7000	—	—	—	1,8150	1,3632	—	—	—	—
12	106,5000	—	38,9834	—	8,9619	—	—	—	1,3560	—	0,7100	—	—
13	108,0000		—	—	—	—	—	—	—	—	0,71,50	—	—
14	111,7047	—	42,9077	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
15	107,0147	—	49,9349	—	—	—	4,6915	—	—	—	—	0,1400	—
16	131,4677	—	50,2746	—	—	—	—	—	—	—	0,8615	—	—
17	124,3575	—	50,0035	—	9,8000	—	—	—	—	1,3000	—	—	—
19	129,7933	—	50,6277	—	—	—	—	—	—	1,3000	0,8500	0,1260	—
20	129,4364	—	48,0613		11,7000	—	—	—	1,7384	1,3000	—	0,1150	—
21	126,9943	50,7000	47,8137	17,2000	—	6,4000	5,8000	—	1,7295	—	0,8300	0,1101	—
22	127,6373	—	46,2024	—	10,8810	6,8000	—	—	1,7252	1,1085	0,8500	0,1114	—
23	122,8070	—	45,7224	16,5500	9,0000	6,8000	5,1098	2,0000	1,6722	—	0,8500	0,1138	
24	120,1201	—	45,0377	—	11,1900	6,8000	4,7430	—	1,6128	1,1500	0,9009	0,1110	
26	123,0000	—	44,2980	—	10,5555	6,5365	—	1,9000	1,6030	—	—	0,1092	—
27	117,0204	—	45,0598	—	10,3628	6,5000	5,1807		1,6191	1,1000	0,7517	0,1095	—
28	119,8293	47,5000	46,0516	—	—	6,8863	—	—	1,5791	1,1500	0,7015	0,1092	
29	122,9855	—	45,7000	—	—	—	5,3500	—	1,6174	—	0,8469	**0,1097**	**0,0740**
30	118,3141	47,5000	46,0557	—	10,7551	7,8303	6,5751	2.0000	1,6279	1,2000	—	0,1094	
31	123,1352	—	46,5856	16,3000	10,9661	—	—		1,6520	1,2000	—		
Média .	**115,9085**	**46,4250**	**43,7614**	**14,9642**	**9,9403**	**6,6325**	**5,2166**	**1,8808**	**1,5139**	**1,1391**	**0,7827**	**0,1122**	**0,0680**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Livre, afixadas pela Bolsa de Valôres de São Paulo, durante o mês de NOVEMBRO DE 1953

DIAS	Inglaterra	Canadá	Estados Unidos	Uruguai	Suiça	Alemanha	Suécia	Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	França	Itália
3..	123,0367	—	47,2060	16,3000	—	—	—	—	—	1,6284	—	—	0,1090	—
4..	123,0444	—	47,4341	—	10,8008	—	7,1333	—	—	1,6808	1,3000	0,8200	0,1090	—
5..	122,2755	—	48,4256	15,0000	11,4130	—	7,1000	5,1000	2,5000	1,6609	1,0000	0,8500	0,1077	—
6..	124,0483	—	49,8398	—	11,3580	—	—	5,5000	—	1,6980	1,3000	0,8196	0,1100	—
7..	124,8486	—	49,5000	17,0000	11,6152	—	7,4636	—	—	1,7076	1,3000	0,8887	—	—
9..	125,0000	—	48,9549	—	—	—	—	—	—	1,6565	1,3000	—	—	—
10..	123,8270	—	48,7054	—	11,2198	—	7,2933	5,4000	—	1,7095	—	—	0,1150	—
11..	129,6136	—	48,8834	17,2000	11,3604	—	7,2000	4,9000	1,9000	1,7113	—	0,8250	0,1167	0,0750
12..	124,4090	—	48,8980	—	11,2086	—	8,5000	—	—	1,7225	1,2000	0,8903	0,1180	—
13..	123,0594	—	49,3555	15,5000	11,5600	—	7,3724	5,1000	2,1000	1,7106	1,1341	—	0,1185	—
14..	124,0000	—	49,0345	—	11,5333	—	—	—	—	1,7150	1,2000	—	0,1189	—
16..	127,1196	—	49,2403	17,2200	11,8000	—	—	—	—	—	1,2500	—	0,1180	—
17..	128,1491	—	49,7402	17,2000	—	—	6,9000	5,6000	—	1,7365	1,3000	0,9200	0,1190	—
18..	127,1003	—	50,0685	17,6800	11,6952	—	7,0000	—	2,2000	1,7388	1,3000	0,9400	0,1190	0,0770
19..	127,0377	—	51,3177	—	12,0257	—	—	—	—	1,7573	1,3000	0,8000	0,1200	—
20..	136,5371	—	51,0081	17,9705	11,9798	—	7,5500	—	2,2000	1,7646	—	0,9500	0,1220	0,0770
21..	130,0184	—	50,8515	—	12,3500	10,5000	7,2000	5,6000	2,3000	1,7407	1,2500	—	0,1210	—
23..	127,0000	—	50,6036	—	—	—	—	—	—	1,7178	1,3000	—	0,1210	—
24..	127,8288	53,1000	51,3612	16,0000	12,0200	—	7,8000	5,2000	2,3000	1,7896	1,0500	0,9257	0,1215	—
25..	133,5504	—	51,4080	17,0000	11,9800	—	7,9779	5,5000	2,3205	1,8018	1,3000	0,9000	0,1240	0,0700
26..	132,5780	53,5000	52,2694	18,0200	12,2162	—	8,2955	—	2,5000	1,8009	—	—	0,1252	0,0770
27..	143,9244	—	53,0930	—	12,4500	—	8,3763	5,5000	2,4500	1,8482	1,3423	—	0,1250	0,0800
28..	143,2694	—	53,5803	17,0000	12,6000	—	—	—	2,6383	1,9331	1,3500	—	0,1400	—
30..	140,0000	—	53,2819	18,2000	—	—	—	—	—	1,9094	—	0,9000	0,1283	—
Md.	**128,8031**	**53,3000**	**50,1692**	**16,9493**	**11,7466**	**10,5000**	**7,5441**	**5,3400**	**2,3098**	**1,7452**	**1,2486**	**0,8791**	**0,1194**	**0,0760**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

SECRETARIA DA FAZENDA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE NOVEMBRO DE 1953, DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA

	CR$	CR$	CR$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	36.294.019,50		
Patrimonial	20.005.584,60	56.299.604,10	
Extraordinária			
Diversos		23.544.857,20	79.844.461,30
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber ..			1.603.499,10
			78.240.962,20
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		824.735,60	
Diversos		104.966.890,20	105.791.625,80
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		665.627,10	
Em Bancos		12.910.324,00	
Correspondentes no Estrangeiro		5.810.837,70	19.386.788,80
			203.419.376,80

DESPESA

	CR$	CR$	CR$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviço da Dívida Externa ...	11.446.169,80		
Encargos Diversos	8.292.671,60		
Administração	9.054.289,20	28.793.130,60	
CRÉDITOS ESPECIAIS			
Administração		88.327.298,80	117.120.429,40
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Pagar			97.953,20
			117.022.476,20
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1951		650,00	
Restos a Pagar — 1952		5.921.486,80	
Depósitos		20.700,00	
Diversos		56.672.978,70	62.615.815,50
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Caixa		737.279,40	
Em Bancos		23.043.805,70	23.781.085,10
			203.419.376,80

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 30 de Novembro de 1953

(a) WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto
G. Livros CRC — Sp. 5159

VISTO
(a) PEDRO DE SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

Valor das diversas moedas em dolar — Dezembro de 1953

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$ livre	B. Aires pêso	Montevidéo pêso	Paris franco	Berna franco	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder	Brasil Cr$ oficial
1	2,81 1/16	1,02 9/16	0,01 90	0,07 25	0,33 75	0,0028 5/8	0,23 25 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 43	0,05 50
2	2,81 3/16	1,02 1/2	0,01 90	0,07 25	0,33 75	0,0028 5/8	0,23 25 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 43	0,05 50
3	2,81 1/8	1,02 19/32	0,01 88	0,07 25	0,33 75	0,0028 5/8	0,23 28 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 43	0,05 50
4	2,81 3/16	1,02 9/16	0,01 88	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 28 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
7	2,81 3/16	1,02 11/16	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 28	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 44	0,05 50
8	2,81 3/16	1,02 23/32	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 27 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 43	0,05 50
9	2,81 1/8	1,02 11/16	0,01 88	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 27	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 43	0,05 50
10	2,81 3/16	1,02 3/4	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 27	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
11	2,81 3/16	1,02 27/32	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 27	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 42	0,05 50
14	2,81 1/8	1,02 31/32	0,01 85	0,07 25	0,33 25	0,0028 5/8	0,23 26 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
15	2,81 3/16	1,02 31/32	0,01 83	0,07 25	0,33 25	0,0028 5/8	0,23 30	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
16	2,81 3/16	1,02 31/32	0,01 81	0,07 25	0,33 25	0,0028 5/8	0,23 31	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
17	2,81 1/8	1,02 3/32	0,01 74	0,07 25	0,33 25	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
18	2,81 1/16	1,03 1/16	0,01 75	0,07 25	0,33 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
21	2,81 31/32	1,02 31/32	0,01 75	0,07 25	0,33 00	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
22	2,81 3/32	1,02 31/32	0,01 75	0,07 25	0,33 00	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
23	2,81 00	1,02 31/32	0,01 75	0,07 25	0,33 00	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
24	2,81 00	1,02 31/32	0,01 75	0,07 25	0,33 00	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
28	2,81 00	1,02 31/32	0,01 77	0,07 25	0,33 00	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
29	2,80 7/8	1,02 13/16	0,01 86	0,07 25	0,33 00	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
30	2,81 00	1,02 9/16	0,01 83	0,07 25	0,33 25	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
31	2,81 00	1,02 9/16	0,01 83	0,07 25	0,33 25	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,02 65	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 42	0,05 50
Média ..	**2,81 7/32**	**1,02 13/16**	**0,01 82**	**0,07 25**	**0,33 05**	**0,0028 5/8**	**0,23 29 23/32**	**0,19 35**	**0,02 65**	**0,03 50**	**0,0200 3/4**	**0,26 42**	**0,05 50**

— AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de endereço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

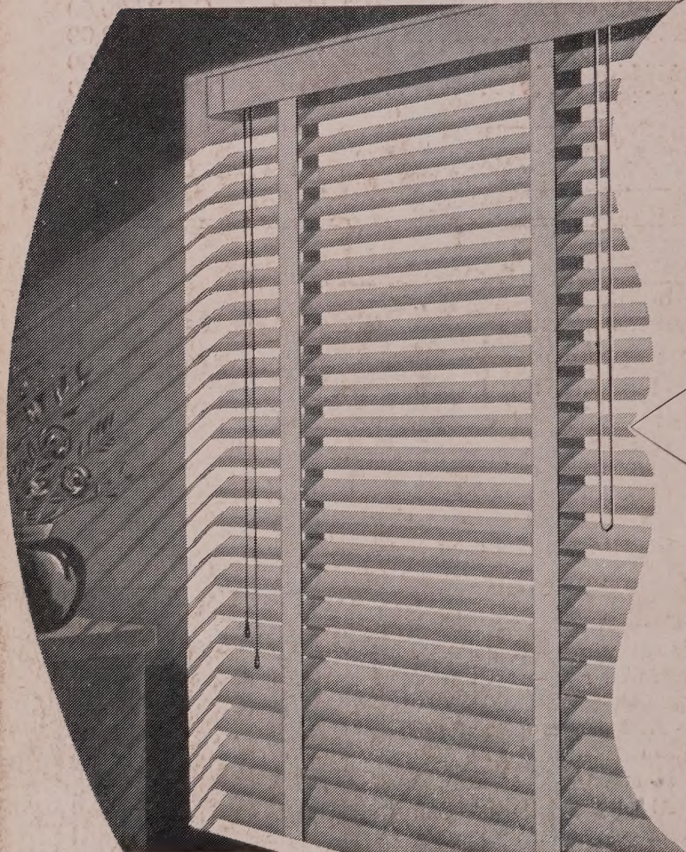
Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.

As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como o melhor.

As côres maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.

As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.

Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradavel.

ESCRITÓRIO:
Rua Xavier de Toledo, 266 - 9º, s/95 e 96 - Tel. 32-9579
FÁBRICA: Rua Backer, 646 - Tel. 31-9031 - SÃO PAULO